

*«Falha humana» pode paralisar a CP*

## Maquinistas respondem com hipótese de greve

Milhares de pessoas participaram, ontem, à tarde, em Alverca, no funeral de seis das vítimas do acidente ferroviário ocorrido na Póvoa de Santa Iria, que eram alunos da Escola Preparatória local. Entretanto, e após a divulgação do relatório do inquérito preliminar sobre as causas do acidente, e da suspensão dos maquinista e condutor do rápido da Covilhã, o Sindicato dos Maquinistas, como forma de protesto, poderá vir a desencadear uma greve.

Pág. 11

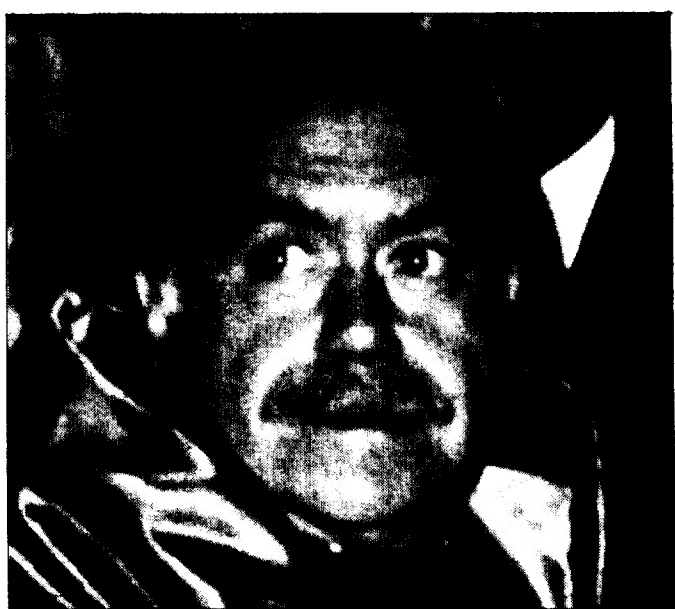


Apesar dos 280 mil contos de lucro em 84

## Panasqueira propõe 500 despedimentos

A multinacional concessionária das Minas da Panasqueira na Beira apresentou aos trabalhadores uma proposta de Acordo de Empresa que, a ser aceite, implicaria a redução de 38 por cento dos efectivos do pessoal, ou seja, o despedimento de 527 mineiros. A proposta foi entregue no início do mês e um plenário realizado na terça-feira rejeitou-a decidindo, ainda, os mineiros só aceitar a sua discussão desde que o acordo salvasse os despedimentos.

Continua na pag. 24



Houve «banho de multidão»

## Sarney evoca passado liberal dos portuenses

Pág. 6

# LÍBIA:

## algumas dúvidas do pós-raide

O semanário líbio «Jamahirya» — órgão dos Comitês Revolucionários — critica o comportamento dos líbios durante o raid de 15 de Abril: a DCA foi lenta a entrar em acção; as luzes de Trípoli ficaram acesas; centenas de habitantes fugiram da cidade.

No cartaz, colocado como tantos outros, numa parede de Trípoli, ele não tem, como é costume, nem o turbante à maneira dos beduínos nem o boné militar. O seu cabelo farto está cuidadosamente penteado para trás. O seu rosto mostra-se um pouco empastado mas o sorriso apresenta-se, como sempre, angélico, e o olhar, inspirado. O artista quis um Kadhafi mais profeta do que guerreiro.

Em pano de fundo o país que ele sonha: uma Líbia irrigada por um gigantesco rio artificial, percorrida de máquinas de lavoura, salpicadas de fábricas ultramodernas, povoada de cidadãos-soldados. Uma nação de revolucionários ocupados a construir um novo mundo, o dispostos, seguindo o «guia», a sacrificar-se pela luta anti-imperialista e pela unidade árabe.

A realidade é diferente, muito mais prosaica. A primeira lição a tirar do raid americano e dos dias que se lhe seguiram, é que nunca a população líbia pareceu tão afastada das aspirações do coronel. Ele teria desejado uma agitação militar, uma mobilização maciça contra o agressor, «o povo armado» na rua, gritando ao seu côlera. Nada disso aconteceu.

O primeiro reflexo dos habitantes de Trípoli foi fugir da cidade ou fechar-se em casa. Passado um instante de estupefacção e talvez um breve assomo de orgulho e de solidariedade nacional, o que se viu nos dias seguintes foi a indiferença. Uma indiferença que contrastava estranhamento com o discurso inflamado dos dirigentes.

Toda a semana passada, à hora do jantar, os Comitês revolucionários — o equivalente do partido único no sistema do «Estado das massas» — organizaram manifestações na capital, mas sem grande êxito. Os desfiles só reuniram algumas dezenas de jovens, e atraíram mais os jornalistas estrangeiros do que os de Trípoli. Na sexta-feira que se seguiu ao raid, a prédica, nas mesquitas, não suscitou entusiasmo militante nem irrupções antiamericanas.

Embora os slogans do regime estigmatizassem Reagan, o bárbaro necrófago e Thatcher, a assassina de crianças, a população pareceu reagir com uma total passividade. Houve mais manifestantes em Khartum ou nos campos da universidade de Tunis, do que em Trípoli. Não é este o menor paradoxo de Kadhafi. Ele provoca, sem dúvida, mais fervor entre os desertados do mundo árabe e africano do que entre os seus concidadãos, que o maná petrolífero emburgesou um pouco. Para o «chefe da revolução» é um sinal de alarme, um índice que não pode negligenciar.

Os líbios explica um diplomata, detestam a assustadora imagem que o seu país tem no estrangeiro. Eles toleram o activismo revolucionário dos seus dirigentes enquanto isso não tiver para eles grandes consequências. Mas se as bombas caírem em Trípoli e Benghazi, as coisas podem ser diferentes. Em público ninguém diz nada, mas o rádio-medina funciona muito bem, veiculando um certo sentimento de cansaço.

Daí a concluir que a preeminência do coronel foi gravemente prejudicada pelo raid, e que o «guia» foi colocado à margem do poder pelos seus companheiros mais próximos, constituídos em junta governativa, vai, porém, uma passo que a maior parte dos diplomatas interrogados em Trípoli, se recusaram a dar.

Alguns observadores espantaram-se com a relativa discórdia de Kadhafi depois do raid. Manifestou-se pouco em público e não se encontrou com a Imprensa ocidental, deixando o lugar a alguns fiéis como os comandantes Abdessalam Jalud e Khruildi Al Hamidi, que formam, com o coronel Mohamed Kharubi e o general Abu Bakr Yunes os quatro últimos «companheiros históricos», os que deram o golpe de Estado em 1969.

Claro que estes homens contam, em especial o comandante Jalud, «número dois do regime» que está, ao que parece, em bom lugar em

caso de sucessão. Ao que se diz, em bons termos com os soviéticos e os argelinos, é responsável pelo principal sector económico, o petróleo, e dirige as finanças públicas desde que deixou de haver governador do banco central.

Em todo o caso, nenhum dos «históricos» é verdadeiramente popular nem dispõe do carisma do seu chefe.

Kadhafi continua a ser o patrão, dizem, a maioria dos diplomatas ocidentais e árabes em Trípoli. Foi ele quem recebeu os raros visitantes estrangeiros de passagem na Líbia, depois do raid. Deu entrevistas a «medias» do Leste, a um jornalista da oposição egípcia, e a um enviado especial indiano de um jornal britânico. Se deixou os companheiros subir a primeira linha, foi para os forçar a testemunhar a sua solidariedade num momento difícil. É certo que houve um período de incerteza nas vinte e quatro horas que se seguiram ao raid. Mas o coronel Kadhafi, apoiado pelos comitês revolucionários, parece ter retomado, e depressa, as coisas nas mãos.

Os problemas de fundo mantêm-se perigosos. Para o dirigente líbio eles são essencialmente de duas ordens: descontentamento no exército e as dificuldades económicas.

### Um exército descontente

É, antes de mais, do exército que o perigo parece vir. De um exército humilhado no Tchad, sensibilizado pelo choque com os Estados Unidos, totalmente dependente do estrangeiro através do material muito complexo de que dispõe. Um exército já severamente depurado depois da tentativa de golpe de Estado de Maio de 1984.

É também um exército altamente vigiado, com «oficiais revolucionários» que são, no seio da instituição militar, o equivalente dos comitês revolucionários.

Estes oficiais, mais políticos do que técnicos, controlam os depósitos de munições, de preferência aos «profissionais» formados no Leste ou no Oeste, e nos quais a confiança do regime é muito relativa.

Kadhafi sempre desconfiou do exército, diz um observador europeu. Ele precisa de um exército profissional para as suas pretensões regionais, mas tem medo do perigo potencial que ele representa. Em suma,



Coronel Kadhafi: enfrentar as dúvidas na sequência do raid americano

o poder tem de encontrar um equilíbrio entre os oficiais «profissionais» e os «políticos», embora sem hostilizar os primeiros.

Ora, logo no dia seguinte à operação americana manifestou-se no exército um nítido descontentamento. A acreditar num observador digno de crédito, no dia 16 de Abril, vinte e quatro horas depois do bombardeamento, alguns oficiais superiores procuraram o coronel Kadhafi para lhe comunicar o seu ressentimento.

A sua mensagem era simples: não é possível continuar assim, sem munições, num estado de impreparação perigosa. Em suma, continuar o confronto com os Estados Unidos apresenta riscos que podem levar a um estado de revolta no seio do exército. Este é um sinal de alarme que o regime não pode registar com indiferença.

O mesmo acontece no aspecto económico. Em 1980, a Líbia dispunha de 23 mil milhões de dólares, de lucros petrolíferos. Em 1981 só tinha 16, 14 em 1983, 11 em 1984 e 4 hoje, com uma produção calculada em 900 000 barris por dia. A queda é brutal.

### A queda dos lucros petrolíferos

Claro que as reservas em divisas do país continuam a ser

substanciais: uns 5 mil milhões de dólares. Mas a dívida militar a Moscovo é avaliada em 4 mil milhões de dólares, e a Líbia pagá-la-ia em fornecimentos de petróleo ao preço particularmente baixo de 13 dólares por barril — o protector e amigo não é doce em negócios.

Quatro mil milhões de dólares de lucro anual são uma bonita soma para uma nação de três milhões de habitantes.

Mas em todo o caso é preciso começar a apertar o cinto num país onde tudo ou quase tudo é importado. Alguns grandes projectos de infraestruturas tiveram de ser adiados. Este ano numerosos trabalhadores estrangeiros, principalmente tunisinos e egípcios, tiveram de ser despedidos, e isso deu um golpe na agricultura.

Enfim, consequência mais impopular, faltas de produtos de grande consumo — carne, café, manteiga, surgem frequentemente, mesmo por períodos de curta duração.

Acrescente-se à lista das dificuldades que ameaçam o regime, um «perigo integrista» nascente. Pode constatar-se com prudência que o poder parece desconfiar cada vez mais do aumento de actividade de certas confrarias muçulmanas, e que o Islão modernista do coronel Kadhafi nem sempre é bem aceite por uma população ainda ligada a certos valores

tradicionais.

A Líbia não é um país «fundamentalista», no sentido em que o pode ser o Irão. O lenço islâmico é mais raro nas ruas de Trípoli do que nas de Tunis ou de Argel. Fora das embaixadas, o álcool está ausente da cidade. Mas aqui, e isto não é frequente no mundo árabe, as mulheres guiam automóveis, saem sozinhas, fazem um serviço militar, andam pelas ruas da capital de *battle-dress* ou jeans, e são quase metade dos estudantes das universidades.

Perante uma situação difícil, o coronel Kadhafi pode contar com a eficácia dos comitês revolucionários. Mobilizam-se rapidamente logo no dia que se seguiu ao raid americano.

Mas que peso teriam em caso de conflito aberto com as forças armadas? E que campo escolheria então o aliado soviético, preocupado antes de mais em salvaguardar, com a Líbia, um importante ponto de apoio estratégico no Mediterrâneo? A questão ainda não se põe. Mas o coronel Kadhafi tem bastante septido político para o encerrar. Para além das suas quimeras, o autor do *Pequeno Livro Verde*, é homem para medir a evolução das relações de força e para as ter em conta.

(Le Monde)

# Carta do bispo de Aveiro a propósito do caso da jovem violada pelo pai

**Senhora D. Bárbara Lopes:**

Li com toda a atenção a «Carta aberta» que me escreveu no «Diário de Lisboa», do passado dia 12, a propósito do caso da jovem que foi violada pelo próprio pai — caso sobre o qual tinha sido pedido o meu parecer na entrevista que dei para o programa «Nem mais nem menos...», da Antena 1.

Não é para mim indiferente — peço que creia na minha sinceridade — o sofrimento de uma mulher violada contra sua vontade, e ainda mais quando se trata de uma jovem e o autor da violação ser o próprio pai. A palavra que encontrei para classificar esse acto foi a seguinte: uma monstruosidade!

Ao referir-me à violação dessa jovem eu tinha presente o caso de outras violações: a de uma mulher casada, da minha terra, que, violentada por soldados negros por ocasião da convulsão que acompanhou a independência do Congo Belga, assumiu o aparecimento de um novo filho entre os que já tinha, mas este marcado pelos índices da origem paterna. Essa mulher — que podia legalmente ter recorrido ao aborto — aceitou que ele nascesse e hoje não quer menos a esse filho do que aos outros que já tinha gerado.

Tinha presente também o caso de religiosas que, violadas por soldados negros que invadiram os conventos, e tendo en-

gravidade, assumiram dolorosa mas honradamente a situação criada.

Não tenho dúvida de que violentações deste género representam uma forma de martírio, tanto ou mais afrontoso do que o cortar dos dedos ou o arrancar da língua; e que, quando as pessoas conseguem assumir as suas responsabilidades, se tornam dignas de figurar em páginas novas do «Martirologio».

Há situações na vida onde, considerando as coisas objectivamente, isto é, do ponto de vista dos princípios éticos, a única saída honrosa é a porta da heroicidade. Não são muitos os que conseguem essa heroicidade. Tanto pior! Mas quando estas situações se repetem é dever de todos nós não cortar as asas às pessoas (como se não fossem capazes de mais), mas ajudá-las a assumir as atitudes que as dignificam.

Estou já a passar para o outro aspecto da questão: a atitude a tomar perante a nova vida que surgiu. Não é possível demonstrar cientificamente que a «vida nova» só começa a ser vida «humana» após doze semanas de gestação e que antes o não seja. Qualquer que tenha sido o modo como foi gerado (mesmo que o tenha sido por um acto criminoso), o feto é uma pessoa humana e tem direito a que a sua vida seja respeitada. Não se pode suprimir uma vida humana como quem lanceta um abcesso. Suprimir essa vida humana, por

um abortamento directamente provocado, é um acto **eticamente reprovável**, mesmo que não caia debaixo da alçada do direito penal.

Uma violentação — para mais acompanhada de engravidamento de que é responsável o próprio pai — é normal que constitua **um abalo psicológico**, para qualquer pessoa, muito mais para uma rapariga de 15 anos. Mas, quando não houve convívência, esse trauma psicológico não é eticamente imputável à pessoa que sofreu a agressão. A vítima não tem que se sentir culpada nem de alimentar sentimentos de culpa.

O mesmo não acontece, porém, quando a pessoa suprimiu a vida que consentiu que fosse suprimida por um abortamento directo.

É esse trauma ou abalo de carácter ético ou moral —

qualitativamente diferente do abalo psicológico da violentação e muito mais marcante da personalidade — que devia ter sido evitado à jovem que foi violada. Ajudando-a a assumir a gravidez e a maternidade, o médico ou a enfermeira estariam, por um lado, correspondendo à missão para que foram vocacionados — que é a de salvar a vida e não de a matar — e, por outro, estariam criando condições para que a jovem afirmasse a sua qualidade moral.

Este é um trabalho mais prolongado e mais difícil do que pegar no bisturi e destruir uma vida. Os médicos que o fizeram optaram pelo mais fácil. O tempo dirá qual dos dois processos era, de um ponto de vista humanista, o mais aconselhável. Para já não só foi destruída uma vida; foi também destruída uma personalidade moral. E isso fica a pesar para a vida inteira.

Não é uma desonra ser violentada; mas é eticamente reprovável (e isso, sim, **deveria constituir uma desonra**) destruir voluntariamente uma vida que começou a existir.

A V. Ex.<sup>a</sup> esta minha posição terá parecido uma expressão de «irresponsabilidade» e de «farsaísmo». São acusações muito graves que nunca ouvi na minha vida, que já não é muito curta. Não as tomo como um insulto, pelo simples facto de julgar que elas procedem de uma sensibili-

dade generosa de mulher, mas que, por isso mesmo, correm o risco de não ser lúcidas em igual medida.

Pergunta-me V. Ex.<sup>a</sup>, a propósito do incesto, se eu gostaria que constasse semelhante informação da minha cédula pessoal.

Mas não está a ver que a sua pergunta — e o pensamento que lhe está subjacente, — incorrem precisamente no vício que lhe causa tão veemente repulsa?

Ser filho de um incesto ou ser filho de «pai incógnito» não constitui nenhuma infâmia, a não ser para o próprio pai, sobretudo quando se trata — como é o caso — de uma violentação. Não existem filhos «ilegítimos». O que pode existir, isso sim, são pais «ilegítimos». Só numa ética de **formalismo social** — aquilo que V. Ex.<sup>a</sup> apelida justamente de «farsaísmo» — é que um filho «ilegítimo» pode ser objecto de menosprezo da sociedade. Esse formalismo farsaico repudio eu também do mais fundo de mim mesmo.

Podia, também eu, enviar esta carta, em forma de «carta aberta», à redacção do jornal onde a sua foi publicada, certo de que o jornal a publicaria. Preferi enviar-lha pessoalmente. Doe-me que a pena de V. Ex.<sup>a</sup> no entusiasmo da sua indignação, tivesse resvalado para expressões como são as de «irresponsabilidade» e de «farsaísmo» em relação a uma pessoa que V. Ex.<sup>a</sup> não conhece.

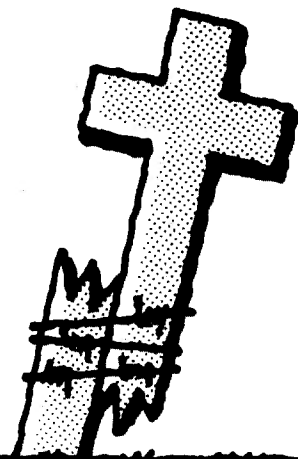
Não lhe levo a mal. A vida tem-me ensinado que não interessa nada responder a uma palavra agreste ou mesmo a um insulto com outra palavra do mesmo género. Não deixemos degenerar esta troca de pontos de vista sobre um problema tão delicado, em que estão em jogo valores de uma enorme importância. Ao tomar conscienciosamente a atitude que tomei não tive apenas presente a sorte de um novo ser humano — um ser humano que é um ser «irrepetível» — mas também a dignidade moral de uma rapariga. De uma rapariga que eu lamento que não tenha sido ajudada a assumir a sua maternidade, de modo a sentir-se dignificada, antes de mais aos seus próprios olhos e da sua consciência e, depois, também aos olhos da sociedade, que não deixaria de admirar pela sua coragem moral.

Esta carta é pessoal, mas V. Ex.<sup>a</sup> poderá dar-lhe o destino que entender. No caso de ser publicada, ponho duas condições para a sua publicação: 1.<sup>a</sup> — a de ser publicada na íntegra; 2.<sup>a</sup> a de ser publicada como está, sem qualquer comentário. Que seja o público, e não o jornal, a julgar da justeza das nossas afirmações.

Desejo-lhe, minha Senhora, as melhores felicidades.

Aveiro, 18 de Abril de 1986

**Manuel de Almeida Trindade**  
Bispo de Aveiro



## A resposta de Bárbara Lopes ao senhor bispo

**Senhor Bispo:**

Percorre a sua carta um tom geral de cordialidade que lhe agradeço. Tenho pena de, como diz, lhe terem doído algumas expressões por mim usadas. Não o fiz para o magoar, nem, sequer, para o insultar. O insulto não é meu timbre, e, se o tivesse feito, aqui mesmo, estaria a apresentar-lhe as minhas desculpas, porque me habituaram, tal como ensino, hoje, aos meus filhos, a respeitar todas as pessoas, qualquer que seja a sua condição ou idade. Também não me «resvalou» a pena, porque o que escrevi, mantenho-o. Com a lucidez de que sou capaz. Não com a sensibilidade, cujo epíteto de «generosa» não esconde, como sabe, a desclassificação. Porque parece ignorá-lo, sr. Bispo, aproveito a oportunidade para o esclarecer de que as mulheres são, também, capazes de lucidez e, de um modo geral, informam-na com a riqueza da sua sensibilidade.

Propõe V. Ex.<sup>a</sup> não deixarmos, por questões pessoais,

«degenerar esta troca de pontos de vista sobre um problema tão delicado em que estão em jogo valores de uma enorme importância». Venho, pois, procurar enriquecer esta troca, por causa dessa importância.

Toda a sua argumentação me aparece baseada em princípios éticos. Não discuto a validade do método. Só me permito lembrar-lhe que não posso aceitar a afirmação de que são eles que fundam a realidade objectiva. Tempos e culturas diversos criam os seus sistemas éticos que, com eles, se vão alterando. A realidade social, por que é devir, não pode considerar imutáveis os seus valores. A práxis vai-os transformando e enriquecendo-os com novas experiências da realidade e resultados de novos conhecimentos do mundo e dos homens. É, precisamente, o que acontece com o princípio do respeito pela vida humana, conceito sempre mais elaborado, à luz das ciências do homem, e, por isso mesmo, ultrapassando, cada cada vez mais, o nível da biologia. Afirma V.

Ex.<sup>a</sup> «não é possível demonstrar cientificamente, que a «vida nova» só começa a ser vida «humana» após doze semanas de gestação e que antes o não seja». É verdade. Mas, a meu conhecimento, o contrário também não foi ainda demonstrado. Não deixa de ser curioso que a Igreja se reclame tanto da ciência, neste domínio. Ela que supliciou pensadores e cientistas só porque o foram. É, este, um lugar-comum estafado, bem sei. Mas nunca deixará de ser verdadeiro, e útil será sempre lembrá-lo a fim de se irem evitando novas «inquisições», porventura mais subtis e igualmente perigosas. Também me merece especial referência o facto de a mesma Igreja abençoar batalhões que, ao partirem para a guerra, vão semear a morte. Aliás, não conheço nenhuma encíclica que condene, em absoluto, toda e qualquer guerra. Pelo contrário, tenho presente a teoria (e a prática) da guerra santa. E, no entanto, que haverá, sobre a terra, com menos respeito pela vida? De

passagem, faço notar que as vidas que ela anula ninguém tem dúvidas de que o são. Vidas em acto pleno, essas, e não já, apenas, em esboço. Compreende, agora, V. Ex.<sup>a</sup>, porque falo de farsaísmo?

Nos seus aspectos individuais, esta defesa da vida humana levanta, igualmente, grandes problemas, à luz das modernas correntes do pensamento sobre o homem e a sociedade, porquanto, se sabe que esta, longe de sofrer, de modo passivo, as forças naturais, procura dominá-las e pô-las ao serviço da sua própria evolução. Assim, podemos dizer que a humanidade, no seu conjunto, afirma-se menos como uma espécie animal do que como uma criação histórica, ou, se preferir, cultural. Neste contexto, não é difícil admitir que a mulher, parte constitutiva dessa realidade histórica, seja muito mais do que um útero — vão, pois, passando os tempos do «tota mulier in utero». Com esta realidade, esta sim, objectiva, está V. Ex.<sup>a</sup> em oposição, ao

considerar que, fecundada contra a sua vontade, a mulher deve tornar-se mãe. De modo mecanicista. Instrumento passivo ao serviço da espécie. Quer V. Ex.<sup>a</sup> que «seja o público a julgar da justeza das nossas afirmações». Que seja. Felicitando-o por dispor de certezas tão construídas, aqui lhe digo, a si, sr. Bispo, e ao público, que, certas, eu não tenho. Procuro, isso sim, estar atenta, o melhor que sei e posso, ao processo de crescimento, em curso, para formas superiores de se ser homem, e aos problemas que, desse processo, decorrem para os homens e as mulheres deste tempo, que é, também o meu. Creio, no entanto, poder afirmar-lhe que um embrião que se fixe no ventre de uma mulher, sem que lhe venha do homem que ela ama, ou seja querido por razões que não vêm ao caso, pode, de facto, ser sentido como um abcesso — V. Ex.<sup>a</sup> sugeriu-me a palavra exacta. E dos abcessos, há que livrar-nos, com ou sem bisturi.

Surpreende-me o facto de, na

sua carta, se debruçar, unicamente, sobre o aborto, que, sendo central neste processo, não o esgota, a meu ver. Para mim, foi muito determinante V. Ex.<sup>a</sup> passar, praticamente, em branco, sobre o crime social, grave, que é o incesto, sem o anatemizar com a violência com que o faz para o aborto, mesmo nas circunstâncias do que nos temos vindo a ocupar. Chamou-lhe «monstruosidade», é um facto. Mas que adianta um nome feio, se a substância do acto não é analisada, principalmente, nas suas consequências ao nível do grupo social? Repare, V. Ex.<sup>a</sup>, que, ao afirmar que «ser filho de um incesto ou ser filho de pais incógnitos» não constitui nenhuma infâmia, além de mais uma vez, considerar, este, um problema individual, coloca o incesto na categoria dos acontecimentos banais, resultante de um quase determinismo social, sem grandes consequências, visto que apenas o pai é passível de uma vaga censura do grupo, o que, com

(Continua na pag. 4)

## Alianças e alternativa em causa

# MDP rejeita afirmação de Cunhal

Em nota do seu Departamento de Informação, tornada pública esta manhã, o MDP/CDE «rejeita» a afirmação de Álvaro Cunhal, inserida em entrevista ontem publicada pelo matutino «O Diário», e segundo a qual o abandono do MDP da aliança com o PCP «seria o caminho para a perda da sua identidade partidária e da sua independência e para asua própria liquidação».

Frisando que «só ao MDP compete decidir» que tipo de alianças lhe interessa, o partido dirigido por José Manuel Tengarrinha considera que o MDP/CDE «como partido político assume-se nos seus valores próprios, demonstrados ao longo dos últimos 12 anos, e que o colocam natural e obrigatoriamente na convergência necessária para uma alternativa democrática».

As referências de Cunhal ao MDP na citada entrevista vêm na sequência de uma das respostas do líder comunista para quem a «questão decisiva para uma alternativa democrática é sem dúvida a convergência do PCP, PS e PRD».

# Constâncio e Gama: debates começam no domingo

Iniciam-se no próximo domingo em Coimbra, os frente-a-frente negociados pelas candidaturas de Vítor Constâncio e Jaime Gama. Às nove e meia da noite, na sede da federação do PS, os dois candidatos à sucessão de Mário Soares vão-se enfrentar directa e publicamente perante uma plateia constituída por militantes socialistas.

Será o primeiro debate público entre os dois líderes socialistas que ontem tiveram um debate em privado, moderado por Raul Rego e ao qual assistiram apenas o director e o director-adjunto do semanário do PS «Acção Socialista», respectivamente António Macedo e António Manuel. No próximo número do «AS» esse debate será publicado na íntegra.

À entrada para a sede do Largo do Rato, nem um nem outro dos contendores prestou declarações.

Meia hora depois do horário previsto — Jaime Gama chegou atrasado — sentaram-se ambos na mesa do estúdio de gravação ali existente. Constâncio comentou o impacto positivo para o jornal que o debate teria. E acrescentou que com outros debates públicos — Gama propôs um por federação socialista — o «AS» seria desvalorizado.

Resposta de Gama: «Mas ter-se-ia valorizado o PS». E Constâncio: «Talvez valorizasse a tua candidatura». Ponto final de Gama: «Não precisa?»

O segundo «round» foi com os jornalistas. Gama, quando estes se preparavam para deixar o estúdio, disse: «Por mim podem ficar». Constâncio afirmou que a saída dos jornalistas tinha sido uma imposição do «AS», para salvaguardar a sua

edição de hoje. António Manuel, da direcção do semanário socialista esclareceu que tinha sido acordado entre as duas candidaturas.

Mais debates, depois do de domingo no Porto, se vão seguir. Em Setúbal, no dia 15, também na sede do PS e também às nove e meia da noite. No Porto a data aprazada é 19, na sede da federação. Depois realiza-se novo debate em Lisboa para publicação no «Acção Socialista».

Ontem à noite, Vítor Constâncio esteve em campanha num jantar com os socialistas do Cartaxo. «Temos de afirmar o PS como único partido em Portugal que é representante da social-

-democracia europeia e sermos alternativa ao PSD e a Cavaco», disse.

Insistiu depois, demarcando-se de Jaime Gama, que em termos de moções apresentadas ao congresso, «eu tenho a diferença de demarcar bem as fronteiras com o pensamento puramente liberal».

Quanto a novas eleições, precisou que aposta se for eleito secretário-geral «na conquista de votos da zona APU de modo a fazer descer a votação do PCP. Esse é um papel e uma missão que o PS tem em Portugal. É por isso que temos de lutar e olhar o futuro é já mudá-lo», garantiu o ex-governador do Banco de Portugal, segundo dá conta um «telex» divulgado pela Anop.

Hoje à noite, os dois candidatos ao cargo de secretário-geral do PS vão estar ao mesmo tempo a fazer campanha em Torres Vedras. Naturalmente separados.

J.M.V.



Cumprimento em debate «privado»

## Na data do primeiro aniversário da sua morte

# Figuras do Estado evocaram ontem a memória de Mota Pinto

O presidente do Senado italiano, Amintore Fanfani, enalteceu ontem em Coimbra o contributo de Mota Pinto na vida cultural italiana, «particularmente na Universidade de Roma». Também o Presidente da República elogiou a figura do antigo Primeiro-Ministro, uma «figura liberal, na acepção mais ampla da palavra, um parlamentar de rara qualidade e um líder partidário respeitado».

Fanfani e Mário Soares falaram assim na sessão solene evocativa do primeiro aniversário do falecimento de Carlos Alberto da Mota Pinto, realizada em Coimbra, no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras da Universidade.

O presidente do Senado italiano disse que se deslocou positivamente a Portugal «para render homenagem a um nobre filho da Pátria portuguesa e também ao insigne professor e humanista». Salientou o papel desempenhado por Mota Pinto como professor, encorajando os jovens, porque tinha consciência plena de que eles são o suporte da sociedade do amanhã, dada a sua capacidade explosiva para enfrentar a inovação tecnológica.

## Soares recorda relação com Mota Pinto

Citou o homenageado para dizer que «é necessária mais justiça e com justiça mais paz», e referiu o papel de destaque do ex-líder social-democrata na Universidade de Roma, «onde fez uma das suas últimas aparições públicas». «Hoje, digo Pátria portuguesa com o mesmo ânimo que refiro a pátria italiana, encorajado que fui pela obra de Mota Pinto, ao mostrar-me que Portugal não é mais

um simples pedaço da península Ibérica» — concluiu.

Ao referir-se à colaboração que mantiveram enquanto membros do Governo PS/PSD Mário Soares salientou entretanto que «o entendimento político estabelecido só pode manter-se graças a um sentido de fidelidade ao interesse nacional, ao respeito mútuo e à isenção que caracterizaram o nosso relacionamento». «Foi esse clima de lealdade e de confiança recíprocas que se foi desenvolvendo ao longo do tempo e a consciência muito viva de que era necessário evitarmos naturais divergências partidárias face à difícil situação a enfrentar, que fizeram nascer entre nós uma amizade pessoal que muito me honrou», concluiu Soares.

Entre os participantes na sessão, que encheu por completo o teatro Paulo Quintela, encontravam-se Maria Barroso, Álvaro Barreto, ministro da agricultura, Manuela Aguiar, secretária de Estado de Emigração, Amândio de Azevedo, João Salgueiro, Proença de Carvalho, José Augusto Seabra e o general Pires Tavares, comandante da Região Militar do Centro.

Ontem todas as bancadas parlamentares se associaram à homenagem que o líder do grupo parlamentar do PSD, António Capucho, prestou à figura de Mota Pinto no dia em que se comemorou o primeiro aniversário da sua morte.

O PS e o PRD, através de António Vitorino e José Carlos de Vasconcelos, respectivamente, também se associaram às palavras de Capucho, recordando a acção política do antigo dirigente social-democrata.

# A resposta de Bárbara Lopes ao senhor bispo

Continuação da pág. 3

toda a evidência, não muda nada à questão. Será, então, pacífico para V. Ex.<sup>a</sup> que uma sociedade pode ser constituída por indivíduos frutos de uniões incestuosas? Parece que não haverá problema, desde que as mulheres tenham a paciência de suportar violações e gravidezes não desejadas, e, sobretudo, saibam fazer de tais desastres, o motivo da sua dignidade e da sua honra. Francamente, sr. Bispo, não sei que dizer-lhe senão que, para confusão, bem basta o que basta. Veja, V. Ex.<sup>a</sup>, que o trauma psicológico decorrente do aborto, contra o qual tão justamente se insurge, tem origem no sistema ideológico que informa a sociedade de que alguns dos principais mentores — e entre eles, está a hierarquia da Igreja, — raciocinam como V. Ex.<sup>a</sup>. Se o sr. Bispo tiver presentes as condições reais de acesso da população portuguesa à instrução, se se lembrar de que a Igreja é, ainda hoje, um dos seus principais agentes difusores, compreenderá, de certo, por que falo de irresponsabilidade, quando a vejo tratar pro-

blemas de tanta gravidade numa perspectiva de juízos de valor a que falta a força do conhecimento científico, e refugiar-se no âmbito do individual, em vez de ajudar a encontrar soluções de sociedade.

Afirma V. Exa. que existem situações vivenciais cuja «única saída honrosa é a porta da heroicidade», e logo acrescenta não serem muitos os que conseguem transpor tal porta. «Tanto pior», comenta. Pois bem. Tanto pior, se é esta a opinião de V. Exa., porque, de há muito, os homens e as mulheres compreenderam o valor da heroicidade e vêm-na praticando. Veja o que se lutou combatendo a escravidão e o colonialismo. Desde a Antiguidade. Veja como se lutou contra o nazismo hitleriano, na Europa, e como se luta, hoje, contra o «apartheid», em África. Veja como se batem os povos da América Latina pelo direito à sua dignidade, como tantos homens e mulheres enfrentam polícias sofisticadas e respectivos cães, para afirmarem o seu desejo de paz, o que sofrem os povos árabes para se libertarem da exploração imperialista. Acrescente-lhes, ainda,

os que lutam contra condições infra-humanas nos bairros de lata ou nos multifamiliares, nas fábricas e oficinas de ar irrespirável e barulhos que ensurdecem. E aqueles, a quem, além disto tudo, nem é reconhecido o direito ao salário, que, no entanto, mais não lhes dá que a possibilidade, escassa, de sobreviverem, para poderem continuar a movimentar a máquina social da produção, que os esmaga. Ao contrário do que V. Exa. pretende, são muitos os heróis. Contam-se por largos milhões. É só uma questão de perspectiva.

Fala V. Exa. de uma mulher sua conhecida que, violentada por soldados negros, aceitou que, em consequência, lhe nascesse um filho. Não tenho nada a opor à sua decisão, que respeito. Desde que tenha sido livre. Quero dizer, sem a pressão psicológica do confessor. Diz, em seguida das religiosas, que, igualmente violadas por soldados assumiram «dolorosa mas honradamente» a situação imposta. Nada a opor, igualmente se, nesse caso concreto, não prevaleceu a obediência devida à superiora. Faço notar, no en-

tanto, e em simples apontamento, que uma mulher tem o direito de ser mãe na alegria e não no sofrimento e na dor, como V. Exa. tanto reclama. De resto, a este respeito, discordo, igualmente, da doutrina que expõe acerca do martírio. Penso, eu também, que as pessoas que «conseguem assumir as suas responsabilidades se tornam dignas de figurar em páginas novas do «Martirólogo». Mas pergunto, quem obrigou os cristãos martirizados no circo de Roma a assumir as suas responsabilidades!? A sua fé, naturalmente. Uma fé que eles escolheram no uso pleno da sua liberdade de homens. Porém, volto a perguntar, que responsabilidade cabe à mulher pelo facto de a espécie se servir dela de modo tão abusivo? Que escolha lhe fica? Quero ainda acrescentar, a este respeito, que acredito, também, noutros martirólogos, que são as páginas de história que muitos homens e mulheres escreveram, e estão escrevendo, ao darem a sua vida pela libertação dos povos de que fazem parte, ou por melhores condições de vida para os que lhe estão próximo.

Convenha, sr. Bispo, que há muita «dignidade», muita «honra» e muita «qualidade moral» nas mulheres que, com o sacrifício da sua liberdade e da sua própria vida, combatem tiranos e se opõem aos genocídios que, por toda a parte vão surgindo chamem-se eles Kampuchea, S. Salvador ou Timor.

Fala, ainda, V. Exa., da admiração com que a sociedade olharia para uma rapariga que, violada pelo pai, aceitasse ser irmã do seu filho. Acaso sabe, V. Exa., que, por exemplo, nas numerosas barracas de Lisboa, há casos de raparigas engravidadas por pais, por irmãos, em consequência da promiscuidade a que se encontram todos sujeitos? Eu não conheço, a este respeito, por parte da sociedade, outra atitude que não seja a de fechar os olhos e, liderada por interesses económicos privados, reclamado-se, até, de prática cristã, continuar a manter a existência de tais condições. Isto, para não falar nas muitas mulheres e raparigas a quem a falta de empregos e o não pagamento de salários empurram, diariamente, para a prostituição, com evidentes

riscos de engravidamento.

Terá, por certo, V. Exa., notado, já, que, ao responder à sua careta, me recusei a tratar os assuntos numa perspectiva individual. Desse facto, retirará as conclusões que entender. Por mim, afirmo-lhe a minha sólida convicção de que nenhum homem se salvará sozinho — todos temos que ver com todos. Já agora, não deixo de dizer-lhe que, ao formular as condições que conhece para a publicação da sua carta, V. Exa. partiu da minha desonestidade, pressuposta. Não é bonito, mas também não o tomo por insulto, embora não lhe veja as atenuantes. Serão modos diferentes de entender a honra e dignidade. Por estas me bato eu. Trabalhadora intelectual, desde sempre me habituei ao respeito absoluto pelas produções alheias. Cidadã que procuro ser responsável, não faço usos indevidos da parte de verdade que os outros têm para me dar e lhes pertence.

Troca por troca, sr. Bispo, também não lhe levo a mal e igualmente lhe desejo as melhores felicidades.

Bárbara Lopes

# O MUNDO RENDEU-SE AOS NOVOS SEAT. CHEGOU AGORA A SUA VEZ!

Desde há 32 anos que a SEAT fabrica e exporta milhões de automóveis para os cinco continentes.

A alta tecnologia utilizada na fabricação é garante da excepcional qualidade dos produtos SEAT.

Assim, a SEAT oferece garantia de 1 ano, sem limite de quilometragem, e de 6 anos contra a perfuração de chapa.

Venha até nós para conhecer em pormenor as características dos excepcionais SEAT.

## SEAT IBIZA

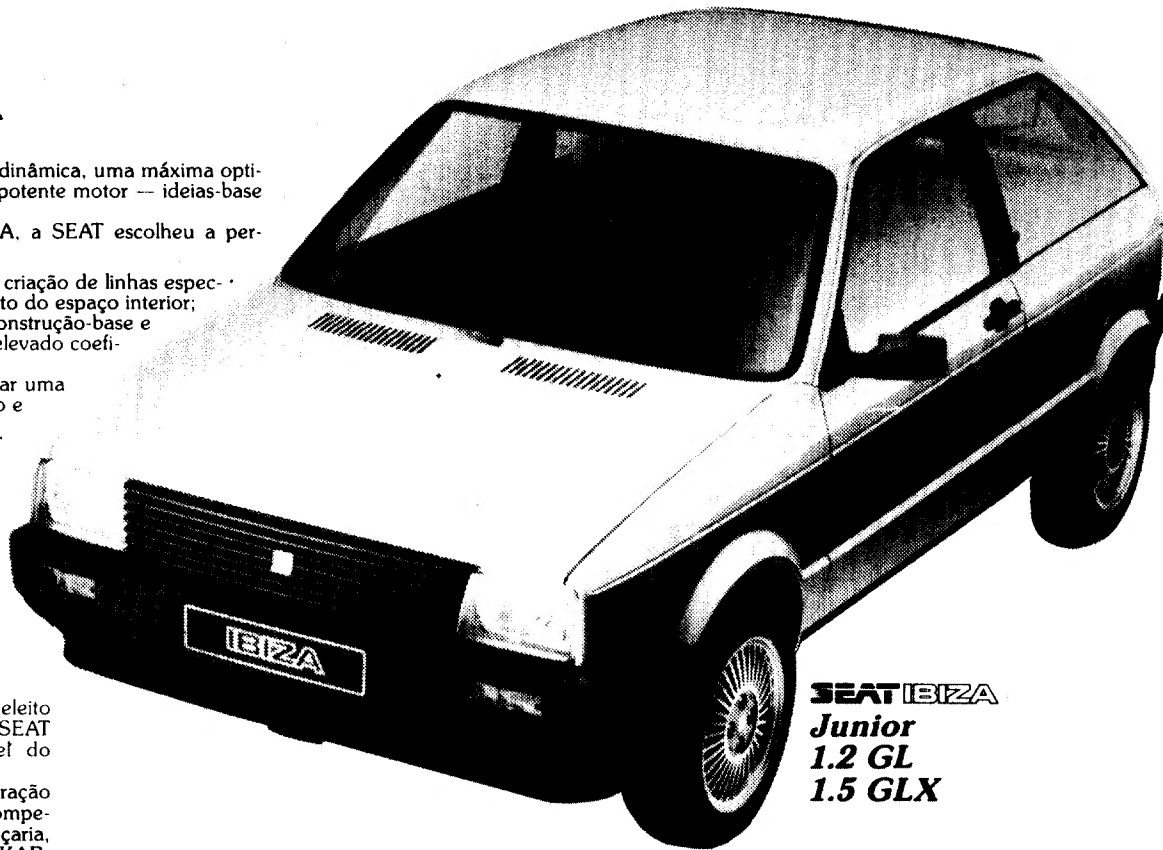
*Um luxo desportivo*

Um automóvel de excelente aerodinâmica, uma máxima optimização do espaço e da segurança, um potente motor — ideias-base da SEAT ao criar o IBIZA.

Para concretizar o projecto IBIZA, a SEAT escolheu a perfeição:

- o design italiano de GIUGIARO, para criação de linhas espectaculares com o melhor aproveitamento do espaço interior;
- a tecnologia de KARMANN, para a construção-base e desenvolvimento da carroçaria, com elevado coeficiente de segurança e conforto;
- e a tecnologia da PORSCHE, para aliar uma elevada potência a um baixo consumo e longa duração.

O resultado é admirável: SEAT IBIZA, um luxo desportivo.



**SEAT IBIZA**  
**Junior**  
**1.2 GL**  
**1.5 GLX**

## SEAT MALAGA

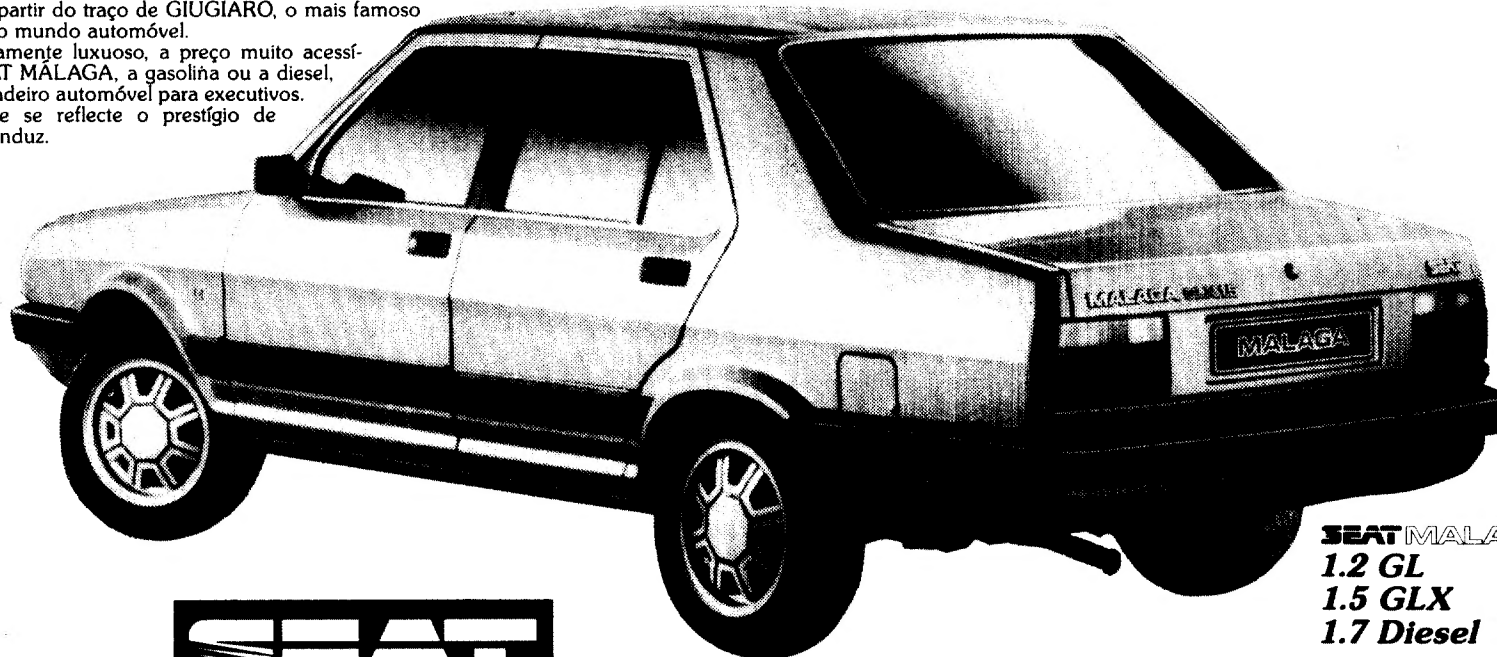
*O automóvel de prestígio*

Modelo familiar de categoria superior, eleito «Carro do Ano» em 1985, em Espanha, o SEAT MALAGA integra-se no conceito de automóvel do executivo.

O seu potente motor resulta da colaboração SEAT-PORSCHE, que adaptou o melhor da alta competição às necessidades da condução diária. A carroçaria, tipo «3 volumes», foi estudada e desenvolvida por KARMANN, a partir do traço de GIUGIARO, o mais famoso designer do mundo automóvel.

Altamente luxuoso, a preço muito acessível, o SEAT MALAGA, a gasolina ou a diesel, é um verdadeiro automóvel para executivos.

Nele se reflecte o prestígio de quem o conduz.



**SEAT MALAGA**  
**1.2 GL**  
**1.5 GLX**  
**1.7 Diesel**



TECNOLOGIA SEM FRONTEIRAS.

Concessionários em Lisboa:



**GARAGEM VITÓRIA AUTOMÓVEIS, LDA.**

R. Nova de São Mamede, 38-A-1200 LISBOA - Telef. 672505

**SAIDECAR**

Av. Paris, 4-D-1000 LISBOA - Telef. 891144/884257



Em Coimbra: doutoramento e multidão, a preceder o «banho» do Porto  
*Elogio ao «carácter liberal e democrático do nortenho»*

## Sarney no Porto teve banho de multidão

**«Veio-nos do Porto, através de maciça emigração para o Brasil, esse carácter liberal e democrático do nortenho, sua operosidade, sua tenacidade, esses traços fortes tanto permitiram, aqui em Portugal, domar as margens íngremes do Douro como, no Brasil, criaram raízes, desbravaram terras, fundaram cidades».**

São palavras do Presidente José Sarney na Câmara Municipal do Porto, pouco depois da sua chegada à capital nortenha, que o recebeu com entusiasmo e com a hospitalidade que caracteriza o povo desta cidade.

Ao longo dos cinco dias de estada em Portugal, Sarney tem falado essencialmente para o povo. O tom dos seus discursos contém uma mensagem que a generalidade da população portuguesa gosta de ouvir e a comunicação começa a estabelecer-se de uma forma surpreendente. Se em Coimbra foi um sucesso a sua visita, no Porto foi o banho de multidão que nenhuma outra personalidade poderia ter. Da estação de Campanhã à Praça Humberto Delgado Sarney foi saudado por milhares de pessoas, ao longo das ruas, apesar do relativo atraso da sua chegada ao Porto.

Soares, que ficara em Coimbra para participar nas cerimónias de homenagem ao prof. Mota Pinto, só chegaria à noite para participar num jantar que ofereceu aos jornalistas portugueses e brasileiros.

### O elogio do município

Dia a dia os portugueses descobrem em José Sarney uma personalidade surpreendente, um político que marcará uma etapa decisiva na história moderna do Brasil. Os seus discursos — já numerosos neste momento por força de um proto-

colo que esmaga os presidentes com banquetes e cerimónias restritas, parecendo querer afastá-los do contacto directo com o povo — revelam um profundo conhecimento da história e de cultura portuguesas.

Ontem, na sessão solene na Câmara Municipal do Porto, Sarney realçou a contribuição que o sistema português de governo deu à organização política do seu país, afirmando que, até hoje, a instituição do município, tal como a criou Martim Afonso de Sousa, em 1532, ao fundar S. Vicente, constitui o núcleo central do «arcabouço político administrativo» do Brasil.

Sarney passa do tom poético às referências históricas, ao entrosamento nas questões económicas mas, curiosamente, o passado aparece no seu discurso apenas como simples referência histórica. É sempre uma perspectiva de futuro aquilo que fica das suas palavras.

«Em nossos países, os ideais comuns de democracia e de liberdade brilham intensamente nestes tempos. Retoma o Brasil hoje o caminho do crescimento económico e do aperfeiçoamento das suas instituições políticas e sociais. Graças às raízes de sua reputação democrática e à perseverança e ao trabalho de todos os cidadãos, seiva natural da árvore portuguesa, soube superar as vicissitudes decorrentes de uma conjuntura económica internacional perversa e de um sistema

financeiro mundial injusto e anacrónico».

O presidente brasileiro fez o elogio do Porto e da sua gente afirmando a certa altura que «a força e a riqueza dos homens desta terra, para além dos campos e da indústria, residem nos homens aqui nascidos». E citou Pero Vaz de Caminha, «homem de olhos puros, cuja carta a D. Manuel, o rei venturoso, é exemplo de realismo e visão da História», Ramalho Ortigão, «apóstolo até à heresia das tradições nacionais portuguesas», António Nobre, «cujo mundo interior media o tamanho do mar oceano de Camões».

### Liberdade

Aqueles que esperavam ver um presidente brasileiro fazer o discurso da retórica fácil que ouvimos a muitos durante muitos anos, não podem deixar de ficar surpreendidos com a dimensão política, humana e cultural do homem que nos visita, elevado à mais alta hierarquia do Estado brasileiro por circunstâncias meramente conjunturais e que num momento difícil da vida daquele país operou uma mudança espectacular.

A palavra liberdade circula livre no seu vocabulário como liberdade é o denominador comum do seu discurso político. Ao agradecer, à Câmara do Porto o acolhimento do povo português disse que esse sentimento de gratidão era ainda mais expressivo porque as homenagens que aqui recebera se davam na cidade em que o brasileiro se acostumara a identificar a terra da liberdade.

«Essa palavra liberdade — quero expressamente que esteja entre as que prenuncio neste final da minha visita a

Portugal. Se hoje o povo brasileiro a sabe praticar, foi porque a aprendeu com o seu irmão, o povo português».

Outro discurso notável de José Sarney foi o que ontem pronunciou na Universidade de Coimbra na cerimónia do seu doutoramento «honoris causa».

Foi um percurso ao longo de alguns séculos pela velha Universidade. A crónica dos grandes nomes que por lá passaram, portugueses e brasileiros e muito em especial os estudantes do Maranhão que constituiu o grande centro receptor da cultura portuguesa e coimbrã.

«Parece-me que já andei por estes corredores, por estes pátios, por estas salas de aula, por estes capitulares, com a tradicional capa e meus compêndios, e recitei, também, os meus poemas».

E é também singular para um político do nosso tempo a forma como Sarney termina o seu discurso na universidade de Coimbra.

«Os poetas nos compuseram o futuro em forma de profecias. E de sua voz não escapamos ninguém, matemáticos, físicos, biólogos, filósofos, juristas ou políticos. Sobretudo nos juristas, políticos e poetas, que devemos, cada um a seu modo, tudo fazer para que, no espaço do Mundo que nos coube, coincidam o belo, o justo, o puro e o verdadeiro. Saúdo a Universidade de Coimbra que sempre viveu em mim e era um horizonte distante. Que está perto e está longe, nos mares que atravessou e que nos atravessaram. Ela é feita de saber. A única força que aproxima o homem da eternidade, entre poesia e cravo. Cravos de Portugal, poesia do amor».

### Parlamento

## Salários em atraso e nuclear dominaram debates

O Parlamento não iniciou ainda ontem a discussão dos projectos de Lei de Bases do Ensino, tendo outros temas, designadamente, salários em atraso e o acidente na central nuclear soviética de Chernobyl dominado os debates.

A abordagem da questão dos salários em atraso tanto pela deputada do PRD Ana Gonçalves, como pelo comunista José Magalhães foi devida ao anunciado propósito do Governo de não dar cumprimento à recente legislação que sobre a matéria foi aprovada no Parlamento.

Ana Gonçalves referiu a «perplexidade» com que o seu grupo parlamentar acolheu a alegada intenção do Executivo presidido por Cavaco Silva e, nesse sentido, achou conveniente recordar ao Governo algo que este «frequentemente tende a ignorar: o Governo depende da Assembleia da República». E depois deste aviso, a deputada renovadora dá um conselho cujo peso assenta claramente na autoridade constitucional do próprio Parlamento: «O Governo não é nem pode arvorar-se em juiz das deliberações da Assembleia da República que exclusivamente lhe cumpre executar». Mais adiante, Ana Gonçalves contrariou a invocação de argumentos de natureza financeira para a não aplicação daquela lei da República tanto mais que na substância do diploma «restringimo-nos aos limites do possível Tranquila e convicadamente afirmamos que tentamos moderar o mais possível os encargos sem pôr em causa direitos mínimos, nomeadamente o direito à subsistência».

A mesma questão viria ainda a suscitar a intervenção de José Magalhães (PCP), que combateria vivamente qualquer argumentação governamental de natureza financeira para o não cumprimento da lei: «Há sete milhões de nontos no Orçamento de Estado para resposta ao flagelo dos salários em atraso. Com esse dinheiro o Governo dispunha-se a indemnizar despedimentos de cerca de dezenas de milhares de trabalhadores com salários em atraso nos termos do Decreto-Lei 7-A/86». E interroga logo de seguida o de utado comunista: «Será que (o Executivo) vai recusar-se a reafectar essa verba para subsidiar trabalhadores nos termos da nova lei?»

Mas se o Governo não aplicar a lei de uma forma total ou parcial, nomeadamente invocando inconstitucionalidade e recorrendo ao Tribunal Constitucional o que, na prática, significará um atraso de meses na sua aplicação, então, findo esse período «esta Assembleia teria o direito e todo o dever de propor, aprovar e impor de imediato ao Executivo o pagamento retroactivo a 30 de Abril de todas as prestações pecuniárias boicotadas», afirmou José Magalhães. Este deputado acusaria ainda vivamente o Gabinete de Cavaco Silva de estar a proceder a uma «execução perversa» das leis da Assembleia da República. Tal táctica que, de acordo

com José Magalhães se traduz claramente em dois exemplos — os preços dos combustíveis para as Forças Armadas e para as Regiões Autónomas, explica-se pelo facto de o Governo estar «tão sectariamente empenhado no combate à Assembleia da República e ao pagamento aqui aprovado que em vez de velar pela sua «boa execução» dessa lei (...) tem-se afadigado a encontrar-lhe as piores e mais absurdas interpretações e danosas consequências, completamente excluídas pelos legisladores, impostas pelo Governo não no seu mas em nosso nome».

### Homenagem a Mota Pinto

Logo no início da sessão, o Parlamento prestou homenagem a Mota Pinto, falecido há um ano, e exprimiu o seu pesar pelo falecimento de Laura Alves. Mais tarde, tendo sido anunciada a morte de Gaston Deferre, coube a Manuel Alegre, depois de recordar a grande amizade daquele político francês a Portugal, sugerir à mesa que enviasse uma mensagem para França exprimindo as condolências da Assembleia.

Mas o nuclear foi também tema do dia com o centrista Manuel Queiró a falar do desastre da Central de Chernobyl. Referiu aquele parlamentar que «a generalidade dos países europeus não directamente afectados, com a notável excepção portuguesa, tomou medidas de controlo e limitação de pessoas e bens provenientes das áreas de desastre». Recordou a vizinha Espanha «que desenvolve o seu próprio programa nuclear» e alertou os representantes do povo português para esta situação.

Mais veemente quanto a esta matéria foi Maria Santos de «Os Verdes» ao condenar frontalmente a opção nuclear. Isto porque, «a energia nuclear, desde que é extraída das minas até ao seu reprocessamento após utilização nas centrais passa por uma série de operações associadas a riscos vários e a impactes perigosos no meio ambiente». Chernobyl é mais um exemplo trágico, depois de outros ocorridos nos EUA, Grã-Bretanha, França, etc., recordou Maria Santos que defendeu o estabelecimento de medidas que salvaguardem a qualidade das águas provenientes de Espanha no que concerne à poluição radioactiva.

Radical nesta questão foi também o monárquico Ribeiro Telles: «A existência de centrais nucleares é um absurdo económico, sem qualquer justificação moral, que comporta riscos e consequências inaceitáveis para a Humanidade». Consequente com uma opção de longa data, Ribeiro Telles advogou que Portugal abandone definitivamente os estudos para a instalações de centrais nucleares e exija «uma participação activa e permanente na fiscalização do funcionamento das centrais nucleares espanholas».

# Réu assume-se como fundador das FP-25

**Pela primeira vez desde o início do julgamento das FP-25 um réu assumiu-se, ontem, como fundador daquela organização que a acusação considera terrorista.**

Trata-se de Luís Filipe Martins Govern Lopes, 30 anos de idade, 35.º réu chamado a depor no Tribunal de Monsanto.

Respondendo em tom firme ao juiz-presidente, Govern Lopes disse ser um dos fundadores daquela organização, mas sublinhou que as FP-25 «são de esquerda», «nada têm a ver com a organização que está caracterizada na acusação» e demarcou-se do Projecto Global assumido por Otelo.

Ex-militante do PRP, este féu foi detido pela primeira vez em Maio de 1980 e condenado por transporte de armas de guerra. Evadiu-se da Cadeia do Linho em Agosto de 81 e só veio a ser capturado no âmbito do processo das FP-25 em Outubro de 85. Foi uma captura feita em plena rua, em Benfica, numa acção espectacular.

O réu co-réu Fernando Rodrigues da Silva também afirmou em Tribunal ser das FP-25, mas não se assumiu como fundador.

## O verdadeiro inimigo

Nas declarações ontem prestadas em Tribunal, Govern Lopes admitiu como verdadeira a tese da PJ de haver pessoas

integradas nas FP-25 e na Comissão Política da FUP, sublinhando no entanto não ter provas que assim tivesse sido de facto. «Isso não passa de uma tese da Polícia» — enfatizou.

O réu criticou depois, fortemente, a actuação da Direcção Central de Combate ao Banditismo (DCCB) da PJ, que, na sua opinião, constitui «uma nova polícia política».

«A Polícia tem grandes ficheiros pormenorizados dos militantes da esquerda revolucionária e considera-os a todos potenciais terroristas» — afirmou, para revelar de seguida que a PJ e a DCCB lhe haviam feito propostas de delação depois da sua captura, em Outubro de 85, que ele declinou.

Quanto aos «arrepellidos» Macedo Correia, José Manuel Barradas e Alexandre Figueiras, insistiu que não passam de «provocadores a fazer o jogo da Polícia, que lhes soprou as declarações que fizeram», garantindo que eles nunca pertenceram às FP-25.

«Mas eu tenho estado aqui a bater na Polícia quando o verdadeiro inimigo é a burguesia. A Polícia é apenas um instrumento» — comentou.

Instado depois sobre os atentados mortais reivindicados pelas FP-25, Govern Lopes esclareceu que essas acções foram sempre «muito ponderadas», pois «mesmo em relação aos nossos inimigos a morte nunca é um acto gratuito».

«Todos os companheiros das FP-25 são contra as mortes e não

são pessoas frias» — acrescentou.

De acordo com Govern Lopes, as acções de morte efectuadas pelas FP-25 «foram sempre as mais difíceis de decidir e também as menos frequentes».

«Como o administrador da Fábrica de Loijas de Sacavém há dezenas, mas as acções de morte que nós fizemos foram

apenas meia dúzia» — disse o réu ao referir-se ao responsável daquela empresa abatido a tiro em Almada em Dezembro de 82.

Sobre o atentado que vitimou o «arrepellido» Barradas em Agosto de 85, Govern Lopes afirmou tratar-se de um acto de defesa de «uma organização de

esquerda», acrescentando que as FP-25 existem «em prol do movimento operário» mas não têm «pretensão de ser a vanguarda das massas trabalhadoras».

«Não somos um bando de marginais» — concluiu.

O interrogatório de Govern Lopes prossegue esta tarde.

## Seguro Obrigatório Automóvel

Os garagistas e todas as pessoas que exercem actividade no fabrico, montagem ou transformação de veículos, bem como na venda, reparação ou desempanagem, são obrigados a segurar a responsabilidade civil em que incorrem quando utilizem veículos no âmbito da sua actividade profissional.

Quem não efectuar o referido seguro, para além de ser penalizado pela sua falta, responde ainda, de sua conta, por todos os danos que causar em caso de acidente.

O seguro obrigatório — cujo valor mínimo actual é de 5.000 contos — abrange o Território Continental e o das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira.

Consulte a sua Seguradora ou o seu Mediador para evitar situações passíveis de criar graves problemas de ordem moral e social.

## Fundo de Garantia Automóvel



## Foi instituído o prémio Luís de Almeida Braga

O centenário do nascimento de Luís Almeida Braga é comemorado com uma iniciativa dos seus filhos que decidiram instituir um prémio com o seu nome, destinado a galardoar uma obra que tem por tema «O integralismo lusitano».

A data de abertura do concurso está marcada para o próximo dia 15 e a ele serão admitidas obras inéditas ou publicadas redigidas em português, francês, inglês ou espanhol. O júri é constituído por representantes das Academias das Ciências e de

História, da revista Brotéria, da Câmara Municipal de Braga e dos instituidores.

O valor base do prémio é de 500 contos acrescido dos juros vencidos, cabendo a organização do concurso à Fundação Gulbenkian, nos termos de um protocolo assinado no passado dia 5, entre esta instituição, representada pelo seu presidente, Azeredo Perdigão, e Joel Serrão, e os instituidores, representados por Maria do Carmo Almeida Braga Pinheiro Torres, filha do homenageado.

## Jazigos assaltados

Dois jazigos do cemitério de Carnaxide, na periferia de Lisboa, foram ontem encontrados com vestígios de arrombamento e do seu interior haviam desaparecidos vários objectos, nem sequer muito importantes pois seriam avaliados em cerca de 60

contos.

No entanto e dadas as circunstâncias e o local escolhido para a prática de furtos, a investigação foi entregue à Polícia Judiciária que desenvolve esforços no sentido de identificar os autores do desacato.

## Uísque falsificado na Feira Popular

Garrafas com uísque falsificado, queijos frescos e carne picada considerados impróprios para consumo, foram apreendidos na Feira Popular de Lisboa.

Por suspeita de falsificação, 1 968 litros de azeite foram ainda apreendidos pelas briga-

das de Inspecção Económica, que retirou amostras do produto para análise. Por outro lado, no Tribunal do Fundão foram julgados e condenados dois indivíduos por possuírem nos seus estabelecimentos produtos impróprios para consumo.

Enquanto Leonor Beza recorda Popieluszko da Polónia

# Assassinos do padre Max continuam impunes em Portugal

Manuel Geraldo

A ministra da Saúde, dr.<sup>a</sup> Leonor Beza, ao ser-lhe perguntado por Artur Albarran, no Telejornal, qual o acontecimento noticioso que mais a marcara ao longo da sua vida respondeu sem hesitação que fora o do assassinio do padre Popieluszko na Polónia, tendo as suas declarações sido profusamente ilustradas com imagens da vítima em vida, da retirada do seu cadáver da água e do julgamento dos suspeitos do crime, posteriormente condenados.

Não iremos aqui questionar sobre a escolha assumida pela sucessora de Maldonado Gonet (não é esta a intenção que nos move de momento), mas o episódio trouxe-nos à memória o assassinio igualmente recente do padre Maximino de Sousa (padre Max), se tivermos em linha de conta o espaço de vida participativa de Leonor Beza, ocorrido em terras portuguesas de Trás-os-Montes. Também ele, embora num quadrante político distinto, «batalhador indo-

mável por um ideal», tal como Leonor Beza definiu Popieluszko.

Só com uma diferença de peso. É que os implicados na morte do padre Popieluszko foram identificados, detidos e condenados na Polónia pouco depois do evento que tanto impressionou a ministra da Saúde. Facto que dez anos passados ainda não aconteceu em Portugal com os autores do atentado que, em 2 de Abril de 1976, em Vila Real, vitimou o padre Max e a

sua jovem acompanhante Maria de Lurdes, quando o automóvel em que seguiam foi destruído à bomba.

Por outro lado, e se por remoto acaso, o assassinio do padre Max tivesse sido a opção de Leonor Beza, estamos certos de que não existiria na RTP, nem de perto nem de longe, uma reserva de imagens semelhante à que permitiu a Albarran dar em vários ângulos e cambiantes, a cobertura do incidente acontecido na Polónia. Quase nos atrevendo a dizer que nos arquivos da RTP não existirá sequer uma única imagem do padre Max (vivo ou morto) ou mesmo uma «foto» do carro destruído em que encontrou a morte com Maria de Lurdes.

É que, por norma, para a «memória» da RTP (como aliás sucedeu com a de Leonor Beza, uma jurista) Portugal fica tão longe e a Polónia, a que tem Walesa como bandeira, já ali tão perto, mesmo quando o que está em causa, e em paralelo, é o assassinio, por motivos políticos, de dois jovens padres católicos.

## O «silenciamento» de Joaquim Torres

Registe-se, a propósito, que sobre a morte do padre Max ainda agora uma fonte ligada à Polícia Judiciária do Porto nos disse que «o processo do padre Max está praticamente arquivado e só provas concludentes levariam a reactivá-lo».

No entanto, uma fase existiu, sobretudo antes do silenciamento de Joaquim Torres em Paredes — nomes de suspeitos chegaram a ser apontados e ouvidos pelos investigadores — em que tudo indicava que o trágico enigma iria ser desvendado. Que forças poderosas o impediram?...



Padres Popieluszko e Max: entre a evocação e o esquecimento de Leonor Beza

## Entre eles encontra-se um português

### Detidos em Espanha autores do atentado contra Air France

Quatro espanhóis e um português foram detidos em Madrid acusados de, na madrugada do passado dia 10 de Abril, terem colocado uma bomba na agência da Air France, na Avenida da Liberdade, em Lisboa.

Fontes policiais espanholas, citadas pela Anop, concluíram, nas suas investigações, que o comando estava relacionado com os libios, desmentindo eventuais ligações com as FP-25 ou com a ETA-Militar.

O cidadão português, membro do comando, Vitor Manuel Romano Inácio da Luz, reside habitualmente em Cáceres, possuindo a sua mulher uma loja em Coimbra.

A operação foi realizada pela Polícia espanhola que investigou o movimento de automóveis utilizados pelo comando nos últimos meses e a origem dos explosivos usados.

### Assaltantes frustrados a fábrica de Coimbra

A Polícia Judiciária deteve três jovens suspeitos de terem assaltado, na passada segunda-feira, em Coimbra, a Fábrica Fiaco onde pretendiam roubar cerca de cinco mil contos. O assalto foi frustrado devido ao alarme lançado por uma funcionária da limpeza. Os três indivíduos, a quem foram apreendidas quatro viaturas, capacetes, capuzes, pistolas e armas brancas, são considerados como presumíveis autores de vários furtos registados nos últimos meses naquela cidade.

## Operação delicada começa hoje

# Retirada do combustível de cargueiro encalhado

A retirada de cerca de 200 toneladas de combustível e lubrificantes do cargueiro «Mansfeld», encalhado na praia do Lugar do Morto, perto de Leirosa, tem hoje início.

Segundo um informador do Estado-Maior da Armada trata-se de uma operação bastante complicada pelas grandes dificuldades de acesso por terra ao navio sinistrado.

A operação da retirada do combustível é da responsabilidade do Serviço de Combate à Poluição do Mar por Hidrocarbonetos da Armada.

Os trabalhos só poderão ser executados na baixa-mar, permitindo assim que o combustível seja bombeado para pequenos depósitos na praia e transportados por tractores ao longo de dois quilómetros para camiões-cisternas.

A operação, acrescentou o mesmo informador, só é possível devido ao entendimento com a Direcção-Geral das Alfândegas.

## Quadrilha do «Zé da Tarada» condenada na Boa Hora

Sete cadastrados, pertencentes à quadrilha de José Joaquim Barreiros Costa, o «Zé da Tarada», também presente no banco dos réus, foram condena-

dos no Tribunal da Boa-Hora, numa pena de 128 anos, em cúmulo Jurídico. Para além de «Zé da Tarada» faziam parte do pro-

cesso Isidro Rodrigues, Abel Pentrisco, o «Dragão», Vitor Barada, Vitor Manuel Ferreira, José Joaquim Costa e José Luís Venâncio.

Os trabalhos a levar a cabo pela Armada estão orçados em cerca de 500 contos, que serão cobertos pela Alfândega presentemente proprietária do navio.

O mesmo informador acrescentou que a remoção do navio não se afigura perigosa para a navegação mas a remoção do combustível e óleos torna-se necessária que seja efectuada com brevidade para eliminar qualquer risco de poluição marítima que poderia ser provocada em face do alquebramento do navio e da sua inclinação.

De acordo com o Regulamento Geral das Capitânias a Marinha notificou o proprietário do navio da República Democrática Alemã para proceder à remoção do «Mansfeld».

Posteriormente a Embaixada daquele país em Lisboa enviou ao Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal uma declaração do armador e proprietário do navio renun-

Mário Castrim



*Eu — Boa noite, senhor doutor.  
Ele — A todos os senhores telespectadores, muito boa noite.*

*Eu — perdão, esta entrevista é para o «Diário de Lisboa».*

*Ele — Desculpe, é a forças do hábito. Mas a saudação fica feita para todos os leitores que forem também telespectadores. E vice-versa, está claro.*

*Eu — Porque se candidata a líder da organização?*

*Ele — Achava melhor que me candidatasse a miss de Portugal? Não achava lume demasiado?*

*Eu — Bem...*

*Ele — Alguns jornalistas têm o segredo das perguntas inteligentes.*

*Eu — É pena que alguns agentes responsáveis não lhes sigam o exemplo nas respostas. Perguntando doutro modo quais são as vertentes da sua actuação?*

*Ele — Eu lhe digo. Ao Sul, tenho o fogo, a Norte tenho a água; a Oeste tenho a tecnologia...*

*Eu — Sempre poeta! E a Leste?*

*Ele — A Leste, tenho o oceano Atlântico para dar uma banhoca de vez em quando.*

*Eu — Que ideologia deve ter a sua organização?*

*Ele — Nenhuma.*

*Eu — Nada de ideologia marxista...*

*Ele — Claro.*

*Eu — A base da sua organização é o povo...*

*Ele — Mas os líderes não têm obrigatoriamente de...*

*Eu — Eu julgava que...*

*Ele — Isso era se.*

*Eu — Compreendo agora porque...*

*Ele — Nem mais. A minha ideia aliás já expressa na moção, é a de que uma organização como esta não precisa para nada de ideologia, nem de filosofia política. A filosofia política só serve para ATRAPALHAR.*

*Eu — Essa agora!*

*Ele — Palavra. A gente quer lançar uma campanha, por exemplo uma campanha de angariação de Fundos, e aparece logo quem diga: isso é contrário à nossa filosofia. A gente quer fazer um discurso e vem logo um parceiro: corta isso que é contra a nossa ideologia.*

*Eu — Mas o senhor recusaria um acordo com o Partido Comunista...*

*Ele — Certo. Recusá-lo-ia com todos os partidos que tivessem uma ideologia.*

*Eu — Mau, mau, mau. Então, o senhor acredita que pode haver um partido sem ideologia, sem filosofia política?*

*Ele — Claro que não, homem.*

*Eu — Se não, como é que se vai candidatar a líder de um partido político?*

*Ele — Quê? Eu? Eu candidatar-me a líder de um partido político? Que confusão essa, meu caro senhor? Eu sou eu candidato a líder da corporação dos Bombeiros Voluntários cá da terra.*

Nem mesmo Chernobyl nos sobressalta?

# Autoridades portuguesas continuam indiferentes à central de Almaraz

As autoridades portuguesas continuam a garantir que o rio Tejo está perfeitamente controlado no que se refere a eventuais contaminações radioactivas por parte de centrais nucleares instaladas nas suas margens em território do país vizinho, como é o caso da de Almaraz, onde recentemente se registou um derrame de material, do qual não fomos informados em tempo útil, como é obrigatório nos termos de um acordo de segurança estabelecido entre os dois países.

A tranquilidade portuguesa contrasta fortemente com a inquietação da própria opinião pública espanhola, de que é exemplo a Imprensa. Assim, um diário madrilenho assinalava na sua edição de domingo que a central nuclear de Almaraz tem sofrido sucessivas falhas de funcionamento e não tem cumprido as normas de segurança obrigatórias.

A central de Almaraz, actualmente parada, tem registado várias falhas de funciona-

mento de maior gravidade que a fuga de água radioactiva do sistema primários de arrefecimento de que resultou a paragem do grupo I da central, segundo noticiou domingo o jornal «El País». O grupo II parou há dois meses e meio para revisão devido a fadiga do metal dos tubos dos geradores de vapor.

Segundo o «El País», o problema mais grave terá ocorrido a 5 de Novembro de 1985. Quando ocorreu uma conta-



minação atmosférica que afectou levemente dois operários da central e que alcançou instantaneamente o nível de pré-alarme nuclear. Na expressão de um técnico do Conselho Espanhol de Segurança Nuclear.

Portugal e Espanha constituíram uma Comissão Perma-

nente destinada à troca de informações sobre as centrais nucleares fronteiriças. Segundo um membro português dessa comissão é impensável que houvesse um acidente nuclear grave em Espanha sem que fôssemos informados.

«El País», acrescenta que a

direcção da central afirma que em nenhuma das falhas foram ultrapassados os limites de segurança autorizados, mas cita um conselheiro de Obras Públicas da Junta da província da Estremadura segundo o qual as irregularidades constantes da central nuclear de Almaraz produzem-se com a cumpli-

dade e a responsabilidade do Conselho de Segurança Nuclear e da Direcção-Geral de Energia de Espanha.

O conselheiro é conhecido pela sua beligerância contra a instalação de centrais nucleares na região, diz ainda o jornal.

Terceira idade constitui alvo principal

## Bairros sociais da Pontinha: pairam ameaças de despejo

Moradores em bairros sociais na Pontinha informaram, em carta à Anop, que lhes estão a ser movidas acções de despejo de casas que habitam no local há 30 anos. Diz a carta que as acções de despejo, que afectam sobretudo pessoas na terceira idade, se iniciaram após um inquérito aos rendimentos dos moradores e sem aviso prévio, «colocando as pessoas numa situação de desespero».

O vice-governador civil de Lisboa, Machado Lourenço, que tem a seu cargo a gestão dos bairros sociais em causa — Bairro Dr. Mário Madeira, Bairro do Menino de Deus e Bairro de Santa Maria, na Quinta da Paiã, Pontinha — confirmou à Anop terem sido «já emitidas quarenta ordens de despejo».

«As ordens de despejo foram enviadas após um rigoroso inquérito aos rendimentos dos moradores, e visaram aqueles cuja situação económica não justifica a ocupação

de casas destinadas a pessoas altamente carenciadas», disse Machado Lourenço.

As casas que foram vagando nos bairros em causa serão ocupadas por pessoas que habitam há cerca de 30 anos em casas de madeira na mesma quinta, esclareceu ainda o vice-governador civil.

Machado Lourenço especificou que «as pessoas podem reclamar desta decisão se considerarem que ela foi tomada com base em dados falsos. Nessa altura, os escritórios da Assembleia Distrital de Lis-

boa, proprietária do bairro, procederão a um novo inquérito».

Várias «ilegalidades» foram referidas por Machado Lourenço, entre as quais o caso de «um morador a quem saiu o totobola e que colocou o dinheiro no nome da filha, para continuar a morar numa casa onde paga 250 escudos mensais».

«Um outro subalugou a casa por 7 mil escudos mensais, indo habitar um andar que entretanto adquiriu», disse Machado Lourenço.

«Enquanto isto sucede, há pessoas que moram no local em 120 casas de madeira completamente arruinadas e às quais foi prometido que passariam para as casas de alvenaria, ao fim de seis anos. Passaram trinta e ainda lá continuam», acrescentou.

## Reúnem-se em Lisboa diversas edições da revista «Communio»

Começa hoje e prolonga-se até 11 de Maio, no Seminário dos Olivais, em Lisboa, uma reunião das diversas edições da revista internacional católica **Communio**. Participam no encontro cerca de trinta pessoas, representando países como a Alemanha, a América do Norte, o Brasil, a Espanha, a França, a Itália, a Jugoslávia e a Polónia.

Esta reunião anual destina-se a preparar os temas que irão ser abordados pela revista **Communio** no próximo ano e a fazer uma primeira escolha dos temas

a abordar em 1988. Trata-se, pois, de uma afirmação prática da **Communio** como revista de carácter internacional. A escolha do nosso país para a realização deste encontro, correspondendo a um convite da edição portuguesa, exprime o reconhecimento do lugar que a edição portuguesa da **Communio** já ocupa dentro deste movimento internacional.

Damos a notícia em cima do acontecimento porque se trata, de facto, de uma reunião restrita

e de trabalho. Como único acto público haverá uma conferência, a ser proferida pelo prof. **Hans Urs von Balthasar** na sexta-feira, dia 9 de Maio, às 18 horas, na sede da Universidade Católica Portuguesa, Palma de Cima, em Lisboa.

O prof. Hans Urs von Balthasar falará sobre Verdade do Mundo — Verdade de Deus, debruçando-se assim sobre a temática do seu último livro, recentemente publicado e que constitui o coroar da sua valiosa obra teológica.

## COM OS JOGOS EUROPEUS SEMPRE NOVOS MILIONÁRIOS



JOGUE FORTE NO SEU FUTURO, JOGUE FORTE NO TOTOBOLA

# totobola

# Programa de acção para o próximo triénio será aprovado hoje

**A votação do relatório de actividades, debate e votação do Programa de Acção ocupam os trabalhos da segunda sessão do II Congresso Nacional dos Professores, que hoje decorre no Pavilhão da Estufa Fria.**

O ponto mais relevante da sessão de abertura, que se efectuou ontem à tarde, foi a intervenção do secretário-geral da Federação Nacional dos Professores, António Teodoro.

Desta intervenção destacam-se dois aspectos: a crítica ao actual Ministério da Educação e a posição da Fenprof sobre a Lei de Bases do Sistema Educativo, de que existem na Assembleia da República cinco projectos, apresentados pelo PCP, MDP, PS, PRD e PSD.

«É nossa convicção que o actual Ministério da Educação não está à altura das necessidades históricas de uma profunda mudança na política educativa nacional», afirmou Teodoro, indicando os pressupostos da sua apreciação: um programa e uma

prática política em que «predominam uma visão tecnocrática sobre os problemas de ensino, de evidente cariz conservador» e uma equipa dirigente onde não se vislumbram, nalguns casos, «preocupações de capacidade técnica e política, de bom senso e de capacidade de diálogo».

«Há neste Ministério quem actue mais como responsável pelos esforços de implantação social de organizações a que partidariamente são afectos, do que como responsáveis pela governação de departamentos de Estado», prosseguiu o secretário-geral da Fenprof que recomendou aos que consideram exagerada a apreciação da Fenprof, a análise dos diferentes «dossiers» «que o actual

Ministério teve de agarrar desde a extinção da profissionalização em exercício e a publicação do DL 150-A/85, até aos inacreditáveis erros de base que presidiram aos concursos de professores nos ensinos pré-aratório e secundário, ao processo das ESE's e do recrutamento dos respectivos docentes.»

Recomendou igualmente a análise do conjunto de compromissos públicos ou assinados com a Fenprof e o seu grau de concretização.

Reconhecendo a acuidade do Ministério JD Pinheiro de apresentar uma imagem pública «de grande dinamismo e capacidade realizadora», no que conta com «o poder dos grandes meios de Comunicação Social utilizados com bastante pericia pelo Governo», A. Teodoro afirmou não temer a Federação de que é secretário-geral «mobilizar os professores para impor as soluções que conside-

ramo, justas e necessárias (...)».

Quanto à futura Lei de Bases, a Fenprof exige que a sua elaboração e aprovação assente «num vasto e aprofundado conhecimento da realidade educacional portuguesa e numa visão prospectiva de quem não pode desconhecer que as decisões agora tomadas se reflectirão decisivamente nos próximos decénios», bem como numa «ampla convergência social e política».

No projecto de resolução submetido ao congresso, a federação defende que a lei de bases não deve ser um diploma que tudo regula nem um diploma de tal forma genérico que deixe para o Governo e o ME a decisão das mais importantes questões através de diplomas parcelares.

A. Teodoro afirmou que Fenprof considera que a lei de bases deve definir as finalidades, objectivos e princípios que devem enformar o sistema edu-

cativo e o sistema escolar (...); deve definir a estrutura do sistema de ensino, a sua organização interna e as condições de trânsito de um sector a outro; deve apontar os princípios e orientações que devem presidir à elaboração dos programas e curricula dos diferentes graus e sectores de ensino; deve definir a formação e as condições necessárias ao exercício da profissão docente e de outras tarefas de apoio à acção educativa; deve definir as formas participadas e democráticas de gestão e de administração do sistema de ensino (incluindo as condições e os apoios à frequência da escolaridade e proceder à articulação do sistema de ensino em outros meios educativos, nomeadamente no que respeita à educação não formal e à utilização educativa dos **mass media**).

«O debate e a aprovação da lei de bases deve criar uma dinâmica de unidade e de convergência que permita, a breve

prazo, uma mudança profunda na política educativa nacional.

Deve nomeadamente consagrar o conceito de democratização da escola e de todo o sistema educativo como o eixo de todas as orientações de política sectorial, englobando, como temos sistematicamente lembrado, as suas três componentes indissociáveis: igualdade de oportunidades de acesso à educação; igualdade de oportunidades de sucesso na educação e a participação democrática na vida da escola e na gestão de todo o sistema educativo», concluiu o secretário-geral da Federação Nacional dos Professores.

O debate do tema de estudo sobre a lei de bases ocupará todo o dia de amanhã e o texto resultante constituirá a contribuição da Fenprof para o debate público da lei de bases promovido pela Comissão Parlamentar de Educação.



Manuela Eanes, Santana Lopes, Eurico de Melo: saudade entre a multidão



Aos ombros de colegas (Henrique Santana, Nicolau Breyner) que a seu lado viveram êxitos inesquecíveis

## Laura Alves: viagem sem regresso

Nada mais a fazer: a partir de ontem, Laura Alves pode descansar. O corpo daquela que foi a mais popular figura dos palcos teatrais, em cerca de meio século, repousa no cemitério dos Prazeres.

Impressionante foi a vigília nocturna na Basílica da Estrela, como tremendamente esmagador foi aquele momento em que, batiam as 16 e 35, um imenso mar de lenços e uma ovação que parecia premiar interpretação sobrenatural rodeou a pequena ilha que era o caixão onde surgiam os restos mortais da antiga rainha do Teatro Monumental, a mulher que, muito tempo ao lado de Vasco Morgado e em fim de vida vendo também partir

segundo companheiro (o maestro Frederico Valério) sentiu todas as tonalidades que tocam quem vive permanentemente na praça pública: aplausos sem fim, descrenças e desaires, horas de luxo e instantes em que não apenas o dinheiro mas também a sorte, se tornam madrastras de uma existência teimosamente agarrada ao ideal que defendia com todas as forças e superior talento sobre as tábuas de um palco. Do tablado que lhe roubaram, fazendo-a tombar no sofrimento que só culminaria com a última descida do pano sobre a mais trágica representação de uma actriz versátil.

Desde o presidente da República ao Governo (Mário Soares

representado por José Manuel Santos e o professor Cavaco Silva delegando em Santana Lopes), de Eurico de Melo (ministro da Administração Interna) a Manuela Eanes, do mais anónimo admirador como ao mais distinguido dos colegas, milhares estiveram no derradeiro desfile de Laura Alves: sem plumas, sem música, nenhuma «feérie», nada de lantejoulas. Apenas e só uma mulher de 63 anos que viveu, amou, sofreu e acabou por desistir na esgrima com a doença.

Flores, coroas, ramos: aos montões. Rosas e cravos tombando sobre a caixa de madeira. Palavras de reverência, frases

bem sentidas ou somente de circunstância: bem se conhece que nem por todos Laura foi tão amada como pelo Povo, afinal o supremo juiz do valor de figura humana. Mas, se dos fracos nunca rezará a história, dos gigantes que mais ainda se avolumaram nas encruzilhadas que era preciso vergar sempre ficará a memória. E o país real, esta terra que pisamos, não olvidará a «menina bonita» dos seus palcos: até para que medite, em reciclagem obrigatória, como é fraca a maior força se alguém nos consegue calcar. Até qualquer dia, Laura.

Neves de Sousa

## Acusam alunos da Faculdade de Direito

### Saneamento de Garcia Pereira «escondido» ao Provedor de Justiça

O Conselho Directivo da Faculdade de Direito de Lisboa é acusado, em comunicado por um grupo de alunos daquele estabelecimento de ensino de «mentir e esconder do Provedor de Justiça documentos fundamentais relativos ao processo de saneamento por motivos políticos do prof. Garcia Pereira.» O referido grupo de alunos convocou deste modo, para o próximo dia 12, uma reunião geral destinada a discutir o processo em curso do saneamento de Garcia Pereira, assistente da Faculdade de Direito de Lisboa e dirigente do MRPP.

O caso, segundo o mesmo grupo estudantil, mereceu o interesse do Provedor de Justiça, dr. Ângelo de Almeida Ribeiro, o qual mandou a sua assessora para os assuntos de Educação, dr.ª Maria José Iria, à Faculdade de Direito, «para consultar o processo do dr. Garcia Pereira».

A acção da dr.ª Maria José Iria, de acordo com o grupo de estudantes, terá sido no entanto dificultada pelo Conselho Directivo da Faculdade ao esconder-lhe «um relatório da autoria do prof. Dias Marques e as actas das últimas reuniões do Conselho Científico da Faculdade». No seu relatório, refere o grupo de alunos, o prof. Dias Marques, membro do Conselho Científico nomeado para o processo, «é favorável à prorrogação do contrato de assistente entre o dr. Garcia Pereira e a Faculdade até à conclusão da sua tese de doutoramento, ou seja, por mais dois anos».

Em declarações ao semanário «Expresso», de 8 de Fevereiro deste ano, o prof. Marcelo Rebelo de Sousa, presidente do Conselho Directivo da Faculdade, que não conseguimos contactar esta manhã, afirmava não existir qualquer tentativa de afastamento por motivos políticos do dr. Garcia Pereira e que o seu contrato iria ser renovado em breve.

No entanto, Garcia Pereira, que foi cabeça de lista do MRPP nas eleições para a presidência da CML em 1982 e 1985, salienta o facto de o Conselho Directivo ter proposto em Outubro do ano passado à Reitoria da Universidade de Lisboa a renovação do seu contrato e de, posteriormente, em Janeiro de 1986, ter declarado «nula e de nenhum efeito» tal renovação.

Referindo que «o doutoramento de uma nova vaga mais dinâmica e mais aberta do corpo docente da Faculdade implica o seu ingresso no Conselho Científico, o que não é de molde a agradar à velha guarda», Garcia Pereira afirma-se alvo de uma tentativa de saneamento político por parte dos mesmos professores que já antes do 25 de Abril o suspenderam da mesma Faculdade quando estudante, e lhe instauraram um processo disciplinar visando a sua expulsão definitiva».

Seis das vítimas foram ontem a enterrar

# Inquérito acusa maquinista e sindicato ameaça com greve

O relatório da comissão de inquérito ao acidente ferroviário da Póvoa de Santa Iria concluiu que o sinistro se ficou a dever a falha humana do maquinista do rápido da Covilhã. Contudo, esta versão dos acontecimentos é contestada pelo sindicato dos maquinistas que vai propor aos seus membros a paralisação da empresa como forma de protesto. Entretanto, ontem ao princípio da tarde em Alverca, realizaram-se os funerais de seis estudantes daquela localidade que perderam a vida no acidente da passada segunda-feira.

«O relatório preliminar aponta para desrespeito de sinalização da via por parte da tripulação da locomotiva do comboio 3010, como causa determinante do acidente», declarou às agências um porta-voz das Relações Públicas da CP.

A mesma fonte adiantou que, após conhecimento do relatório, o Conselho de Gerência mandou suspender imediatamente o maquinista e o condutor até à conclusão do inquérito.

De acordo com o mesmo informador, as investigações levadas a cabo pela comissão de inquérito concluíram que «o pessoal da estação actuou de acordo com os regulamentos», que «o sistema de segurança e sinalização tanto da estação, como da linha, estava em boas condições regulamentares correspondentes ao estacionamento da composição que sofreu o acidente» e que «o material do comboio 3010, que provocou o choque, designadamente o sistema de frenagem, funcionava normalmente». Deste modo, «o relatório preliminar referido aponta, assim, para desrespeito de sinalização da via por parte da tripulação da locomotiva do comboio 3010, como causa determinante do acidente».

Recorde-se que, horas depois do acidente, e retomando as primeiras declarações que responsáveis da CP fizeram aos jornalistas, ainda na Póvoa de Santa Iria, o presidente do Conselho de Gerência da CP, Carvalho Carreira, adiantou supor-se que tinha sido uma falha humana que esteve na origem do sinistro.

## «Os sinais estavam verdes»

No entanto, ainda na segunda-feira em declarações aos jornalistas, o maquinista sustentou sempre que o sinal

luminoso estava verde, o motivo pelo qual não reduziu a marcha, e que, quando se apercebeu da situação, a cerca de mil metros da estação, accionou o freio automático, de que, como sublinhou, esperava uma melhor ajuda na travagem da composição. «Esperava um aperto de travões mais eficaz, mas pareceu-me que o comboio fugia ainda mais», referiu então João da Graça Farinhas, acentuando que «o actual sistema de freio dual a vácuo não parece eficaz».

Para o sindicato dos Maquinistas, como declarou à agência Anop um dos seus dirigentes, Castelo Lopes, aquela estrutura sindical tem «99 por cento de certeza que os sinais estavam verdes». «O maquinista tem 30 anos de casa e nós acreditamos no que ele afirmou», referiu Castelo Lopes, para quem na origem do acidente pode estar «uma falha de sinalização», facto que o «Conselho de Gerência da CP não quer reconhecer, porque teria de reconhecer a degradação e o estado caótico em que funciona todo o sistema de segurança».

A explicação técnica avançada pelo dirigente sindical para a avaria do sistema de sinalização baseia-se numa interferência dos circuitos da via: «O sinal verde não passou a vermelho porque houve interferências nos circuitos da via por parte do sistema de alimentação do ar condicionado do comboio «Lusitânia», que antecedeu em 30 minutos a passagem no local do transvia que provocou o acidente».

O mesmo informador referiu que o furgão gerador que alimenta o ar condicionado das carruagens do «Lusitânia» pode alterar a cor do sinal luminoso



Ontem foi o desgosto à saída dos funerais dos alunos da Escola de Alverca

da via férrea: «Tanto isso pode acontecer que a própria CP emitiu uma norma de segurança a 22 de Março de 1986 alertando os maquinistas para esse facto».

Castelo Lopes leu à Anop um extracto dessa norma onde, segundo o sindicalista, o Conselho de Gerência da CP considera que «a corrente produzida por aqueles geradores produz interferências nalguns circuitos da via, designadamente componentes nos troços de linha entre a Estação de Vila Franca de Xira e Entrancamento, e vice-versa, que pode perturbar o funcionamento dos respectivos sinais».

«Isto ainda aconteceu há tempos da Linha de Sintra, com carruagens de igual tipo do «Lusitânia», pois à passagem do comboio o sinal manteve-se verde», frisou Castelo Lopes.

Por tudo isto, o sindicato dos maquinistas vai propor aos seus membros a paralisação da empresa como forma de protesto contra os resultados do inquérito.

## Funeral em Alverca deliberado na AR

Milhares de pessoas acompanharam ontem à tarde, em Alverca, entre a garagem dos Bombeiros, onde teve lugar a missa de corpo presente presidida pelo bispo auxiliar de Lisboa, Dom José Policarpo, e o cemitério local o funeral de seis das vítimas.

Pouco depois das 15 horas,

iniciou-se nos Bombeiros a missa de corpo presente de Ana Cristina Bonito, de 16 anos, Ana Luísa Loreto, 19, Florbela Raposo, 17, Artur Manuel Catarino, 21, Francisco António Monte, 20, e Maria do Carmo Carvalho, 19. À missa, a que estiveram em representação do Governo o ministro das Obras Públicas Transportes e Comunicações, Oliveira Martins, e o secretário de Estado dos Transportes e Comunicações, Sequeira Braga, compareceu, também, o presidente da Câmara de Vila Franca de Xira, Daniel Branco. Em silêncio e com a quase totalidade dos estabelecimentos comerciais encerrados, os presentes acompanharam o cortejo fúnebre, enquanto que muitas pessoas seguiam a passagem do funeral de varandas, janelas e portas das suas casas.

Também estavam encerradas as escolas secundária e preparatória de Alverca, em sinal de luto, e muitos dos acompanhantes no funeral eram estudantes de Lisboa, colegas de alguns dos mortos.

Entretanto, a Assembleia da República aprovou ontem por unanimidade um voto de pesar pelas vítimas do acidente ferroviário e endereçou às famílias enlutadas «a mais profunda consternação e solidariedade».

No voto, proposto pela mesa, a Assembleia da Repu-

blica manifesta a sua «profunda preocupação por mais este grave acidente ferroviário e pronuncia-se pela rápida adopção das medidas necessárias que previnam a ocorrência de tão graves quanto tristes acontecimentos».

O acidente provocou, ainda, intervenções, sob a forma de declarações de voto, das diversas bancadas parlamentares sobre a segurança nos transportes ferroviários.

O deputado do PCP António Mota considerou que este acidente ferroviário exige que seja feito rigoroso inquérito e dele seja dado conhecimento público. O deputado comunista salientou «o abandono a que os caminhos-de-ferro têm sido votados nos últimos 60 anos em Portugal, conduzindo a uma degradação das condições de segurança que, só por si, multiplica a probabilidade da ocorrência de acidentes com a gravidade dos que se registaram nos últimos oito meses, começando a ser uma aventura viajar-se de comboio». Aquele parlamentar considerou que se torna «fácil escamotear o fundo da questão, descobrindo-se falhas humanas que se tornam inevitáveis quando as condições estão criadas para que elas aconteçam».

O Partido Renovador Democrático, através de Sousa Pereira, anunciou que iria requerer uma sessão de perguntas ao Governo sobre segurança geral, designadamente nos transportes e no trabalho. Aquele deputado frisou que em Portugal os acidentes ferroviários, roviários e de trabalho causam anualmente um número assustador de vítimas, entre mortos e incapacitados. «Mais do que inquéritos e apuramento de responsabilidades», prosseguiu o deputado do PRD «necessários, é certo, mas que só têm servido de alívio de consciência a entidades tutelares, imputando exclusivamente a terceiros responsabilidades que também são suas, impõe-se a adopção de medidas preventivas que garantam a todos os portugueses um mínimo de tranquilidade nos transportes e no trabalho».

Rosado Correia deputado do PS e ex-ministro do Equipamento Social, assinalou que a «frequência e gravidade dos acidentes que têm ocorrido com a CP são demasiado repetitivos, merecendo por isso, uma reflexão profunda». O parlamentar socialista disse que «mais uma vez se faz levantar um inquérito como lenitivo da consciência e mais uma vez ficarão adiadas as medidas estruturais já levantadas, aprovadas governamentalmente, postas em prática e hoje retardadas». Para Rosado Correia a falta de implementação do contrato de gestão responsabilizador da administração da CP conduziu ao agravamento da situação e sugeriu ao Governo que apresente ao país, através da Assembleia da República, o programa de recuperação da empresa, e a sua metodologia, de forma a mostrar «claramente o acordo de saneamento económico-financeiro em curso para o futuro».

## Câmara de Vila Franca dá apoio jurídico

A Câmara Municipal de Vila Franca de Xira decidiu ontem assegurar a todas as famílias sinistradas no acidente da Póvoa de Santa Iria todo o apoio do Município, nomeadamente jurídico para efeito de indemnizações.

A edilidade deliberou também solicitar entrevistas ao ministro dos Transportes e ao Presidente da CP para esclarecimentos sobre as medidas de fundo a concretizar desde já para se garantir a separação dos tráfegos que circulam na via férrea que serve o concelho de Vila Franca de Xira.

«Segundo estudos feitos há anos, e que têm o nosso total apoio, tais medidas exigem a quadruplicação da via ou alternativa semelhante», refere um comunicado assinado pelo presidente da edilidade, Daniel Branco.

O presidente da Câmara sublinhou que o Município vai continuar a defender que, numa primeira fase, por ser mais rapidamente realizável e a única forma de melhorar em quantidade e qualidade o serviço que a transportadora pública da CP presta à população seja transferido o terminal de Sacavém para Alverca, com a correspondente separação entre vias de circulação dos comboios sub-urbanos e dos restantes.

Entretanto, o Conselho de Gerência da CP só recebeu «até agora» 20 pedidos de indemnizações pelo acidente ferroviário de Alcáçate, em Setembro de 1985, «os quais têm vindo a ser regularizados por acordo entre as partes». O serviço de relações públicas da empresa adiantou que «foram demitidos os dois trabalhadores de estação considerados responsáveis pelo acidente, de acordo com as conclusões dos respectivos processos disciplinares».

## CP: um preocupante recorde

# Em três dias, três acidentes e duas avarias

Em apenas três dias os caminhos de ferro portugueses foram protagonistas involuntários de um triste e preocupante recorde: três acidentes e duas avarias.

Se entre estas anomalias tornadas crónicas pela repetição, a tragédia da Póvoa de Santa Iria, com o número de mortos e feridos que provocou foi a que mais despertou a atenção da opinião pública, a repetição de acidentes e a ocorrência de avarias, a última das quais que nem poupou o comboio em que viajavam José Sarney e Mário Soares, são indícios de que algo está errado na CP. E, apesar dos responsáveis por aquela transportadora repetirem que o comboio é um meio seguro de transporte, a repetição das anomalias teima em demonstrar o contrário.

Para o leitor menos atento, aqui fica a lista, esperamos que definitiva da semana, mês e ano.

5 de Maio, segunda-feira, Póvoa de Santa Iria: às 12 e 10 o rápido da Covilhã colide com o Transvia, provocando 16 mortos, e mais de seis dezenas de feridos; 6 de Maio, zero horas, Marinha das Ondas, linha do

Oeste: por fractura de um carril, uma composição com uma locomotiva, um vagão e três carruagens descarrila, tendo o comboio caído sobre o talude lateral da linha, saindo ilesos o único passageiro, assim como o condutor e o maquinista;

6 de Maio, 6 e 25, linha de Cascais: avaria na catenária de S. Pedro do Estoril, o que provocou atrasos na chegada aos empregos dos passageiros daquela linha;

7 de Maio, 8 e 42, estação da Régua: o comboio de passageiros 6420, proveniente de Chaves, ao terminar a sua marcha não conseguiu frear a tempo, chocando com o topo de protecção da estação, provocando alguns feridos ligeiros, entre os quais o motorista;

7 de Maio, 8 e 45, linha do Norte: entre Vila Nova da Rainha e a Azambuja, o comboio presidencial, no qual viajavam José Sarney e Mário Soares, é obrigado a parar devido a uma avaria no sistema mecânico de travagem, pois uma das mangueiras que coinduzem o ar comprimido soltou-se, deixando os freios inoperacionais.

A propósito da extinção da Petroquímica

# Governo pretende desagregar o sector público produtivo

— acusa o PRD

O A decisão governamental de extinguir a Companhia Nacional de Petroquímica foi ontem duramente criticada pelo PRD e pela Comissão de Trabalhadores da empresa.

Um comunicado do Gabinete de Estudos dos renovadores democráticos considera a iniciativa do Executivo como «controversa e não oportuna» e afirma que «o que parece estar em causa é a execução de uma política que tem por objectivo fundamental desagregar e desarticular o sector público produtivo.»

A Comissão de Trabalhadores, por seu turno, qualificou a anunciada extinção como «uma atitude que não tem qualquer cabimento, porque a empresa é economicamente viável.» Em declarações à Anop, um dos seus membros, Júlio Dias, acrescentou que a companhia está a dar lucros, «só que tem um passivo enorme, a maior parte do qual em moeda estrangeira, o qual originou este descalabro todo.» Segundo a mesma fonte os representantes dos trabalhadores apenas tomaram conhecimento da deliberação governamental através da imprensa.

Quanto à administração da

CNP, os seus membros consideraram inoportuno produzir qualquer comentário sobre a situação, mas uma fonte da empresa disse à Anop que o Conselho de Administração «foi apanhado de surpresa pela decisão do Governo.»

No comunicado divulgado acerca do assunto o PRD sublinha que «não pretende criar espaços de conflito com o Executivo mas, simplesmente, manifestar a sua posição sobre uma decisão que tem implicações não desciplinas sobre o sistema produtivo do país.» Reconhecendo embora que a CNP se encontra «inequivocamente em situação de falência técnica» e impossibilitada de alguma vez vir a satisfazer o serviço da dívida contraída, o documento sustenta que «poderiam ter sido equacionadas e devidamente ponderadas outras soluções alternativas à simples extinção e venda.»

Além disso, defendem os renovadores democráticos, a deliberação não é oportuna porque dela «poderão resultar efeitos perversos quer ao nível da mobilização dos recursos humanos da empresa, quer ao nível das expectativas e

comportamentos dos seus credores, os quais poderão, na prática, contrariar os objectivos pretendidos pelo Governo nas negociações já iniciadas com os mutuantes, no sentido de ser mantido o perfil temporal bem como as condições da dívida consumida pela empresa.»

O PRD fundamenta as suas posições num estudo elaborado pelo seu Gabinete de Estudos, sugere algumas soluções alternativas, e considera «rebatível» o argumento do Governo segundo o qual «qualquer adiamento da deliberação que tomou acarretaria a inviabilização da empresa de polímeros de Sines (EPSI), cujo capital é maioritariamente detido pela CNP.»

O Ministro da Indústria informou antontem a Comissão Parlamentar de Economia que a extinção da CNP deverá viabilizar a EPSI, mas o PRD afirma que «não parece que as acções de viabilização da EPSI só possam ser desencadeadas se e depois de extinta a CNP.»

Sublinhando que «o que parece estar basicamente em causa é a execução de uma política que tem por objectivo fundamental desa-

gregar e desarticular o sector público produtivo», o PRD acrescenta que «as resoluções que se sabe já terem sido tomadas relativamente à EDP afiguram-se, também elas, altamente discutíveis.»

Entretanto, a UGT declarou-se igualmente «fortemente contra» a extinção da CNP, tendo um seu porta-voz afirmado que o Conselho da Concertação Social foi informado da decisão antontem à tarde.

De acordo com o projecto de deliberação do Conselho de Ministros a CNP tornara-se inviável económica e financeiramente, e a sua dívida global atingia no fim do ano passado 179 milhões de contos, 106 dos quais se referiam à dívida externa. Segundo a Anop, o documento indica que além disso as margens de exploração eram negativas e não havia qualquer perspectiva de recuperação futura, apesar da conjuntura favorável. Nesta situação o Governo entende que a actividade da empresa deve manter-se «enquanto a conjuntura o justificar» mas que a sua extinção permitirá «iniciar a preparação de um conjunto de medidas que conduzam à

viabilização e manutenção em funcionamento da EPSI.»

O Governo considerou também que as previsões dos estudos elaborados antes de 1985 não se concretizaram e que o agravamento dos resultados da companhia não deixava outra saída.

O Livro Branco do sector empresarial do Estado na indústria e na energia, publicado pelo Ministério da Indústria em Dezembro de 1984, recorde-se, sublinhava que os estudos então elaborados permitiam «concluir que os resultados de exploração previsionais do complexo, antes de amortizações e encargos de dívida, serão positivos no horizonte 1984/1993», pelo que «a situação mais vantajosa do ponto de vista nacional é a manutenção do complexo em funcionamento, com todas as suas unidades.» O Livro Branco advertia contudo que se nada se fizesse em ordem a viabilizar a empresa as dívidas aue se estimavam em 128 milhões de contos em finais de 1983 atigiria os «montantes astronómicos de 376 milhões de contos em 1988 e de 85) milhões de contos em 1993 (a preços correntes).»

**Trabalhadores fazem amanhã balanço da indústria naval**

Amanhã, dia 9 de Maio, a Comissão Coordenadora das Comissões de Trabalhadores da Indústria Naval reunir-se-á em plenário nacional onde será analisada a situação do sector.

Nesse plenário será ainda apresentado o relatório e contas de 1985 e o plano de actividade e orçamento para 1986.

O sector da indústria naval «tem sofrido rudes golpes nestes últimos anos com a política de sabotagem da economia nacional, levados a efeito pelos sucessivos Governos de recuperação capitalista» afirma um comunicado da comissão.

Apesar de ao longo dos anos os trabalhadores da indústria naval terem apresentado propostas para a resolução dos problemas que afectam este importante ramo de actividade, salienta a nota do CT's, os Governos, além de não terem em conta estas propostas, não têm tomado medidas concretas no sentido da viabilização do sector.

Por outro lado, salienta a nota, temos assistido ao encerramento de empresas da marinha mercante, das pescas e da indústria naval com o consequente aumento do desemprego nacional e da diminuição das nossas capacidades produtivas e a continuação e agravamento do flagelo dos salários em atraso.

## COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

| COTAÇÕES DE NOTAS               | (Por unidade) | COMPRA  | VENDA   |
|---------------------------------|---------------|---------|---------|
| ÁFRICA DO SUL (rand)            |               | 54\$00  | 60\$00  |
| ALEMANHA FED. (marco)           |               | 66\$20  | 67\$40  |
| AUSTRIA (xelim)                 |               | 9\$35   | 9\$5    |
| BÉLGICA (franco)                |               | 3\$080  | 3\$280  |
| BRASIL (cruzado)                |               | 4\$00   | 6\$50   |
| CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2) |               | 104\$80 | 107\$30 |
| (notas de 5 a 1000)             |               | 105\$30 | 107\$80 |
| DINAMARCA (coroa)               |               | 17\$90  | 18\$30  |
| ESPAÑA (peseta)                 |               | 1\$013  | 1\$133  |
| EUA (dólar - notas de 1 e 2)    |               | 144\$30 | 147\$80 |
| (notas de 5 a 1000)             |               | 144\$80 | 148\$30 |
| FINLÂNDIA (marka)               |               | 29\$25  | 29\$85  |
| FRANÇA (franco)                 |               | 20\$75  | 21\$45  |
| HOLANDA (florim)                |               | 58\$70  | 59\$80  |
| IRLÂNDIA (libra)                |               | 202\$65 | 206\$65 |
| ITÁLIA (lira)                   |               | \$088   | \$098   |
| JAPÃO (iene)                    |               | \$842   | \$883   |
| NORUEGA (coroa)                 |               | 20\$80  | 21\$30  |
| REINO UNIDO (libra)             |               | 224\$35 | 228\$85 |
| SUÉCIA (coroa)                  |               | 20\$55  | 21\$05  |
| SUÍÇA (franco)                  |               | 79\$10  | 80\$60  |
| VENEZUELA (bolívar)             |               | 7\$00   | 8\$00   |

Observações:

1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Depois de desocuparem os bancos

## Vidreiros convocam concentração

• «O Governo provoca a confrontação social» — diz a CGTP-IN

A situação na Marinha Grande, onde os vidreiros ameaçados de desemprego pelo previsível encerramento de cinco empresas de cristalaria, haviam ocupado as dependências bancárias da vila, voltou à normalidade. Foi também desobstruída a estrada Marinha Grande-Leiria, onde os vidreiros tinham interrompido o trânsito com postes de cimento e pedras.

No entanto, está convocada para amanhã, sexta-feira, uma concentração da população da Marinha Grande para serem analisadas novas formas de combate aos cortes de financiamento anunciados pelo Governo.

A estrada fora limpa por elementos da PSP que se deslocaram ao local, mas os manifestantes voltaram a interromper o trânsito, desta vez na Avenida do Vidreiro, com o derrube de contentores de lixo e de vidrões.

Durante os trabalhos de desobstrução da via, os elementos da PSP foram apedrejados por manifestantes, tendo dois guardas sido atingidos. Não se registaram detenções nem danos pessoais.

Ontem, a CGTP-Intersindical Nacional tomou posição sobre esta decisão governamental considerando que ela «inviabiliza a recuperação do sector de cristalaria da Marinha Grande e o objectivo do acordo subscrito em Janeiro de 1985 pelo Governo de então, pelo patronato e pelos representantes dos trabalhadores, o qual implicava da parte governamental a manutenção e reforço dos apoios financeiros às empresas vidreiras.

«O Governo assume, desta forma — diz a CGTP-IN — a mesma posição do patronato, que também não afectou os investimentos estabelecidos no acordo tendo este sido cumprido apenas pelos trabalhadores à custa de sacrifícios que aceitaram para viabilizar o sector de cristalaria e defender a produção nacional».

O comunicado da Intersindical conclui pela afirmação de que «o Governo demonstra mais uma vez uma total incapacidade e falta de vontade para resolver os problemas através do diálogo e da negociação e aposta, deliberadamente, numa política de confrontação social, como aliás o tem revelado nos mais recentes conflitos laborais.

## Fundo Social Europeu: 31 milhões para Portugal

Portugal vai receber em 1986, do Fundo Social Europeu, cerca de 31 milhões de contos, de acordo com o orçamento do Fundo ontem apresentado em Bruxelas pela Comissão Europeia.

Deste montante, cerca de 23 milhões de contos destinam-se a investimentos que visem a cria-

ção de empregos a jovens, 8 milhões a adultos e cerca de 250 000 contos para «acções específicas» no âmbito do investimento com fins sociais.

As verbas do Fundo Social Europeu destinadas a Portugal ascendem a 8,86 por cento do total do orçamento do Fundo.

Portugal tem, no orçamento do Fundo Social Europeu, o estatuto de «região desfavorecida» que lhe permite beneficiar de participações a fundo perdido em 55 por cento do montante total dos projectos de investimento destinados a criar ou reconverter postos de trabalho.

Portugal ocupa a quinta posição como beneficiário do Fundo Social Europeu que, como tem vindo a acontecer há alguns anos, tem como principais beneficiários a Itália — 21,96 por cento do total do orçamento —, a Grã-Bretanha — 16,39 por cento — e a França — 15 por cento.

## O ataque do Irão a Teerão

O comando militar iraniano informou que o «raid» aéreo iraquiano de ontem contra uma refinaria de petróleo localizada perto de Teerão, causou cinco mortos e «danos ligeiros» nas instalações e asseverou que esse ataque «não ficará sem resposta». Na ocasião, um porta-voz militar iraniano disse que outros ataques aéreos a cidades fronteiriças do Irão causaram 21 vítimas mortais entre a população civil.

## Eleições no Bangladesh

O partido Jatiya, apoiado pelo governo militar, tomou vantagem nas eleições parlamentares do Bangladesh, ontem realizadas e marcadas por violência e acusações generalizadas de fraude. Dirigentes oposicionistas afirmaram que pelo menos 15 pessoas foram mortas e 100 feridas e outras fontes falam de um total de vítimas mais elevado. Em declaração feita na véspera do acto eleitoral, o presidente Hussein Mohammed Ershad, o chefe do Exército que tomou o poder num golpe realizado há quatro anos, indicou que as eleições conduziram eventualmente à restauração de um governo civil.

## Violência no Punjab

Presumíveis guerrilheiros sikhs mataram ontem dez pessoas em ataques no Estado do Punjab, Índia, enquanto as autoridades decretaram o recolher obrigatório por tempo indefinido em Amritsar (onde se situa o local mais sagrado dos sikhs — o Templo Dourado). De referir que os nacionalistas sikhs pretendem a independência do Estado do Punjab, onde são majoritários em relação à Índia.

## Protestos antinucleares

As cidades japonesas de Hiroxima e Nagasáqui destruídas há 40 anos por bombas atómicas norte-americanas, protestaram ontem contra o ensaio nuclear francês efectuado na terça-feira no atol da Mururoa, no Pacífico Sul. De acordo com técnicos do Ministério para a Investigação Científica e Industrial da Nova Zelândia, o engenho nuclear deflagrado tinha uma potência próxima das três quilotoneladas e foi o segundo teste nuclear francês realizado este ano.

## Acordo PCUS/MPLA

O presidente angolano, José Eduardo dos Santos, que se encontra de visita à URSS assinou em Moscovo um acordo de cooperação interpartidária com o líder soviético Mikhail Gorbachev — anunciou a agência noticiosa TASS. O acordo cobre as relações entre o Partido Comunista Soviético e o MPLA para o período de 1986-88.

## Mês do Ramadão

Mais de um bilião de muçulmanos em todo o mundo iniciam hoje o Ramadão, o mês de jejum o mais sagrado dos meses do calendário islâmico. De acordo com a crença religiosa islâmica, durante este mês, a palavra de Deus revelada através do Corão iluminou o profeta Maomé, que recebeu a ordem de difundir o Islão, a religião de Deus. Para os muçulmanos, o Ramadão representa uma cerimónia que se renova em cada onze meses e que lhes oferece a possibilidade de aprofundar a sua fé no Islamismo, de molde a adequar as suas condutas aos ensinamentos da sua religião.

## Novo Presidente da Costa Rica

Oscar Arias Sanchez toma hoje posse como novo presidente da Costa Rica, lançando-se imediatamente numa procura da paz para a América Central. Em conferência de imprensa dada ontem à noite, Arias Sanchez afirmou que se não for conseguido um acordo de paz haverá uma situação apocalíptica tanto para a América Central como para todo o mundo.

## Nova capital da Argentina

Argentina do mar ou simplesmente Argentina será o nome da nova capital da Argentina que o presidente Raul Alfonsín decidiu transferir da sua sede actual em Buenos Aires para a cidade de Viedma, situada 900 quilómetros para Sul. O diário «Ambito Financiero», que revela o nome da nova capital, salienta que o «novo distrito federal ficará situado exactamente a 12 quilómetros da cidade de Viedma».

Ensombradas pelos recentes acontecimentos internacionais

## Negociações sobre desarmamento recomeçam em Genebra

As conversações sovieto-norte-americanas sobre desarmamento recomeçaram em Genebra, num ambiente dominado pelas dúvidas acerca da realização de uma nova cimeira entre Ronald Reagan e Mikhail Gorbachev. A cimeira está dependente — do ponto de vista de Moscovo — de «uma mudança de atitude» por parte de Washington na sua actuação internacional. Esta quinta ronda de conversações de Genebra — as anteriores terminaram sem que se chegasse a qualquer acordo — poderá ser afectada pelos mais recentes acontecimentos internacionais.

Entre eles, destaca-se o bombardeamento da Líbia pelos Estados Unidos em Abril. Moscovo reagiu com o anúncio da suspensão do encontro previsto para meados deste mês entre o seu ministro dos Negócios Estrangeiros, Eduard Chevardnadze, e o seu colega norte-americano, George Shultz, que teriam a seu cargo a preparação da cimeira Reagan-Gorbachev.

Esta medida foi suavizada pelas declarações de Gorbachev em Berlim, quando disse que a União Soviética continua disposta a participar na cimeira, se bem que condicionada à «criação de uma atmosfera apropriada». Essa atmosfera, do ponto de vista de Moscovo, depende dos Estados Unidos.

Observadores na União So-

viética comentaram que a posição de Gorbachev, que tem repetido as propostas de desarmamento, poderá ser agora afectada pelo acidente na central nuclear de Chernobyl.

O acidente pôs em causa os sistemas de controlo e segurança soviéticos e levou a que Moscovo fosse seriamente criticada pelo seu silêncio inicial sobre o acidente e os problemas dele decorrentes.

Neste pano de fundo, negociadores soviéticos e norte-americanos regressam agora a Genebra para recomeçarem as conversações, que como ponto máximo de esperança têm um eventual acordo sobre armas de médio alcance instaladas na Europa.

Em Janeiro passado, a União

Soviética propôs — no âmbito de um plano geral para acabar com todas as armas nucleares antes do fim do século — a retirada de todos os mísseis nucleares de médio alcance soviéticos e norte-americanos instalados na Europa.

Essa proposta estava condicionada a que Washington não colocasse noutros países as suas armas tácticas e estratégicas e que a Grã-Bretanha e a França congelassem os seus arsenais nucleares nacionais aos níveis presentes.

A novidade da proposta soviética residia em que, pela primeira vez, Moscovo admitiu que os «Pershing 2» e «Cruise» norte-americanos são armas de médio alcance.

Ao mesmo tempo, descreveu que os seus SS-20 tinham sido instalados na Europa como contramedida aos mísseis nucleares franceses e britânicos.

O ponto principal de discórdia neste campo entre as duas superpotências continua a ser que (segundo o ponto de vista soviético) os «SS-20» instalados na parte oriental da União Soviética não devem ser contabilizados como armas de médio alcance, por contraponto aos euro-mísseis norte-americanos.

A esta posição soviética, os ocidentais argumentam com a grande mobilidade dos «SS-20», que são facilmente transportáveis num curto espaço de tempo — o que leva a que os considerem no âmbito das armas de médio alcance europeu.

Contudo, o principal problema em Genebra continua a ser o programa dos Estados Unidos da Iniciativa de Defesa Estratégica, que levou a que Moscovo condicionasse à sua abolição qualquer redução do armamento soviético.

Os meios de Comunicação Social soviéticos não fizeram o volume habitual de comentários sobre o recomeço das negociações de Genebra. Somente a agência APN produziu um duro comentário acusando «algumas forças dos Estados Unidos de desejarem a coriação de uma atmosfera similar à de Novembro de 1983, quando a União Soviética decidiu retirar-se de Genebra».

Segundo a APN, «a campanha propagandística lançada por Washington, sobre supostas violações soviéticas do tratado Salt-2, não é um bom augúrio para a próxima ronda de negociações».

## Violento sismo no Alasca

Forte abalo sísmico de magnitude 7,7 na escala de Richter, que vai de um a dez, foi sentido às 18 e 47 locais de ontem no arquipélago das Aleutas, a oeste da península do Alasca. E também foi registado na Columbia Britânica (Canadá) e nos estados norte-americanos de Washington, Oregon e Califórnia. Desconhece-se a importância exacta deste sismo, mas sabe-se desde já que danificou os edifícios da base naval de Adak, sem no entanto causar vítimas. Cinco mil pessoas fugiram para zonas mais elevadas do que aquelas onde normalmente residem. O geólogo norte-americano Don Finley disse que foi o mais forte sismo registado nas Américas desde aquele que em 19 de Setembro do ano passado afectou o México.

## Reagan satisfeito com a Cimeira de Tóquio

O presidente Reagan regressou da sua viagem mais longa ao estrangeiro afirmando estar mais confiante do que nunca em que a «praga do terrorismo vai ser apagada da face da Terra».

O presidente norte-americano que participou na Cimeira de Tóquio, dos sete países mais industrializados do Ocidente, disse que ele e os líderes das outras nações «chegaram a entendimentos» que irão reforçar a segurança dos povos livres em todo o Mundo, bem como promover prosperidade.

Dirigindo-se a membros da Administração que o aguardavam na Casa Branca, Reagan disse que «os terroristas e aqueles que os apoiam — especialmente os governos — foram

avisados. «A partir de agora vai ser mais duro». «Os povos decentes deste Mundo — como ficou nem claro na nossa declaração de Tóquio — não estão apenas juntos nesta guerra contra o terrorismo. Estamos decididos a ganhar a guerra e a apagar a praga do terrorismo da face da Terra» — acentuou.

«As nossas nações, actuando em conjunto, têm um enorme poder militar, económico e diplomático. Chegámos a acordo de que chegou o tempo de passarmos além das palavras e da retórica — disse o presidente norte-americano.

Reagan elogiou também os acordos de carácter económico, referindo que eles vão permitir uma maior prosperidade.

## Reacção líbia

Segundo a agência noticiosa Java, a Líbia «rejeita e condena com veemência a referência do seu nome num comunicado oficial» aprovado na Cimeira Económica de Tóquio.

A agência acrescentou, citando uma nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros líbio, que esta posição foi já comunicada aos embaixadores de Itália, França e Alemanha Federal e ao encarregado de negócios da Holanda, acreditados em Trípoli.

O Ministério adverte ainda aqueles países para as «ameaças indirectas» veiculadas por Shultz contra o regime do coronel Muammar Kadhafi, como prenúncio de um alegado «plano secreto de nova agressão à Líbia».

## Hastings Banda critica o apartheid

O presidente Hasting Banda, do Malawi, o único país africano que mantém relações diplomáticas com a África do Sul, apelou a que sejam desenvolvidos todos os esforços para acabar com o «apartheid».

Banda discursava num banquete em honra do primeiro-ministro do Zimbábue, Robert Mugabe, que pela primeira vez visita oficialmente o Malawi.

Existem profundas divergências nas opções políticas dos dois países: Mugabe é descrito como um marxista convicto e critica acerrimamente países como a África do Sul, Israel, Coreia do Sul e a Formosa, com quem o Malawi tem relações diplomáticas estáveis.

As economias das duas ex-colónias britânicas dependem fortemente da África do Sul especialmente nas áreas do co-

mércio, transportes e comunicações.

O presidente do Malawi apelou também ao Governo sul-africano para que inicie o diálogo com os nacionalistas negros em ordem a alcançar a paz.

«Temos de ser realistas. A África do Sul não é só para brancos. Eles (os brancos) têm de levar a população negra ao poder político porque eles são a maioria». Banda recordou que

«os brancos são uma pequena parte da população».

## Novo Bandustão

Entretanto a África do Sul anunciou que deverá reconhecer a independência do Bandustão de Kwandebale a 11 de Dezembro. Será o quinto Bantustão sul-africano que ascende a uma independência que não é reconhecida por nenhum outro país.

O actual campeão de pesos Michael Spinks manteve o título ao derrotar Larry Holmes (por pontos) em combate realizado sábado à noite, em Las Vegas.

Há sete meses, Spinks arrebatou surpreendentemente o título a Holmes perante o espanto da assistência e, à semelhança do que aconteceu no primeiro combate, Holmes roubou-se que «lhe haviam roubado a vitória». Spinks recebeu um prémio de dois milhões de dólares (mais de 290 mil contos), enquanto Holmes teve direito a 1250 mil dólares.

COMPANHIA Tel. 2752175

**TEATRO DE ALMADA**

**O CAPOTE**

de N. GOGOL

de 2 a 11 Maio

21.30 - de 5ª a dom.

16 - sáb. e dom.

SEC/CMA

encenação

**JOAQUIM PENITE**

com

**CARLOS GONÇALVES**

prémio de crítica de interpretação 1985

**CANTO** **ANTÓNIO** **ADELAIDE**

**E CASTRO** **ASSUNÇÃO** **JOÃO**

**LUIS** **VITOR**

**VICENTE** **GONÇALVES**

"Trabalho comovente" C. PORTO (D. Lisboa) - "interpretação fora do comum" T. L. VIVO (A Capital)

**PATENTE**

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 74 038 para: «APARELHO PARA O REVESTIMENTO ELETROSTÁTICO CONTÍNUO DE UM OBJECTO ALONGADO».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, Lda. PATENTES E MARCAS RUA CASTILHO, 201-2.º-3.º/Esq. 1000 LISBOA

**TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 4.º JUÍZO**

**ANÚNCIO**

FAZ-SE SABER que no dia 14 de Maio de 1986, pelas 11.00 horas na 3.ª Secção deste Juízo, nos autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 2543/84 que SOCIEDADE PORTUGUESA DO AR LÍQUIDO (ARLÍQUIDO), SARL, com sede na Rua da Quinta do Almargem, 14 - Lisboa move contra MATERIAIS NOVOBRA, SARL, com sede na Av.ª dos Estados Unidos da América, 100-5.º Dt.º em Lisboa, há-de ser posto pela 1.ª vez, para ser arrematado em hasta pública por o maior lance oferecido, o direito ao transpasse e arrendamento do estabelecimento comercial da executada, sito na Av.ª EUA, 100-5.º Dt.º Lisboa, do qual é senhorio C.ª de Seguros España S.A.

Lisboa, 24 de Abril de 1986

O JUIZ DE DIREITO  
Alípio Duarte Calheiros

A ESCRIVÃ DE DIREITO  
M.ª Fernanda Marques Nogueira

«DL» 8/5/86 - 2.ª Pub.

Em vésperas de abalada para o México

# Seleccção de «Infantes» tem hoje «um dia social»

Em vésperas de abalada para o México, a turma nacional de futebol cumpre hoje um carregado programa social: às 12 horas, na Sala Jardim (Hotel Tivoli) os jogadores e técnicos receberam moedas comemorativas da sua qualificação para a fase final do mundial, numa cerimónia que teve a presença do eng.º António Miguel Trigueiros (Imprensa Nacional-Casa da Moeda). Segue-se um almoço no «Lua-de-mel» (Rua da Prata) onde haverá confraternização entre toda a caravana e muitos comerciantes da Baixa lisbonense. Pelas 15 horas, os comandados por José Torres são recebidos pelo dr. João de Deus Pinheiro (ministro da Cultura) seguindo-se a apresentação de despedida ao professor Cavaco Silva (primeiro-ministro) na residência oficial de S. Bento. Pelas 18 horas, no Altis, a «Adidas» exhibe os equipamentos que os «infantes» vão utilizar nos vários jogos no continente americano e, por fim, segue-se (no «Solar dos Presuntos») um jantar confeccionado por Alvaro Evaristo, proprietário da casa e cozinheiro da turma no México. Estarão nesse convívio toda a comitiva que amanhã embarca, jornalistas e radialistas.

Entretanto, a selecção foi submetida, no Estádio Nacional, a uma sessão de treino «a doer».

O professor Monge da Silva (responsável pela preparação física dos «Infantes») justificou a maior intensidade na necessidade de reduzir ao máximo as perdas que certamente serão ocasionadas pelos dois dias de viagem.

De acordo com o plano estabelecido, o seleccionador José Torres, Monge da Silva e os técnicos-adjuntos Jaime Graça e Marinho orientaram os trabalhos, que se prolongaram durante cerca de hora e meia. Marinho e Jaime Graça obrigaram os guarda-redes, Bento, Damas e Jorge Martins a exercícios de flexibilidade, enquanto José Torres e Monge da Silva se encarregavam de dirigir o período de aquecimento dos restantes.

Depois, José Torres dividiu os seus «pupilos» em três grupos (amarelos, laranjas e brancos), que passaram a exercitar lances de contra-ataque em metade do relvado do Jamor, revezando-se por períodos de dez minutos, durante meia hora.

Os jogadores recebiam a bola dos guarda-redes e corriam isolados para a baliza contrária, rematando antes de entrarem na área, pressionados pelo «adversário» que anteriormente fizera o mesmo.

Com os «Infantes» já bem suados, José Torres deu então ordem para a habitual «peladinha», dividindo o grupo em dois (amarelos e brancos). A vitória acabou por pertencer aos amarelos por 4-1, numa «partida» que se prolongou por cerca de 45 minutos e em que os golos de cabeça valiam por dois.

Pelos amarelos alinharam Bento, Álvaro, Veloso, João Pinto, Ribeiro, Frederico, Jaime Magalhães, Jaime Pacheco, Futre, Gomes e Rui Águas. Os brancos jogaram com Damas, Inácio, Oliveira, José António, Sobrinho, Morato, Sousa, Jorge Martins, André, Carlos Manuel e Diamantino.

Os «amarelos» chegaram a 4-0, com um golo de cabeça (valeu por 2) de Frederico (na sequência de um cruzamento da esquerda por Futre) e dois de Jaime Pacheco, com remates de fora da área, sem hipótese de defesa para Damas.

Já na parte final, os brancos reduziram, por Carlos Manuel, na transformação de uma grande penalidade, assinalada pelo «juiz» José Torres, por carga de Veloso sobre Oliveira.

**Monge da Silva: ponto de vista**

O preparador físico da selecção, o professor Monge da

Silva, justificou o intenso trabalho realizado no Estádio Nacional na necessidade de um treino que deixasse mais marcas, dada a inactividade a que vão estar sujeitos durante dois dias. Realizámos um trabalho diferente, mais intenso à base de velocidade, porque temos de estar preparados para as perdas que a viagem nos trará — acrescentou Monge da Silva.

No final da sessão, Monge da Silva destacou a aplicação e alegria revelada por todos os intervenientes nos trabalhos, mostrando-se satisfeito. Referiu (também) que todos os seleccionados se encontram em excelentes condições físicas.

**José Torres: declarações**

O seleccionador José Torres considera que a principal arma da equipa portuguesa será o futebol apoiado. Vamos tentar aperfeiçoar ainda mais a nossa arma, pois é o nosso melhor trunfo — diz o técnico português. Para quem são igualmente importantes o remate de longe e os lances de bola parada, aspectos que terão de ser também melhorados.

Actualmente, é tão difícil jogar na área que os lances de bola parada e os remates são cada vez mais importantes — afirma o seleccionador nacional. No entanto, José Torres declara que tem ainda muito tempo para ensaiar aqueles lances, considerando que dispõe também de armas poderosas para os poder concretizar. Entre outros, José Torres referiu os nomes do portista André, do benfiquista Carlos Manuel e do sportinguista Sousa, jogadores que habitualmente concretizam situações idênticas nos seus clubes.

**«Esperanças» em acção**

No Torneio de Toulon (França) as «esperanças» comandadas por Juca actuam hoje (20 e 30) perante a turma francesa, para encongrar o 1.º classificado de um dos grupos de



Jamor: Torres dá indicações aos pupillos

concorrentes a esta competição futebolística.

**Federação matém calendário**

Ainda que o «caso Gerúcio» se encontre pendente no órgão disciplinar da FPF (duvidando-se que conheça decisão definitiva na reunião de hoje) a direcção federativa mantém o calendário inicialmente estabelecido não atendendo o pedido de «O Elvas» para suspender o início do torneio de competição.

Deste modo, estão marcados para domingo os seguintes encontros do calendário federativo: «Linguilla»: Aves-Varzim e Elvas-União; campeonato da II divisão: Farense-Rio Ave; campeonato da 3.ª divisão: Estarreja-Bragança.

Quanto ao nacional de juniores foram antecipados para sábado os seguintes encontros: Beira-Mar-FC Porto, Rio Ave-Académica e Varzim-Braga, Vitória de Setúbal-Sporting, Benfica-União de Leiria e União de Coimbra-Torralta (todos às 16 horas).

**Rodolfo assina pelo Salgueiros**

Finalmente está preenchida a vaga deixada pela saída de Humberto Coelho do comando futebolístico do clube de Paranhos. Rodolfo, antigo futebolista do FC Porto e actual responsável pelo futebol júnior da colectividade das Antas, assinou, ontem, contrato com o Salgueiros, tendo afirmado ser seu propósito regressar dentro de alguns anos aos «dragões».

**Pires e Paulino continuam no Bessa**

João Alves não «consentirá» que Pires e Paulino escolham

outro clube porque os considera pedras fundamentais do elenco dos 23. Entretanto Vitorino e Folha deverão sair.

**Belenenses reforça-se**

Como primeira confirmação no que se refere ao reforço do plantel do Belenenses surge a contratação de Venâncio do Montijo e consta que decorrem negociações com Rosário do Estrela da Amadora.

**Sporting da Covilhã: futuro**

Os jogadores Cavaleiro e Jorge Coutinho (pontas-de-lança), do Beira-Mar, assinaram com o Sporting da Covilhã para jogarem na sua equipa principal de futebol na próxima época.

Santos, ex-guarda-redes do Vitória de Setúbal, estabeleceu também contrato com a equipa covilhanense para a época de 1986/87. Mantém-se ao serviço do clube da Covilhã os jogadores Paulo Roberto, Joanito, Níromar, Salcedas, Pocho e Mesquita, estando os responsáveis da colectividade a diligenciar a renovação do contrato com Artur Semedo.

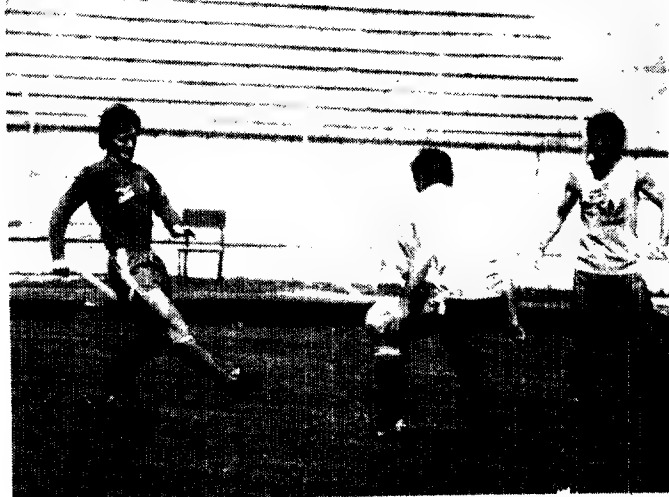
**Futebol de salão: Final nacional**

No próximo sábado, pelas 18 horas, no Pavilhão da Tapadinha, (Lisboa) processa-se a final do campeonato nacional organizado pela Associação de Futebol de Salão de Lisboa. Frente a frente vão estar as representações de «Os Académicos» (Zona Norte) e Grupo Desportivo da Quintinha (Zona Sul).

**Anderlecht renova título**

O Anderlecht renovou o título de campeão belga ao empatar a dois golos (fora) com o FC Bruges, na segunda «mão» da finalíssima. No encontro da 1.ª «mão» as equipas empataram a um golo. O Anderlecht é campeão mercê dos golos marcados fora.

Ontem, Papin (14) e Wellens (34) marcaram pelo Bruges e Vanderycken (60) e de Mol (72) apontaram os golos do Anderlecht.



Sousa: um pé canhão funcionando



Torres e Monge da Silva: olhares sobre a esquadra

## FC Porto e Chaves fora do «pacto»

FC Porto e Chaves foram os únicos clubes da primeira divisão que recusaram assinar a escritura da Associação de Clubes após uma reunião promovida quarta-feira em Lisboa. Aqueles dois clubes nortenhos não justificaram a sua ausência na reunião e de acordo com os objectivos definidos a Associação pretende que as leis laborais sejam similares às que vigoram na Comunidade Europeia e defende a continuação do pacto enquanto não estiverem regulamentadas as relações de trabalho.

A eleição dos corpos gerentes da Associação será efectuada este mês numa reunião a realizar em Coimbra.

## Râguebi: Portugal baixa de escalão

A «bomba» estourou. Inesperadamente a modesta equipa da Tunísia venceu a Roménia em râguebi e como consequência (bem desagradável) Portugal regressa ao escalão «B» de onde saíra recentemente. Recorde-se que a Roménia é uma das maiores potências europeias da modalidade pelo que o triunfo da Tunísia pode considerar-se, no mínimo, surpreendente.

## Champanhe aposta no «Mundial»

Uma empresa francesa decidiu pôr no mercado uma selecção especial de champanhe, denominada «Mundial-86», para assinalar a fase final do mundial de futebol no México.

O champanhe não se apresenta em garrafa normal de vidro mas de plástico, que os autores consideram ser extremamente resistente ao tempo quente. O produto, produzido com o acordo da Federação Francesa de Futebol, será posto à venda nos próximos dias e os produtores garantem que o material plástico foi concebido «a pensar em países muito quentes e cheios de sol».

### António Oliveira:

comentador no México

Depois de Humberto Coelho (RTP) e Manuel Fernandes (Rádio Comercial) outra vedeta do futebol estará no México como comentador: António Oliveira acompanhará Ribeiro Cristóvão e Oscar Coelho nas transmissões para a Rádio Renascença.



## Chernobyl afecta «Taça Davis»

A equipa de ténis finlandesa desistiu de defrontar a sua congénere polaca no próximo fim-de-semana, em jogo da Taça Davis, por recear afecções resultantes do desastre nuclear de Chernobyl. A Federação de ténis finlandesa adiantou não se deslocar a Varsóvia por recear o perigo de radiações e o jogo, marcado para dia nove, foi adiado por uma semana.

Um membro do governo polaco anunciou que o nível de radiação em Varsóvia era quase nulo.

## Golfe: o que eles ganham

O australiano Greg Norman é o jogador que mais dinheiro recebeu até agora de prémios no circuito norte-americano de golfe, com uma receita de 343 774 dólares (cerca de 51 500 contos).

Norman, que ganhou no fim-de-semana o torneio (por convite) de Las Vegas (31 000 contos), foi segundo no torneio de Hilton Head Island e no Masters de Augusta, e passou agora para o comando da lista de receitas, com mais 6000 contos em relação ao segundo classificado, o norte-americano Clavin Peete, que recebeu até agora 301 558 dólares.

Na lista dos 20 primeiros surgem só dois europeus, o alemão-federal Bernhard Langer (vencedor da ordem de mérito europeia em 1984) na 9.ª posição com 191 133 dólares (28 600 contos) e o escocês Sandy Lyle (primeiro na ordem de mérito europeia em 1985) na 20.ª posição, que recebeu até agora 139 452 dólares (20 900 contos).

A lista dos 10 jogadores milionários do golfe do circuito norte-americano é a seguinte: 1.º Greg Norman, Austrália, 34 774 dólares; 2.º Clavin Peete, EUA, 301 558; 3.º John Mahaffey, EUA, 275 128; 4.º Andy Bean, EUA, 272 304; 5.º Fuzzy Zoeller, EUA, 223 590; 6.º Hal Sutton, EUA, 213 452; 7.º Bom Tway, EUA, 212 388; 8.º Tom Kite, EUA, 191 375; 9.º Bernhard, Langer, RFA, 191 133 e 10.º Payne Stewart, EUA, 188 714.

### Ciclismo

# «Rota da Luz» começa amanhã

Integrado no calendário federativo, começa amanhã e terminará no dia 12, o Grande Prémio «Rota da Luz» destinado a ciclistas seniores e profissionais, percorrendo todos os concelhos do distrito de Aveiro. A prova terá o patrocínio de «O Comércio do Porto» e o nosso camarada Joaquim Queirós — director de a «Gazeta dos Desportos» — será o director da corrida.

Como particularidade aliciente, teremos a escalada de S. Macário (S. Pedro do Sul) situado no pináculo mais elevado da serra da Gralheira. A prova tem o seguinte calendário: dia 9, Oliveira de Azeméis - Oliveira do Bairro (123 quilómetros), com partida às 10 horas e chegada às 13,15 horas; à tarde, disputa-se o circuito da Bairrada (contra-relógio por equipas); sábado: Circuito dos Vinhos Verdes (Vale de Cambra) a partir das 15 horas; domingo: circuito de Terras de Santa Maria (3 voltas em linha) às 9,30 horas e de tarde com início às 14,30 horas disputa-se a 5.ª etapa

entre a Vila da Feira e S. Macário (110 quilómetros); finalmente na 2.ª-feira realiza-se a derradeira tirada entre Viseu e Aveiro com partida às 10 horas e chegada pelas 14,05.

Recorde-se que os vencedores das edições anteriores foram os seguintes: José Henriques — Lousa — 1981, Joaquim Andrade — Ovarense — 1982, Paulo Ferreira — Lousa — 1983, Adelino Teixeira — Loures — 1984 e Eduardo Correia — Sporting — 1985.

### «Vuelta»

O espanhol Alvaro Pino manteve a camisola amarela da volta à Espanha em bicicleta, com uma vantagem de 33 segundos sobre o escocês Robert Millar, cumprida a 15.ª etapa.

A tirada foi ganha pelo espanhol Juan Esguiarte, que percorreu os 200 quilómetros entre Aranjuez e Albacete em 4 horas, 39 minutos e 20 segundos e Pino entrou com o pelotão, 26 segundos depois do vencedor.



Os homens da equipa holandesa da Panasonic puxaram então pelo pelotão e reduziram ao mínimo a vantagem de Esguiarte, cuja posição na tabela geral, 110.º lugar, a ninguém incomodava. Por isso Juan Esguiarte conseguiu terminar com êxito a mais longa fuga das 15 etapas já percorridas desta edição da «Vuelta».

Hoje percorre-se a 16.ª etapa, entre Albacete e Jaen, a mais extensa da prova, com

264 quilómetros totalmente planos, tal como a tirada de ontem.

A classificação geral, após esta etapa, é a seguinte:

1.º Alvaro Pino, Espanha, 207 h 7 m 26 s; 2.º Robert Millar, Escócia, Panasonic a 33 s; 3.º Pedro Delgado, Espanha, PDM MG a 01,52; 4.º Marino Lajarreta, Espanha, Seat Orbea 02,20; 5.º Raimund Dietzen.

# Ginástica foi festa no Vitória de Setúbal

Com grande afluência do público, decorreu, no Pavilhão Antoine Velge, o II Sarau de Ginástica do Vitória Futebol Clube.

Oportuno felicitar, desde já não só o público, pelo excelente espectáculo a que teve ensejo de assistir, mas também o próprio Vitória, pela insistência em apresentar, além das suas classes, as dos Pupilos do Exército, Sport Lisboa e Benfica, Sporting Clube de Portugal e Ginásio Clube Português.

De assinalar, em relação ao popular clube sadino, a nítida evolução operada no âmbito das suas classes de ginástica, particularmente na rítmica-desportiva, desportiva e trampolins. Quanto aos outros grupos intervenientes, o Ginásio Clube Português esteve em plano de grande evidência, com a sua classe especial de homens, de craveira internacional, quer sob o ponto de vista técnico quer experimental.

Surpresa agradável, pela sua frescura e alegria, constitui

igualmente a classe de ginástica acrobática do prof. Portas de Figueiredo. O Sporting Clube de Portugal, por seu turno, exibiu três classes, tendo a actuação dos «Tarzans» do prof. Artur Gil demonstrado como uma boa formação técnica de base leva aos mais altos níveis de execução na ginástica de grupo.

Momento alto neste II Sarau de Ginástica do Vitória Futebol Clube foram também, pelo seu rigor e audácia, os saltos de mesa-alemã executados (sob a direcção do prof. Carlos Manças) pelos Pupilos do Exército. Pena que, nos exercícios dois a dois, sob orientação técnica diferente, a descoordenação verificada entre música e movimento, aliada a certo decalque do trabalho efectuado por outra classe, fizessem recordar a falta do prof. Robalo Gouveia (actual presidente da Federação Portuguesa de Ginástica) e, até ao ano passado, responsável pela ginástica naquele estabelecimento de ensino.

### Hóquei em patins: juniores

## Dez selecções no «Europeu» de Anadia

Seleções de nove países europeus confirmaram já a sua participação no campeonato europeu de hóquei em patins, na categoria de juniores, a disputar na Anadia, em Outubro e Novembro.

Além da selecção portuguesa confirmaram a presença as suas congéneres da Alemanha Federal, Bélgica, Espanha, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Suíça.

A organização do campeonato foi confiada, pela Federação Portuguesa de Patinagem, à Câmara Municipal de Anadia e os custos rondarão os nove mil

contos, tendo o presidente do município afirmado que a boa estrutura desportiva existente no concelho e a vontade de fomentar a prática do hóquei em patins animaram a autarquia a levar por diante esta tarefa.

O presidente da Federação Portuguesa de Patinagem manifestou por sua vez «total confiança à organização».

As partidas do 27.º campeonato europeu de juniores de hóquei em patins que se disputa de 27 de Outubro serão dirigidas por seis árbitros estrangeiros e três portugueses.

### ILUMITRÓNICA — ILUMINAÇÃO E ELECTRÓNICA, LDA.

Certifico narrativamente, para efeitos de publicação, que, por escritura de 14 de Março de 1986, lavrada de folhas 71 verso a folhas 72 verso, do livro 39 C, de notas para escrituras diversas do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária licenciada Maria Filomena Marques da Cruz, foi constituída entre JOSE MANUEL SEQUEIRA DUARTE e ALBERTINO FILIPE BOTA, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com denominação epigráfica e sede em Lisboa, na Rua Manuel Ferreira de Andrade, número 19, 1.ª andar, esquerdo, freguesia de Benfica, que se rege pelo pacto social constante dos artigos seguintes.

#### Artigo Primeiro

A sociedade adopta a denominação de ILUMITRÓNICA — ILUMINAÇÃO E ELECTRÓNICA, LDA. e terá a sua sede em Lisboa, na Rua Manuel Ferreira de Andrade, número dezanove, primeiro, esquerdo, freguesia de Benfica, podendo, contudo, a gerência ou a assembleia geral estabelecer e manter filiais em Portugal, metropolitano.

#### Artigo Segundo

A sociedade durará por tempo indeterminado e o seu início conta-se a partir de hoje.

#### Artigo Terceiro

O objecto da sociedade é a importação, venda e comercialização de artigos eléctricos e electrónicos e seus componentes.

#### Artigo Quarto

O capital da sociedade é de cinquenta mil escudos, integralmente realizado e pago em dinheiro, e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de vinte e cinco mil escudos pertencente ao sócio José Manuel Sequeira Duarte, e outra de vinte e cinco mil escudos pertencente ao sócio Albertino Filipe Bota.

#### Artigo Quinto

Os quotistas terão direito de preferência, na proporção das suas quotas, em quaisquer aumentos de capital, que serão efectuados nas condições a estabelecer pela assembleia geral.

#### Artigo Sexto

UM — A transmissão de quotas a terceiros, qualquer que seja a forma por que se realize, estará dependente do consentimento prévio dos quotistas, que terão sempre direito de preferência.

DOIS — A transmissão de quotas entre os quotistas e livre, bem como a sua divisão.

#### Artigo Sétimo

UM — As quotas poderão ser amortizadas mediante acordo prévio entre a sociedade e o respectivo titular.

DOIS — A amortização será, contudo, obrigatória, no caso de a quota ter sido restada ou penhorada ou quando a sociedade sua titular tiver sido dissolvida.

#### Artigo Oitavo

UM — A gerência da sociedade, isenta de caução, será confiada a um ou mais gerentes, nomeados em assembleia geral, os quais poderão ser pessoas estranhas à sociedade.

DOIS — A gerência terá plenos poderes para dirigir os negócios da sociedade e para a representar no foro ou fora dele.

TRES — Qualquer gerente poderá delegar os seus poderes, totalmente ou em parte, a qualquer quotista ou terceiro, se autorizado pela assembleia geral.

QUARTO — A sociedade obriga-se pela assinatura de um gerente ou pela de um mandatário por ele constituído. O gerente poderá obrigar a sociedade em quaisquer contratos de arrendamento comercial ou industrial, bem como na compra ou venda de veículos automóveis.

CINCO — Se um gerente estiver impossibilitado de exercer as suas funções, estas serão desempenhadas pela pessoa ou pessoas nomeadas pela assembleia geral.

SEIS — Nenhum gerente ou mandatário constituído poderá, em quaisquer circunstâncias, obrigar a sociedade por garantias, fianças, letras ou quaisquer outras operações estranhas ao objecto da sociedade, tais actos, quando praticados, serão da exclusiva responsabilidade da pessoa que os praticou e não obrigarão a sociedade.

#### Artigo Nono

UM — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas, enviadas aos quotistas com, pelo menos, cinco dias de antecedência, excepto quando a lei prescrever prazos diferentes.

DOIS — As assembleias gerais extraordinárias serão convocadas quando a gerência o entender conveniente.

TRES — O envio das cartas referidas no número um deste artigo poderá ser substituído pelas assinaturas dos quotistas, apostas na convocatória, neste caso, não será necessário respeitar o aviso prévio ali referido.

QUATRO — Nos limites da lei, as assembleias gerais poderão ser substituídas por resoluções escritas.

#### Artigo Décimo

UM — A sociedade dissolver-se-á nos casos previstos na lei.

DOIS — Decidida a dissolução da sociedade, a assembleia geral deliberará sobre o pagamento das suas dívidas e distribuição dos seus créditos.

Está conforme, Lisboa aos dezoito de Março de mil novecentos e oitenta e seis.

O Terceiro Ajudante  
Cecília Maria Tavares

«D.L.» — 8/5/1986

Depois do Dínamo de Kiev

# Steaua: Leste domina futebol europeu

Talvez estivesse fora da maioria dos prognósticos mas, sensacionalmente, perante uma Sevilha que ficou completamente rendida, os romenos do Steaua vieram de Bucareste com a preconcebida ideia de bem baterem o pé aos altos senhores do Barcelona: e as «estrelas» remetidas no Nou Camp para o andaluz Sanchez Pizjuan acabaram por ver a Taça dos Clubes Campeões Europeus viajar para Leste, tal como já tinha acontecido com os soviéticos do Dínamo de Kiev ao embolsarem, também perante espanhóis (do Atlético de Madrid), a Taça dos Vencedores de Taças.

Um guarda-redes «milagroso», que defendeu nada menos do que uma série de quatro grandes penalidades consecutivas permitiu ao clube romeno Steana de Bucareste a conquista da Taça dos Campeões Europeus de futebol. De facto o guardião Ducadanu (que ao longo de todo o encontro e sequente prolongamento de 30 minutos já efectuara uma exibição de muito mérito) cometeu a proeza de negar o golo aos jogadores do Barcelona encarregados de converter as grandes penalidades que o regulamento estipula, em caso de preavaler o empate após 120 minutos de jogo.

Curiosamente, também Urruti (guarda-redes do Barcelona) defendeu as duas primeiras penalidades apontadas pelos romenos, mas foi incapaz de impedir a conversão das 3.ª e 4.ª, que colocaram o Steua a vencerá por 2-0. Ambas as equipas dispensaram a marcação do 5.º pontapé a que tinham direito, já que o triunfo do Steana estava assegurado, pelo menos por uma bola de diferença.

O encontro, jogado com alguma dureza e nervosismo de parte a parte, teve lances de bom futebol, com relevo para a primeira metade do Barcelona, a pressionar constantemente o meio-campo contrário, e com Gerardo, Schuster (por duas vezes) e Marcos a falharem excelentes oportunidades de golo.

Na 2.ª parte, o Steua sacudi a pressão dos catalães e teve algumas descidas perigo as até à grande-área contrária, nos evidenciando deficiências na finalização. Algo desastrados nas entregas durante os 45 minutos iniciais, os romenos corrigiram esse aspecto do seu jogo no tempo complementar: e passaram a progredir no terreno com maior eficácia, acercando-se com perigo da baliza de Urruti. Boloni teve mesmo o golo à vista mas rematou da pior maneira, após uma excelente triangulação da linha dianteira do Steua.

No prolongamento de 30 minutos sem intervalo que se lhe seguiu, a partida decorreu, em todos os seus aspectos, bem mais equilibrada do que na primeira parte: e também o Barce-

lona criou situações de risco para a baliza de Ducadanu, com Carrasco e Archibald a desfrutarem de boas oportunidades. De salientar ainda um grande remate de Majeau ao lado de um dos postes das redes à guarda de Urruti.

Foi (em suma) um encontro em que as defesas suplantaram os ataques, com relevo para a do Steua de Bucareste, que esteve sempre com grande segurança, mesmo nas ocasiões de maior apuro.

Na marcação das séries de grandes penalidades (séries de 5 para cada equipa) o Steua de Bucareste converteu duas e falhou outras duas, enquanto os jogadores do Barcelona falharam todas as quatro que foram chamados a converter.

Sob a arbitragem do juiz francês Michel Vautrot, as equipas alinharam:

Barcelona: Urruti; Gerardo, Migueli, Alesanco e Julio Alberto; Victor, Pedraza, Schuster (Moratalla, aos 84 minutos) e Marcos; Archibald («Pichi» Alonso, aos 114 minutos) e Carrasco.

Steua de Bucareste: Ducadan; Iovan, Bumbescu, Belodedici e Barbulescu; Boloni, Maiaru, Balan (Iordonescu, aos 75 minutos) e Magearu; Piturca (Radu, aos 114 minutos) e Lacatus.

Michel Vautrot mostrou o cartão amarelo a Carrasco e a Julio Alberto (Barcelona) e a

Balan, Balint e Lacatus (Steua).

Trata-se da 1.ª vitória de um clube do Leste europeu na Taça dos Campeões.

Na equipa do Steua de Bucareste foram figuras de destaque o avançado Boloni (a nova coqueluche do futebol romeno e comandante de toda a manobra da equipa) e o guarda-redes Ducadan, «herói» da partida, especialmente no momento dos «penalties».

Na equipa catalã, foi notória a influência do alemão Bernd Schuster que, muito bem marcado pelos médios contrários, apenas deu nas vistas a espaços, comprometendo o fio de jogo dos espanhóis.

Barcelona falhou a marcação de todos os «penalties» por intermédio de Alesanco, Pedraza, Pichi Alonso e Marcos. Melhor: todos os remates foram defendidos por Ducadan. Pelo Steua falharam Majeau e Boloni: ou Urruti defendeu. Mas, converteram Lacatus e Balini, o que permitiu aos romenos conquistar o título de campeões europeus. Barcelona perdeu a sua 2.ª hipótese de conquistar o troféu depois de, há 25 anos, ter sido derrotado pelo Benfica, por 3-2.

## Brasil empatou

O Brasil e o Chile empataram (1-1) em jogo integrado no programa de preparação da equipa brasileira para o Mundial, disputado em Curitiba.



André: contra qualquer tipo de guerra

## André perante Proust

- Qual é, para si, o cúmulo da miséria?
- Querer comer e não ter dinheiro para comprar comida.
- Onde gostaria de viver?
- Em Hollywood.
- O seu ideal de felicidade terrena?
- Ter pais.
- Heróis de romances que prefere?
- Leio muito pouco: portanto, não tenho preferências.
- O seu personagem histórico favorito?
- D. Afonso Henriques.
- Heroína favorita na vida real?
- A minha mulher.
- O pintor preferido?
- Picasso.
- Músicos favoritos?
- Os «Barclay James Harvest».
- Qualidade preferida no homem?
- A honestidade.
- Virtude que mais aprecia?
- Exactamente: a honestidade.

- Ocupação preferida?
- Nas horas vagas? A pesca.
- Quem gostaria de ter sido?
- Aquilo que sou.
- Principal traço do seu carácter?
- Ser honesto.
- Que mais aprecia nos seus amigos?
- A sua honestidade e o bom ambiente que possam provocar.
- O seu principal defeito?
- Brincar demasiado com as pessoas.
- Cor preferida?
- Branco.
- Autores preferidos em prosa?
- Leio muito pouco ou quase nada...
- Poetas preferidos?
- Nunca leio poesia.
- Nomes de que mais gosta?
- João Paulo e Ronald Reagan.
- O que mais detesta?
- A guerra. Qualquer tipo de guerra.

# Judo: selecção partiu para Belgrado

A selecção nacional de judo que vai participar no campeonato da Europa partiu para Belgrado, e é composta por quatro atletas campeões nacionais nas várias categorias, integrando

também o prof. Costa Branco, director-técnico nacional.

Os atletas são: João Neves, do Judo Clube de Portugal (menos de 60 quilos), Augusto Al-

meida, Judo Clube 82 do Porto (menos de 65 quilos), Hugo D'Assunção, Judo Clube de Portugal (menos de 71 quilos) e Pedro Cristóvão, Algés e Da-fundo (menos de 78 quilos).

Pedro Cristóvão e Hugo D'Assunção obtiveram já os mínimos para os Jogos Olímpicos de Seul, ambos nos campeonatos abertos da Inglaterra em Abril.

## PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 19 DE 11.MAIO.1986.

Diário de Lisboa: X11 XX2 111 121X; O Diário: X11 122 11X 22X1; Correio do Vouga: 111 112 111 X111; Eu Sei Tudo: 111 11X 11X 1X1X; O Algarve: X11 X12 112 XX11; Defesa de Espinho: 1X2 112 XXX 11X1; Jornal «A Defesa»: 1X1 12X 11X X11X; Totobola em Linhas de Elvas: X11 122 X11 11X1; O Mensageiro: 111 XX2 1XX 1211; Notícias de Guimarães: 111 X21 111 X211; Jornal Notícias de Gouveia: 2X1 1X2 111 XX11; Rádio Alentejo: 111 X22 11X 1X11; Ecos do Cacia: 112 1X2 11X 111X; Jornal da Beira: X21 1X2 111 X11X; Jornal de Sintra: 211 122 11X 2X11; Voz de Lamego: 111 X12 121 1X21; Jornal do Sul: 111 112 111 XX11; O Jornal de Amarante: «11 112 112 X111; Rádio Totobola: 211 1X2 X11 XXXX; Clube da Manhã: X11 122 122 221X; RDP/Tempo de Desporto: 211 1X2 111 X11X; RDP/Secção Desportiva: 1X1 122 112 11XX; RDP/Manhã Manhã: X11 122 11X XX12; Folha do Domingo: 111 112 111 1111; Jornal do Fundão: 111

1X2 11X 1X11; Maria da Fonte: 111 122 111 XX1X; A Voz do Domingo: 111 12X 112 X112; O Emigrante: 111 XX2 11X 1112; No Estúdio e no Estádio: X11 1X2 11X 111X; Diário e Visão: 11X 122 111 X1X1; Notícias de Viseu: 111 1X2 X11 XXX1; Notícias de Felgueiras: X1X 222 «1X XX1X; O Jornal de Felgueiras: X11 X22 11X XX1X; Litoral: 111 1X2 111 1X1X; Horizonte: 211 11X 111 1111; Rádio Guarda: 11X X1X 22X X111; JORNal da Lixa: 1XX 111 121 1X11; A Comarca de Arganil: 111 122 11X X112; Grande Sábado: X2X X41 1X1 XX11; Sintonia Desportiva: X2X X11 XX2 XX12; Bola ao Centro: 1XX X1X 2X1 X2X1; Fotografias: X2X X1X 112 XX21; Palavra Puxa Palavra: X12 X11 1X2 X2X1; Fora de Jogo: 1XX 11X 2X1 XM1X; Jornal de Santo Tirso: 111 1X2 11X 111X; Dribling: 211 112 X11 XX1X; Rádio Sports: X11 X21 111 1111; Voz do Ave: 111 111 112 1111; Bom-omerangue: X11 X21 XX1 12XX; Programa da Manhã: XX2 X11 2XX

11XX; Canal Mais: 111 X2X 1XX 2X11; Gazeta das Caldas: X11 1X2 111 1X11; Reconquista: 211 122 111 1X11; Correio de Coimbra: 111 112 11X 1111; Penalti: 111 122 11X 1112; Gazeta de Felgueiras: X11 X12 111 1X1X; Notícias do Douro: C11 111 2X1 1111; A Ordem: 111 X12 112 X211; A Arte de Bem Madrugar: 111 X1X 111 X21X; O Comércio de Leixões: 111 122 11X XX12; De Tudo um Pouco: X11 122 112 1112; Jornal de Gaia: 221 XX2 11X 2X1X; Jornal da Graça: X11 122 111 211X; Jornal de Notícias: X11 112 21X 1XX1; O Primeiro de Janeiro: 111 111 111 1111; Quadrante Norte: 111 1X2 111 X211; Repórter do Dia: 111 122 11X X11X; Resenha Desportiva: XX1 21X 221 XX12; Alvo Desportivo: 111 1XX 211 1X1X; Rádio Alvo: 111 111 111 1111; Alvo: 1X1 121 112 X111; Alvo Suplemento: X11 11X X11 1XX1; A voz dos Ridículos: 111 1X1 111 1112; Rádio Placard: 1X1 22X 121 X211; Estúdio 64: 1X1 211 XX2 211X.

assim vai o

**totobola**

|                                  | R E S U M O |    |    | B O L A S (*) |   |   |
|----------------------------------|-------------|----|----|---------------|---|---|
|                                  | 1           | X  | 2  | 1             | X | 2 |
| 1. Basileia-Zurique .....        | 42          | 25 | 8  | 7             | 4 | 1 |
| 2. Lausana-Aarau .....           | 58          | 12 | 5  | 9             | 2 | 1 |
| 3. Neuchatel-Sion .....          | 62          | 9  | 4  | 10            | 1 | 1 |
| 4. Servette-Chaux-de-Fonds ..... | 49          | 22 | 4  | 8             | 3 | 1 |
| 5. Wettingen-Young Boys .....    | 31          | 18 | 26 | 5             | 3 | 4 |
| 6. Brage-Gotemburgo .....        | 15          | 14 | 46 | 2             | 2 | 8 |
| 7. Hammarby-Halmstad .....       | 58          | 9  | 8  | 10            | 1 | 1 |
| 8. Malmo-Oster .....             | 57          | 12 | 6  | 9             | 2 | 1 |
| 9. Norrköping-AIK .....          | 37          | 25 | 13 | 6             | 4 | 2 |
| 10. Catania-Cagliari .....       | 34          | 34 | 7  | 5             | 5 | 2 |
| 11. Empoli-Génova .....          | 32          | 31 | 12 | 5             | 5 | 2 |
| 12. Lazio-Perúgia .....          | 60          | 13 | 2  | 9             | 2 | 1 |
| 13. Monza-Cesena .....           | 39          | 26 | 10 | 6             | 4 | 2 |

(\*) - Nos termos do Art.º 14.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «chave» lógica será:  
111 112 111 1 ou X111

Trovante apresentam «Sepes» em dois espectáculos

# Uma serpente de sete cabeças no Coliseu

Lisa Andrade

Sexta-feira e sábado a Rua das Portas de Santo Antão volta a estar animada: dois anos depois, os Trovante voltam a estar no Coliseu dos Recreios para mais dois concertos, desta vez para a apresentação do seu último trabalho, o álbum «Sepes», que ao fim de quatro dias de vendas estava já em 18.º lugar no «top».

Sobre os concertos não se sabem grandes novidades. Luís Represas conta apenas que «vão focar essencialmente o «Sepes», mas vão ter também temas dos anteriores álbuns «Baile no Bosque», «Cais das Colinas» e «84».

«Vão ter duas versões de músicas que não são nossas e em termos de encenação ainda estamos a estudar se isso irá ou não servir os espectáculos que nós pretendemos fazer. E se servir ainda estamos a ver em que moldes: se mais subliminares, se em moldes mais directos.»

Para já, o espectáculo que lhes interessa é «um espectáculo que sirva o público. Ninguém vai ver um concerto para sentir que entrou e saiu como se só tivesse bebido um copo de água. Pretendemos criar emoções, desde a festa à depressão, se necessário. Queremos que as pessoas sintam o que nós estamos a sentir», diz ainda.

Quem há dois anos esteve no Coliseu com certeza que não se esqueceu da festa que aqueles sete trovadores fizeram: foi a alegria contagiante, o baile, o espectáculo. Foi a encenação de temas como «Procissão de St.ª Bebiã» e

«Esplanada». Era a apresentação ao vivo, na maior sala da capital, daquele que foi considerado o «melhor álbum do ano».

«Sepes»

Dois anos depois do «ano dos Trovante», novo álbum sai. «Sepes» está aí: «O assunto não trás notícia/Nem rasgos de inspiração/Revejo o gesto de perto/E o sufoco da hesitação.» É uma quadra da canção «Cartas» incluída em «Sepes» e que pode servir para ilustrar o que o disco é: um assunto sem grande notícia nem rasgos de inspiração, uma continuação do caminho trilhado no álbum anterior.

Quando afirmo a Luís Represas que a linha melódica de «Sepes» é um som sem novidades, ele defende-se: «Não estou muito de acordo com isso. O que se chama autoplágio não existe no nosso caso. C que existe é uma linha comum entre praticamente todas as músicas, dado que embora os temas sejam tratados por todos os músicos, 90 % das músicas saem da cabeça de um compositor, logo há o traço desse compositor.»

É altura de informar que a maior parte das músicas são da responsabilidade de João Gil e



as letras de Luís Represas.

«As pessoas estão muito à espera que a gente dê um salto, mudemos de disco para disco. Vocês estão sempre a apertar connosco. Mudar por mudar não, as pessoas mudam quando sentem necessidade. Nós temos um tronco de orientação e é sobre ele que vamos trabalhar. Apertar sim, mas com jeitoinho.»

E por isso «Não nos venham pedir contas/Não venham pôr-nos regras». A canção não foi feita com o sentido de não nos fazerem pressões, mas pode aplicar-se», comenta Luís Represas, que acrescenta: «Estão sempre a surgir propostas novas, mas desde o primeiro disco até hoje nunca renegámos um trabalho que tivéssemos feito, porque cada um deles tem rigorosamente a ver com maneiras de estar na música e com o espírito de grupo, com o nosso andar, nível de aprendi-

zagem e conhecimento.»

«Pela primeira vez conseguimos atingir o nosso objectivo: um disco que é uma unidade, sem «hit's». É um objectivo que pode parecer peregrino, já que comercialmente um disco sem um «hit» é mais difícil, mas nós nunca trabalhamos para o «hit», foi sempre a rádio a descobri-lo. Neste disco tivemos a alegre surpresa de ver que as opiniões não são unânimes em relação à música forte do disco. Isso para nós é bastante compensador, porque mostra que houve bastante homogeneidade na concepção do trabalho.»

Mudam-se as formas

A habitual frase «mudam-se os tempos, mudam-se as vontades», os Trovante acrescentam: «...e as formas».

«As letras poderão ser activistas levando as pessoas a pensarem num certo número

de coisas, mas o discurso, a linguagem, terá que mudar, a forma como se revestem os temas. No princípio as coisas eram panfletárias, o discurso era extremamente directo, o que já não acontece agora», afirma Luís Represas.

Pode este caso aplicar-se ao tema «O Viandante», um poema de Carlos de Oliveira musicado por João Gil. A canção fala «da fome que corre nos campos tristes».

Já em «84» os Trovante escolheram um poema de Carlos de Oliveira («Xácara das Bruxas Dançando») e voltam a fazê-lo em «Sepes»: «O Gil quando fez a «Xácara» familiarizou-se bastante com a obra dele e interessou-se muito pelo «Viandante», por ser muito sonoro e falar daquilo de que se falou muito em 83, que em 86 já ninguém fala: a fome. E a fome não tem época.»

«Ai se eu disser que as tre-

muras/Me dão nas pernas, e as loucuras/fazem esquecer-me dos prantos/Pensar em juras». Se disser isso de quando oigo o «Namoro II» não é mentira. É uma das canções mais bonitas de «Sepes», escrita por Luís Represas, que a propósito diz: «É uma situação engraçada que o Viriato Cruz criou no «Namoro» e é extremamente comum. Por outro lado, a linguagem é aliciante e quando a escrevi, depois de ouvir a música que o Gil tinha feito, vi que a situação era idêntica e imediatamente me apeteceu fazer a colagem, recriar a mesma situação».

«Namoro II» foi o tema escolhido pelos Trovante para o tele disco sobre «Sepes», onde aparecem vestidos à anos 30.

«Fim», um poema de Mário de Sá Carneiro com música a «cheirar» a fado e «A Lenda dos Sepes», a canção com letra e música de João Gil que dá o nome ao álbum, são também das melhores do álbum. «A Lenda dos Sepes» é, segundo Luís Represas, «uma banda desenhada. Ao Gil apeteceu-lhe fazer uma história de banda desenhada, mas como não sabe fazer bonecos, mas saber compor e escrever, fez uma canção. A partir daí, o nome do disco surge por acréscimo, aproveitando toda a simbologia que a serpente tem.»

É assim que, daqui por dias, uma serpente de sete cabeças vai estar no Coliseu e «Deus queira que esta/Vos mate a fome aos sentidos/Por, agora...»

1886-1986 CENTENÁRIO DO MUNICÍPIO DE LOURES

## CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO AVISO

«CONCURSO PARA ATRIBUIÇÃO, POR VENDA, DO FOGO SITO EDIFÍCIO 1 - 7.º PISO - LETRA G - CIDADE NOVA - SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS - LOURES»

Para os devidos efeitos se torna público que estará aberto CONCURSO POR SORTEIO, em conformidade com o Decreto Regulamentar n.º 50/77, de 11 de Agosto, pelo prazo de 15 dias (desde 7 de Maio a 21 de Maio de 1986), para atribuição por venda, de 1 fogo-T4, sito no Edifício 1 - 7.º Piso - Letra G - Cidade Nova - St.º António dos Cavaleiros, pelo preço de 3 187 159\$00.

- O pedido de admissão ao sorteio é feito mediante requerimento dirigido ao Sr. Presidente da Câmara, acompanhado de documento comprovativo do pagamento da caução de 5%.
- Os concorrentes devem possuir rendimento mensal por cabeça de valor situado dentro dos limites mínimos e máximos previstos no quadro seguinte e definidos em função do salário mínimo mensal:

| N.º de pessoas do agregado familiar | Rendimento mínimo mensal (per capita) | Rendimento máximo mensal (per capita) |
|-------------------------------------|---------------------------------------|---------------------------------------|
| 1                                   | 33 750\$00                            | 90 000\$00                            |
| 2                                   | 22 500\$00                            | 56 250\$00                            |
| 3                                   | 18 000\$00                            | 39 375\$00                            |
| 4                                   | 16 200\$00                            | 33 750\$00                            |
| 5                                   | 13 500\$00                            | 28 125\$00                            |
| 6                                   | 12 375\$00                            | 27 000\$00                            |
| 7                                   | 11 250\$00                            | 24 750\$00                            |

- O Programa do Concurso donde constarão todas as condições respeitantes ao mesmo estará afixado nos Serviços Municipais de Habitação desta Câmara onde poderá ser consultado dentro das horas normais de expediente.

LoURES, 22 de Abril de 1986

O Vereador do Pelouro  
Duarte Nuno Alves Clímaco Pinto

### DÉCIMO NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

RUI JORGE PIRES CARRONDO, AJUDANTE DESTA CARTÓRIO

CERTIFICADO

para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Abril de 1986, lavrada de fls. 103 v.º a 106 v.º do livro de notas 130-A deste Cartório, José Luís Manjolinha de Albuquerque Osório, D. Isabel Maria Madeira Ferreira Girão de Fontes Pereira de Melo e António Tomás Pereira Bastos Machado únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada Omnitrade-Importação e Exportação, Limitada, com sede em Lisboa, alteraram o corpo do artigo 3.º do pacto, o qual passou a ter a seguinte redacção:

3.º - O capital social é de 600 000\$00, está integralmente realizado nos bens e valores constantes da escrita social e corresponde à soma das seguintes quotas: uma de 306 000\$00 pertencente ao sócio José Luís Manjolinha de Albuquerque Osório, uma de 180 000\$00 pertencente à sócia D. Isabel Maria Madeira Ferreira Girão e uma de 114 000\$00 pertencente ao sócio António Tomás Pereira Bastos Machado.

Está conforme o original. Lisboa e Décimo Nono Cartório Notarial, onze de Abril de mil novecentos e oitenta e seis.

Ajudante do 19.º Cartório Notarial de Lisboa,  
Rui Jorge Pires Carrondo

D.L. 8/5/86

### TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA -

1.º ARREMATACÃO  
1.ª Praça

Faz-se público, que pelo 1.º Juízo do Tribunal Tributário de 1.ª Instância de Lisboa, no dia 20 de Maio de 1986, pelas 15 horas, neste tribunal - Rua Braamcamp, n.º 5-4.º, vão à praça os bens abaixo descritos, penhorados a FABRICA DE MALHAS BÉGUI LD.ª, com sede na Rua Leite de Vasconcelos, n.º 81-A e B, no processo executivo n.º 8317/85

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1

Duas máquinas automáticas rectilíneas para fabrico de malhas exteriores, com motor acoplado, marca Dubied-type DRC-jogo 10 e 12 com os n.ºs 431206 e 402495 de fabrico suíço, a que se atribui o valor de seiscentos mil escudos (600 000\$00).

Verba n.º 2

Uma máquina automática rectilínea para fabrico de malhas exteriores, com motor acoplado, marca SINGER-n.º 18232, fabrico alemão, a que se atribui o valor presumível de quatrocentos mil escudos (400 000\$00).

São citados quaisquer credores incertos ou desconhecidos da executada, bem como os sucessores dos credores preferentes

Lisboa, 6 de Maio de 1986

O Juiz de Direito  
João Cordeiro Dias  
O Lq. Trib.  
F. Lopes

D.L. 8/5/86 - 1.ª Pub.

### TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

5.º JUÍZO  
ANÚNCIO

Processo n.º 8618. Acção Ordinária. 3.ª Secção.

Autor - REMOTOR - Comércio de Automóveis, Lda., com sede na Estrada Velha de Queluz, 32-34 B Amadora.

Ré - BASEGEST - Gabinete de Auditoria, Contabilidade e Gestão de Empresas, Lda., com sede em Lisboa.

Por este Tribunal correm editos de TRINTA DIAS contados da segunda e última publicação do presente anúncio citando a Ré - BASEGEST, Gabinete de Auditoria, Contabilidade e Gestão de Empresas, Lda., para no prazo de TRINTA DIAS findo o prazo dos editos, contestar o pedido formulado nos Autos que consiste em a acção ser julgada procedente e provada e em consequência declarar-se resolvido o contrato de venda e ser condenada ao pagamento da quantia de Esc. 785 885\$00 e demais acrescido a calcular tudo, como melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra neste Tribunal à disposição da Ré.

Lisboa, 22 de Abril de 1986

O Juiz de Direito  
Illegível  
O Escrivão-Adjunto  
Illegível

D.L. 8/5/86 - 2.ª Pub.

### PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 64 577 para: «PROCESSO DE CONTROLAR O CRESCIMENTO DE ALGAS».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, Ld.ª  
PATENTES E MARCAS  
RUA CASTILHO,  
201-2.º-3.º/Esq.  
1000 LISBOA

### PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 74 278 para: «PROCESSO PARA A COLORAÇÃO DE PEÇAS DE ALUMÍNIO OU DE LIGA DE ALUMÍNIO POR VIA ELETROLÍTICA».

TRATA: CLARKE, MODET & C.ª, Ld.ª  
PATENTES E MARCAS  
RUA CASTILHO,  
201-2.º-3.º/Esq.  
1000 LISBOA

### SABE QUE O ALCOOLISMO É UMA DOENÇA?

E uma doença que mata! Se quer saber mais sobre o problema, venha assistir a uma reunião dos

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS

2.ª 4.ª 6.ª as 19 horas  
Trav. do Corpo Santo, 32

54 45 45



uma voz amiga e estará contigo

# CRÓNICA DE TOUROS

## Sexta, sábado, domingo

**Praça de Touros de Sevilha. Domingo de Páscoa, 30 de Março de 1986. Touros de Torrealta para Curro Romero, Rafael de Paula e Espartaco**

**Sexta-feira.** O dia grande da Semana Santa em Sevilha acabou-se já era madrugada, os primeiros alvares chegaram a tempo de ver passar a Irmandade dos Ciganos, atrasada pela demora da Macarena e da Esperança de Triana, que a precederam no final do longo rosário de procissões, as confrarias célebres, o Silêncio, o Gran Poder... Nelas os sevilhanos põem um olhar exigente: que vem escassa a música acompanhante da Virgem do Patrocínio; que teve razão o deputado maior, ao mandar suspender a «Reina de la Trinidad», que a banda de Arahall tocava atrás do Cristo das Cinco Chagas, marchas com flauta não são permitidas pelas ordenanças da Semana Santa; que não foram o bastante discretos, o capataz e os contraguías, nos gritos aos que carregavam a Sagrada Mortalha; que faltava harmonia nas flores da Virgem de Triana, a pureza dos cravos brancos não dizia com a exuberância das tulipas, bonito mesmo era aquele andor, o tapete de cravos cor-de-rosa matizado com sinos e lágrimas... Mas numa coisa se igualavam, neste dia, todas as confrarias: no recolhido silêncio em que iniciavam a sua carreira. Assim, sem música, entrou a Macarena no Largo de La Campana: também a mais castiça das virgens sevilhanas punha luto pela morte de José Portal, um «costalero», de San Bernardo como Pepe Luis e Manolo Vasquez, que em procissão de quarta-feira caíra, e se não levantara. Um nome desconhecido, anónimo, de que toda a gente agora falava, como de bandarilheiro sem nome no cartaz, que as hastas de um touro fizessem saltar para uma fama última e pobre. José Portal era um qualquer, entre as quadrilhas dos «costaleros» — desses homens que carregam, escondidos nos subterrâneos dos andores, as visões sumptuosas de dor que à multidão se oferecem, imagens e mistérios que uns veneram, e a outros deixam impacientes porque não lhes consentem passar para o outro lado da rua, ir à vida; sem contar com os muitos que apenas sentem a curiosidade que nos movem as coisas abandonadas da infância, e que a memória guarda distantes, e de vez em quando se avivam. Memória de procissões assim não guardam os turistas, coloridos e deslumbrados, quantos talvez pensando que as imagens deslizam sobre rodas, sem imaginarem que debaixo dos andores imensos vão ajoujados os «costaleros»: artífices, sem rosto nem apelido, desse ritual onde se confundem alegria, paixão e morte. Como na corrida de touros. Aí, quando os alguaciles chegam com a ordem de avançar as quadrilhas, dizem as vo-

zes, trocadas pela gente de ouro e prata, entre o aperto de seus corações: «Que Dios reparta suerte!» Nas procissões de Semana Santa, ao romper a marcha, nas quadrilhas dos «costaleros» são outras as palavras: «Todos por igual, mis valientes!» Todos por igual, que repartido tem de ser o esforço. Meus valentes, pois valentia é precisa para que se levante e caminhe o peso tamanho dos Cristos e Virgens, tão grandes e cabem nesses pequenos postais que os toureiros arrumam na mesa do quarto onde rezam a última oração que o medo lhes pede, antes de com ele partirem para a praça.

**Sábado.** Anoiteceu. No «Meson del Bacalao», não cabe um alfinete. Entre o palrear da gente, numa euforia quase gritada, mal resta o espaço para o difícil equilíbrio dos copos e pratos. Em matéria de pratos, só bacalhau, que outra coisa não servem. Não são as cem maneiras, como no velho livro, mas uma boa dúzia delas, o «pil-pil», o «alioli», «al ajo arriero», a «tortilla», até às «pavias», variante espanhola da velha patanisca. Atrás do balcão, os empregados cruzam-se velozes, saltam do postigo da cozinha à garrafeira, ao balcão, e vice-versa, em acrobáticos zig-zagues, o saberem-se observados incita a exibição dos seus adornos e desembaraços, se na mão direita vai o prato do bacalhau frito, e a esquerda ocupada está com a garrafa do clarete, tem que ser com a boca o abrir da botelha, na rolha se cravam os dentes do «camarero» fazem-na saltar com estalido que aguç a sede e o apetite. Fora, na rua, não é maior o desafio. Nem podia ser, se estamos em sábado de glória, último dia da Semana Santa, dessa manifestação insólita, o sagrado e o profano confluindo nas ruas e praças de Sevilha, parece impossível que sobre tanta gente das tabernas e dos bares apinhados, onde mal se ouve a musiquinha de engodo das máquinas de caçar moedas, «traga-perras» lhe chamam aqui; e à sonora poluição se junta o televisor, há filme, galope de cavalos, tiros em barda, «western» onde os «cow-boys» falam castelhano, que ninguém garantia não ser também castelhano a pradaria onde os bandidos acabam por esticar o pernil, sem respeito nenhum pela Semana Santa. Semana ainda mais de contrastes do que as outras, música de «rock» e de «saetas», luzes de velas e anúncios de «neon» que acendem e apagam, aroma de incensos e de fritura de «churros». Também para os «churros» há «bicha», saímos do «Meson del Bacalao» e logo ali, na Plaza de Don Jerónimo de Córdoba, fica a bilheteira de

«Los Especiales», parece bilheteira de circo, mas não é, o papel que se vende dá direito a acesso ao balcão da grande barraca, onde fumega o chocolate, espesso como é próprio para vir agarrado aos churros que nele mergulham, quantidades industriais de «churros», uma dose é uma espiral completa, inteira, como essas que as tenazes levantam, fumegantes, das frigideiras das nossas faturas, os espanhóis chamam-lhe «porras», salvo seja. Ao lado, de certo não de todo indiferentes ao apetite pagão de «churros» e bacalhau, apesar de levarem assim encapuçadas as cabeças, vão passando as últimas filas de nazarenos. Uma alentada dama, toda de negro menos o sorriso, alerta os incautos que ainda há-de vir a Virgem de La Esperanza, a coisa não se acaba com o Cristo de la Trinidad, que chegou avançando em chicotadas curtas, parou ali ao pé, resplandecente, na pausa precisa e me recida. A voz do capataz, outra vez se ergue do asfalto o andor imenso. Ataca a banda a marcha própria, no compasso fúnebre põe um leve acento taurino. Um acento que os «costaleros» logo acompanham, como se lhes saltasse da alma, com um passo que o sentimento faz bailado e do povo arranca o aplauso, irresistível. Coisa que só vista. Carregado por uns «costaleros» assim, parece o Cristo ter-se esquecido das suas chagas, pôr no caminhar da sua imagem um toque flamenco, um garbo de «paseillo», um salero de toureiro andaluz.

**Domingo.** Abrem-se as portas da Maestranza, deixam ver dourado o redondel. A banda do maestro Tejero arrumou das partituras os acentos vagarosos e tristes de procissão, na galeria da praça faz saltar a vibração do passadoble. No domingo de Ressurreição começa a temporada de touros em Sevilha: a arena será agora o lugar evocador de paixão e morte, festa em que a vida se exalta e reproduz. Nas bancadas repletas, onde o fumo dos charutos tomou o lugar do incenso, respira-se o ambiente inconfundível que já fora da praça se sente, esperando a chegada dos toureiros. Dois toureiros especiais figuram no cartaz. Desse que não evocam fritura de churros ou pataniscas, lembram fragâncias delicadas, perfume de flores. Curro Romero e Rafael de Paula. Lembrança que de Curro, do Faraó, ficou apenas nisso mesmo, em lembrança. O resto foi a mais frequente das suas especialidades: nada de nada. Como se os touros de Torrealta, cumpridores quanto basto, fossem umas alimanhadas de maus instintos, facto de que Curro ainda tentou convencer-nos, metendo-lhes a muleta nessas trapadas que usa, quando não se sente confortável, para cortar as investidas dos touros, antes que a gente perceba se são

bons ou maus. A música foi a dos assobios (a que na gíria taurina se chama música de vento), naturalmente misturada com gritos e imprecações, chalaças diversas que só figuram nos dicionários de calão, e nem todos. Já da voz humana não reclamou demasiadas energias, nesta tarde, esse toureiro especial, duas vezes especial, que é Rafael de Paula. Despachado o segundo, houve uma leve divisão de opiniões; e, arrastado quinto, reinou na praça o silêncio. Essas coisas de que falam, as frágeis faculdades, a técnica modesta, o esforço angustiado para vencer os medos, ligar os passes... Mas restou o consolo breve desses instantes prodigiosos, como aquelas verónicas ao segundo, rematadas nos médios com o garbo duma revolvera. A praça brindaria a faena, coisa tão rara em Rafael, eu ia apostar que não se tratou de presságio de triunfo, mas apenas gesto de gratidão, em lembrança do acontecido faz agora um ano, era domingo também de ressurreição sua, da prisão acabava de sair, e com tal calor o acolhia a gente, e sua alma confortava. O trasteio foi desligado, mas teve meia dúzia de esculturas, que no quinto da tarde se repetiram, fugazes, como uma luz que se acende, e ao apagar nos deixa o consolo de esperar que, volte, mesmo sem sabermos quando. Já de Espartaco, que completava o cartaz com o ardor da sua mocidade, os triunfos se esperam sempre. Mesmo sem ser, digamos, toureiro especial. Apesar de tantas corridas toureadas, de tantos troféus conquistados. Valente e posto sim, não haja dúvidas. E agora mais maduro e sereno, o moço de Espartinas. Quando soavam os clarins chamando o terceiro da tarde, atravessava ele a arena, fincava os dois joelhos em frente do portão, que para ele dir-se-ia não ser de sustos. A larga agarolada não saiu limpa, mas deu a tónica da entrega que toda a tarde iria exhibir, tragando na primeira faena, e quieto templando as investidas nobres do que fechou praça, cortou-lhe a última com uma estocada recta e inteira. A orelha concedida pareceu a muitos escasso prémio, queriam outra: e porque não a concedeu o presidente, aliás em seu direito (e razão, no entendimento do cronista), contra ele usaram os descontentes os tais vocábulos que em Curro não se tinham afinal esgotado. E entretanto haviam saltado à arena os «costaleros», e os ombros levantavam o sorridente Espartaco. Sim. Também nas praças de touros há «costaleros». Falsos «costaleros». Não porque às costas, em vez de andores, carreguem toureiros. Falsos porque, as mais das vezes fingem, na mira de uns cobres que o apoderado talvez pague, um arrebatamento sem sentido, duma glória que a lembrança não irá guardar.

Em Aveiro

## Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa

Vídeos realizados em Portugal ou em países de expressão portuguesa compõem uma mostra paralela integrada na segunda edição do Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa, que se realiza em Aveiro, de 11 a 18 deste mês — informou a organização.

Cerca de 40 filmes serão vistos no Festival, de cujo programa se destacam as produções brasileiras e portuguesas, sendo o filme «Um Adeus Português», de João Botelho, o que abrirá a secção competitiva do certame.

A cooperativa de cinema «Grande Plano», que organiza o Festival, anunciou entretanto a presença de António Carlos Fontoura, realizador brasileiro da película «Espelho de Carne», filme de temática erótica que causou alguma polémica no seu país de origem e que também poderá ser visto em Aveiro.

António Carlos Fontoura é

aliás um dos nomes previstos para integrar o júri do certame, cuja composição é completada por Ricardo Rangel, de Moçambique, Manuel Paula Dias, da organização, e o adido cultural da embaixada de Angola em Lisboa para além de um representante português a designar.

No campo das retrospectivas, saliência para António Reis e Margarida Cordeiro, autores de filmes como «Ana» e «Trás-os-Montes», realizadores que na véspera do encerramento do Festival participarão num colóquio-debate sobre a primeira daquelas obras.

Um ciclo de conferências sobre língua e literatura portuguesas, um recital de poesia, a representação de uma peça pelo grupo de teatro «A Barraca» e um espectáculo com os «Trovante», completam o programa do Segundo Festival de Cinema de Países de Língua Portuguesa.

## Língua é tema de reunião

Delegações de Portugal, Brasil e dos cinco países de língua oficial portuguesa iniciaram no Rio de Janeiro conversações com vista a um acordo de unificação ortográfica do idioma comum.

Até agora os únicos interlocutores nesta matéria, Portugal e o Brasil não conseguiram, em 40 anos, a unificação. Agora, de novo, visada. Não vingaram, fundamentalmente por razões políticas, os acordos e esboços de acordo firmados pelas duas partes e através dos quais ela poderia ter ganho forma.

Quando em 1945 os dois países assinaram um acordo ortográfico, o Brasil acabara de sair da ditadura de Getúlio Vargas, ia ganhando terreno a redemocratização.

Exaltados os ânimos nacionalistas, a Assembleia Nacional Constituinte não gostou do acordo que os académicos tinham redigido. Desagradou, particularmente, aos «constituintes» brasileiros que não fossem feitas referências tidas por suficientes às variantes da pronúncia brasileira.

A consequência foi ter o acordo ficado no papel, à espera de melhor momento, pelo

menos no que ao Brasil dizia respeito.

Em Portugal, o acordo entrou em vigor mas no Brasil tudo continuou como antes: o País continuou a escrever «pela cartilha» do vocabulário ortográfico de 1943.

Os anos passaram e a dualidade ortográfica manteve-se, pesasse embora a «consciência» de que esta «originalidade» a de um idioma com duas grafias — não interessava a nenhuma das partes.

Em 1975, novo esforço foi feito para a unificação, quando a Academia Brasileira de Letras e a Academia de Ciências de Lisboa acordaram num novo texto, que substituiu o de 1945.

«Tudo parecia estar numa boa», como diria um brasileiro, «tudo parecia estar a correr bem», como diria um português, para, finalmente, se atingir a meta desejada.

Mas a mudança de regime em Portugal, as mudanças políticas de fundo no Brasil, por um lado, e a emergência de novos Estados africanos de língua oficial portuguesa, por outro, forçaram a nova espera. Mais 11 anos.

## Mais uma versão de «Eloise»

«Eloise» de Robin McAuley é um 12 polegadas nas versões «Disc-jockey+remiz» e «bombastic versions», especialmente produzidas para as pistas de dança.

Há cerca de 20 anos surgiu no mercado discográfico um estrondoso «hit», primeiro nas «charts» mundiais, que tornou famosos os irmãos Paul (compositor) e Barry Ryan (vocalista). Com o decorrer dos anos, fizeram-se várias versões desse «hit».

Robin McAuley é a nova voz

de «Eloise». Dotado de uma boa capacidade vocal, Robin era até há bem pouco tempo um dos mais requisitados vocalistas de estúdio. Descoberto pelo produtor Frank Farian, dos Boney M., que identificou a voz do cantor com a de Robert Plant. Aliás, Robin McAuley é também vocalista da banda «Far Corporation», recentemente classificada no Top 10 britânico com a versão «Stairway To Heaven», dos Led Zeppelin. «Eloise» é agora uma óptima apresentação das suas potencialidades interpretativas.

## Festival de Teatro no Porto

Vinte grupos de teatro, dos quais um francês e outro checoslovaco, participam na quinta edição do Festival de teatro «Fazer a Festa», organização do Teatro Art'Imagem inaugurada na cidade do Porto.

A organização do «Fazer Festa» conta ainda com o apoio da Junta de Freguesia do Bonfim, local onde decorrerão a actuação dos grupos de teatro, da Câmara Municipal Portuguesa, do Faaj, do Governo Civil do Porto, da Secretaria da Cultura e da Fundação Gulbenkian.

Em cena entre 8 e 18 de Maio o «Fazer Festa» tem a participação do Teatro Art'Imagem, do Colectivo Pé de Vento, Teatro Amador de Intervenção, Grupo de Teatro da Cooperval, Teatro Água Acesa, Caixa de Pandora, todos do Porto.

Colaboram ainda os grupos de Intervenção Cultural (Covilhã), Círculo Experimental de Teatro de Aveiro, Aquilo — Projecto Cultural (Guarda), Teatro de Animação os Papa-léguas (Lisboa), Teatro da Columbina (Leiria) Teatro Tarquil (Barreiro), Veto-Teatro Oficina (Santarém), Grupo Cénico «Soir», (Évora), Teatro Experimental Leal da Câmara (Sintra), 753-549 Experimental de Mortágua, CI-TEC (Monte Mor o Novo) e Cidra (Sintra).

Anebdivadlo (alternativa) de Praga e espectáculo em escolas de mimo, de Pierre Roch são os grupos estrangeiros que actuarão no Festival.



## Bob Seger — 86

«American Storm» é o próximo de Bob Seger, que regressa em força, três anos depois do Lp «The Distance», que incluía temas tão variados como «Even Now», «Making Thunderbirds», «Roll Me Away» e «Shame On The Moon» e vinha, sem dúvida, confirmar mais uma vez Bob Seger como um dos melhores autores e intérpretes do Rock.

A carreira de Bob Seger começou em Detroit, no final da década de sessenta. Anos mais tarde ele tornava-se um dos rockers mais famosos do «midwest» americano. Por volta de 1976 Seger era já uma das grandes figuras do Rock'n'Roll mundial.

O músico foi durante muitos anos o ídolo rock de Michigan. A sua música era reflexo de duas principais heranças, de Detroit o Soule o Hard Rock. A princípio as coisas não pareciam fáceis. A sorte escasseava e as possibilidades de chegar até um público mais vasto eram poucas.

Cerca de 1967, Seger conseguiu finalmente assinar contrato com a Capitol e gravar uma série de «singles». Apesar de muito influenciado por Bob Dylan, Fogerty e Wilson Pickett, revelava já um estilo próprio.

Em 1968 lança o seu primeiro Lp «Ramblin' Bamblin' Man». Dois anos depois edita «Mon-

grel» e, em 1972, «Smokin'Op's». As duas gravações que se seguem — os álbuns «Seven» e «Beautiful Loser» vêm já preparar a largada de Seger. Em «Beautiful Loser», Bob Seger surge pela primeira vez acompanhado pela Silver Bullet Band, e compõe as suas primeiras baladas.

Um ano depois de «Beatiful Loser», edita «Live Bullet», um álbum duplo gravado ao vivo em Detroit, talvez um dos melhores da história do Rock... Além da incrível força de Bob Seger nos seus trabalhos em acetato, os últimos seis «singles» tinham também passado longas temporadas entre os dez mais do Top americano.

## Gulbenkian promove ciclo sobre tragédia

Três peças de teatro, uma antologia, dois colóquios, dois espectáculos de bailado, um concerto e uma exposição integram o ciclo «Tragédia — A Tragédia na Cultura Portuguesa» organizado pelo Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte da Gulbenkian.

As peças a apresentar são «Frei Luís de Sousa», de Almeida Garrett, «O Fim», de António Patrício e «O Indesejado», de Jorge de Sena.

A Antologia, intitulada «A Procura da Tragédia», e da autoria de Luís Francisco Rebelo e reúne excertos de tragédias anteriores ao século XIX.

OS Colóquios, subordinados aos temas «A Tragédia e a História de Portugal» e «Formas Teatrais da Tragédia», realizar-se-ão respectivamente nos dias 22 e 23 de Maio e 19 e 20 de Junho.

**DE LISBOA**

**COMPANHIA DE DANÇA**

TEATRO MUNICIPAL DE  
**SÃO LUIZ**

**29 de Abril a 11 de Maio**  
(dois programas)

FANCOMI

Companhia subsidiada pela Secretaria de Estado da Cultura

PRODUÇÃO **ALMUSICA**

**Rádio Comercial**

**trovante**

**COLISEU**

**LISBOA 9-10/MAIO**

**PORTO 14-15/MAIO**

**22H.**

**ESPECTÁCULO EXTRA LISBOA - 11 DE MAIO**

# Gil Vicente e os Bonecos

Carlos Porto

**AUTO DA BARCA DO INFERNO, de Gil Vicente. Marionetas e Cenografia:** Carlos Barros. **Encenação:** Carlos Cabral. **Música:** Paulo Brandão. **Iluminação:** Luís de Almeida. Grupo Marionetas de Lisboa. Estreia: Teatro Nacional D. Maria II/Sala Experimental, 22.4.1986 (26.4.1986).

Não se pode dizer que não fosse um projecto ousado — mas não é desses que o nosso teatro precisa? Logo um problema se levanta nesta tentativa de pôr um texto de Gil Vicente nas «bocas» de marioneta: como conciliar a complexidade da fala do nosso clássico com a morfologia do boneco? Não foi o caso do Judeu, esse, como se

sabe, escrevia obra para fantoches. O grupo Marionetas de Lisboa, aliás excelente, tentou ultrapassar a dificuldade, dobrando, se assim se pode dizer, o espectáculo. Por isso não se exagera se se disser que há intérpretes de carne e osso e que há bonecos. Claro, é normal: os bonecos precisam sempre de quem lhes dê voz e alma. Mas

desta vez o processo é necessariamente mais complicado e evidente. Os manipuladores surgem visíveis da cinta para cima e o espectador não pode deixar de lhes dar, pelo menos, tanta atenção como dá aos bonecos.

O texto de Gil Vicente tem muita força: o jogo dos bonecos, a forma dos bonecos, não bastariam para o fazer esquecer, nem era isso o que se pretendia. Mas há nisto qualquer coisa que funciona mal ou cujo funcionamento é insatisfatório: dir-se-ia que não chega a existir a indispensável entrosagem entre texto e bonecos, entre dramaturgia e encenação. Desse modo, apre-

ciamos cada coisa por sua vez: o texto porque é um dos mais belos textos do teatro português, os bonecos porque são interessantes embora não tão imaginativos como se desejaria (o que também se poderá dizer dos barcos), a interpretação dos actores de que, por exemplo, o intérprete de o Diabo consegue dar o picante que a personagem requer. Mas por tudo, embora cada coisa a vez, o espectáculo é naturalmente de se ver. O fim é mesmo um achado: o barco do Anjo sobe ao Céu, o do Mafarrico desce às profundas do Inferno, por entre fumos e labaredas, como é de uso. É bonito de se ver, o efeito.

## Actividades culturais das Caldas da Rainha vêm em Junho até ao Casino Estoril

O Casino Estoril franqueia, em Junho, as actividades culturais das Caldas da Rainha, cidade termal de grande importância e centro da mais rica região frutícola do País.

Assim, segundo José Valente, vice-presidente do Município caldense e responsável pelo pelouro do Turismo, «na última semana de Junho desfilarão pelo espaçoso átrio do Casino do Estoril o artesanato, folclore, música, bailado, gastronomia e doçaria de Caldas da Rainha», entre outras manifestações.

Mas nem só a cultura popular do oeste estremenho se mostrará no Estoril, onde estarão ainda presentes algumas obras de arte do valioso espólio museológico da cidade, da cerâmica à pintura e à escultura, cedidas pelos museus de José Malhoa, António Duarte e de Cerâmica.

E, porque as Caldas da Rainha trazem aos arredores de Lisboa a sua quase desconhecida ou, melhor dizendo, menos

conhecida gastronomia, torna-se obrigatória a presença do sector industrial alimentar e, ainda, dos vinhos e frutos da região, mais notáveis estes do que aqueles.

Quatro ranchos folclóricos (um deles de recolha de temas tradicionais quase perdidos), três bandas e outros agrupamentos musicais (incluindo uma orquestra ligeira), conjuntos típicos e o grupo de bailado da casa da cultura local, trazem ao Estoril a diversificada faceta da cultura da sua terra, da aldeia à cidade.

Presentes também as artes decorativas, com especial relevo para a tradicional faiança naturalista — em que, de certo, marcará decisiva presença a qualidade do artesanato caldense —, com interesse acrescido com uma mostra de velas de estearina bordadas em relevo e multicoloridas.

No que se refere ao artesanato destacam-se as presenças do miniaturista Herculano Elias, os

barristas Alberto Miguel (que a «RTP» levou ao conhecimento de milhões de portugueses), Francisco Furriel (também arqueólogo) e Vítor Mendes (fabricante e tocador de ocarinas).

Destaque ainda para a presença de jovens artesãos do barro, como Fernando Miguel, Milena, Luís Filipe Elias e Cruz Rodrigues, entre outros. Motivo de muito interesse constituirá também a «verguinha», que não se faz em parte alguma como no Oeste estremenho, de Adélia Martins (Caldas) e Melania Correia (Óbidos).

Mas as Caldas da Rainha não se ficam, no ano corrente, por aquela manifestação de vitalidade das suas gentes. De facto, a actividade cultural caldense começou em fins de Abril com a inauguração da Feira do Livro no quartel dos Bombeiros Voluntários da cidade, e que vai continuar por alguns dias de Maio.

Seu-se-á o concurso hípico — que revive uma tradição in-

terrompida há quase três décadas —, integrado nas festas da cidade que terão o seu ponto alto a 15 de Maio, data que marcará também o regresso ao hospital termal de um bordado tradicional ali nascido há cinco séculos.

Ainda no mesmo mês, o artesanato e alguns sectores da actividade económica caldense estarão presentes na «FEVAL» — uma feira de amostras que se realiza anualmente em D. Benito, na estremadura espanhola.

Em Julho, realiza-se, como habitualmente, no Parque D. Carlos I, cedido pelo hospital termal para o efeito, a Feira Nacional de Cerâmica — Cerâmica 86 — que se pretende que retome o seu cariz nacional, que tem vindo, aos poucos, a perder e para o que será necessário atrair ali as grandes e pequenas empresas do sector disseminadas pelo País.

Encerra este ciclo de grandes manifestações uma outra feira nacional, a da fruta — Frutos 86.



Lucinda Loureiro estreia esta noite «Viagem para a Felicidade»

### Teatro

• Depois do êxito alcançado com a peça «Embalagem Perdida» Lucinda Loureiro regressa hoje para estreitar, no Teatro do Século (no número 41 da rua com o mesmo nome), pelas 21.30 horas «Viagem para a Felicidade». A peça tem texto de Franz Xaver Kroetz, tradução de Maria Adélia Silva Melo, encenação de Rogério de Carvalho e interpretação de Lucinda Loureiro. Trata-se do monólogo de uma mãe solteira, que faz uma viagem de comboio com o filho de colo na esperança de o dar a conhecer ao pai (um notário, honrado, chefe de família, que vive noutra cidade).

• A Companhia de Teatro de Almada/Grupo de Campolide continua a apresentar em reposição a peça de Gogol «O Capote» em duas sessões, pelas 18.30 e 21.30 horas no Teatro da Academia Almadense. Com encenação de Joaquim Benite, o espectáculo tem interpretação de Carlos Gonçalves, Canto e Castro, António Assunção, Adelaide João, Luís Vicente e Vítor Gonçalves.

### Música

• Na Fundação Calouste Gulbenkian prosseguem os «10.ºs Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea», hoje com um concerto por Vinko Globokar pelas 18.30 horas no Auditório Dois daquela Fundação. «Mon corps est devenu un trombone», trombone, fita magnética e filme, com obras de Henri Pousseur, Lucia no Berio, Vinko Globokar e Jurg Wittenbach.

• Esta noite e amanhã, a partir das 22 horas, o grupo «Xutos & Pontapés» realizam um concerto no Rock Rendez-Vous. A primeira parte do concerto é preenchida com os «Aix La Chapelle» e o vídeo transmitido é «This is the Clash», do grupo The Clash. Nestas datas, para a apresentação do seu último single «Barcos Gregos», os «Xutos & Pontapés» oferecem um poster gigante a cada um dos presentes e sor-teiam várias «t-shirts» da banda. O single pode ser comprado no local ao preço especial de 150\$00.

### Exposições

• Quem gosta de artes plásticas tem hoje várias inaugurações de mostras à escolha. Assim, pelas 21.30 horas, no Centro Europeu de Línguas, (Av. Padre Manuel da Nobrega, 3.ªA) é inaugurada a exposição de Annemiki Bok.

• Também pelas 21.30, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Alcanena e integrada nas Comemorações do Dia do Conselho, é inaugurada uma Exposição de Pintura de Maria Lucília Moita retrospectiva da sua obra. A Exposição está patente ao público de 8 a 22 de Maio, dentro do seguinte horário: dias úteis, das 15.00 às 19.00. sábados e domingos, das 15.00 às 21.00. Paralelamente serão efectuados alguns Debates e Visitas Guiadas, não só com a presença da artista, como também com a presença do escultor Martins Correia e dr. Carlos Nuno Nunes Ferreira. Maria Lucília Moita é natural de Alcanena, onde nasceu em 1928. Foi premiada nos Salões de Outono do Estoril em 1971 e 1972, tendo efectuado importantes exposições individuais desde 1954, ano em que expôs na Sociedade Nacional de Belas-Artes, em Lisboa. Entre outras, destaque para as que efectuou em 1977, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, em Abrantes, onde actualmente vive, e em 1985, no Centro Unesco do Porto.

• «Falando sobre uma pintura do século XVII» é o título de um debate dinamizado por Nuno Moniz Pereira que se realiza esta tarde entre as 18 e 19 horas na 601 — Galeria de Arte, que hoje abre ao público no Centro Comercial de S. João de Deus (Av. António José de Almeida, 7, em Lisboa).

• E na Sociedade Nacional de Belas-Artes, na R. Barata Salgueiro, em Lisboa, é inaugurada também esta noite, às 22 horas, uma exposição de Pedro Saraiwa intitulada «Ibéria».

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21 30H

TEL 726 08 18

2 MES

CALIGULA DE

ALBERT CAMUS - ENCENAÇÃO DE JOÃO MOTA

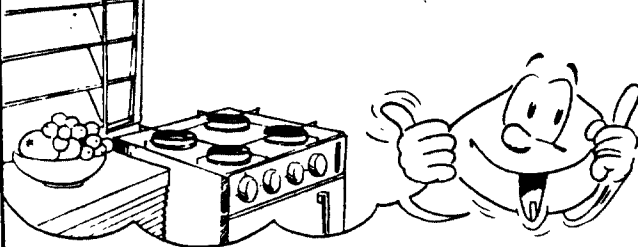
VEJA TEATRO A PREÇOS REDUZIDOS

PATROCÍNIO DA F. GULBENKIAN

3.ª, 4.ª e 5.ª feira PREÇO ÚNICO 150\$00

PRACA DE ESPANHA - APOIOS F. GULBENKIAN E RADIOCOMERCIAL SUB SEC

Coloque os seus aparelhos a gas em locais ventilados. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Teatro de Comedia  
CICLO STRINDBERG  
A ILHA DOS MORTOS



A SONATA DOS ESPECTROS

De 3.ª a sábado às 21.30h  
Domingo às 16h  
2.ª feira - Descanso  
De terça a quinta - preços reduzidos

TEATRO DO BAIRRO ALTO

R. Tenente Raul Cascais, 1-A  
1200 LISBOA  
Telef.: 66 15 1566 92 05

TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA APRESENTA NO

TEATRO VASCO SANTANA

ENTRECAMPOS FEIRA POPULAR

CESÁRIO QUÊ?

TEXTO E ENCENAÇÃO DE: LUZIA MARIA MARTINS

CENOGRAFIA DE: FERNANDO FILIPE: ACTORES POR ORDEM DE ENTRADA EM CENA: FERNANDA MONTEMOR • CARLOS SANTOS • CLARA JOANA • HELENA FÉLIX • LUISA ORTIGOSO • FERNANDA COIMBRA • JOÉ BRÁS • VÍTOR HUGO • MANUEL MENDONÇA • PEDRO PAIVA

Terça a sábado às 21.30 Domingo às 16

Alfa Triplex

— T. 806496

Alfa 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 2

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa 3

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Club

T. 763319

COTTON CLUB

(maiores 16 anos)

14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)

15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Amoreiras 2

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 12 anos)

13.45, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Amoreiras 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(maiores 12 anos)

14, 16.30, 19, 21.45 e 23.45 h

Apolo 70

RUMBLE FISH -

JUVENTUDE INQUIETA

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24 h

Ávila

— T. 539930

DARLY

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

FOGO NO RABO

(int. 18 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Capitolio

— T. 372358

SEXO POR MEDIDA

(int. men. 18 anos)

15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

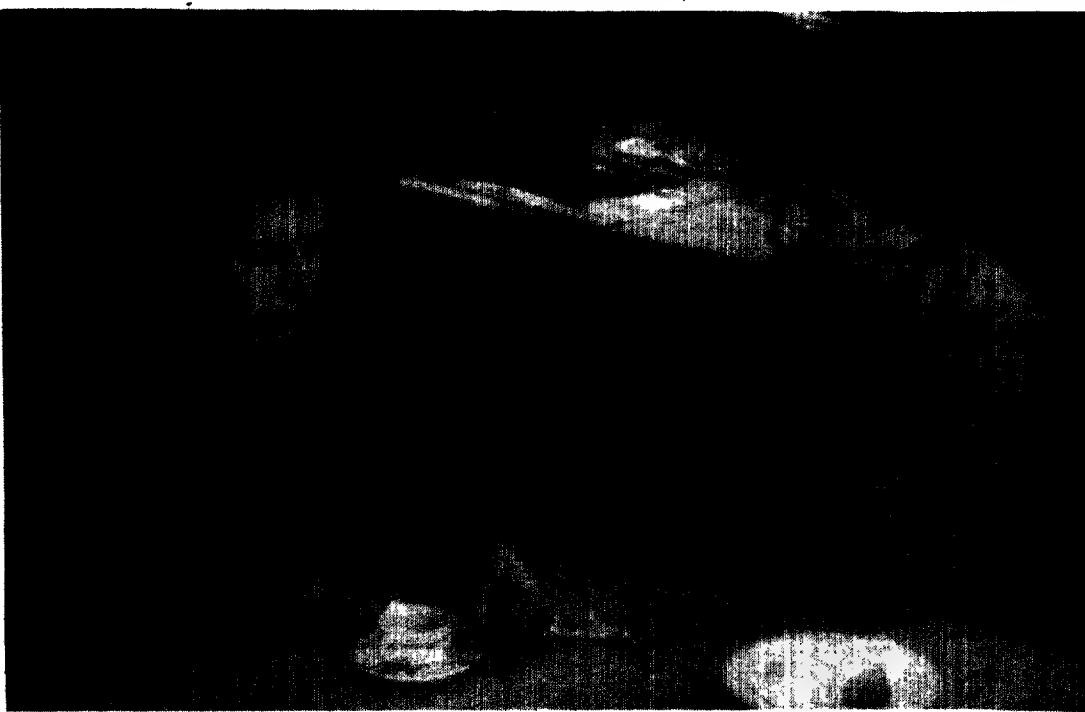
Castil

T. 530194

ÁGUIA DE FERRO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h



Uma cena do filme de JOÃO BOTELHO, «UM ADEUS PORTUGUÊS» (Prémio do melhor realizador no festival do Rio de Janeiro e Prémio O.C.C.I.C de Berlim). Em exibição no cinema Quarteto.

Cinebloco

— T. 556824

A CLASSE DE 1984

(maiores 18 anos)

14.30, 16.45 e 21.30

TEMPO DE GUERRA

(maiores de 16 anos)

24.00 h

Cine Camoes

T. 324194

O ÚLTIMO COMBATE

(n. acons. a men. 13 anos)

14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

O NOSSO AMOR DE

ONTEM

(n. acons. men. 13 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

MCQ - UM DETECTIVE

ACIMA DA LEI

(n. acons. a men. 18 anos)

24.00 h

Cinematca

PATRIMÔNIO

NACIONAL/1980

21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

ROCKY IV

(maiores 12 anos)

16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

MÁSCARA

(m. 12 anos)

15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

O SOL DA MEIA-NOITE

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

A VIDA DE BRYAN

(n/acons. 13 anos)

23.45 h

Condes

— T. 322523

REMO-DESARMADO E

PERIGOSO

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

LOUCAS AVENTURAS DE

AMOR E SEXO

(m. 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estudio

D.A.R.L.Y. — T. 555134

(m. 6 anos)

15.30, 18.30, e 21.30 h

Estudio ACS

— T. 887255

O CÔNSUL HONORÁRIO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.30 e 21.30 h

Estudio 444

— T. 768078

DUELÔ SOBRE O ABISMO

(maiores 12 anos)

15, 17, 19, e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

ROCKY IV

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

Sala 2

A HONRA DOS

PADRINHOS

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Sala 3

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 6 anos)

14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

HABANERA

(não acons. 12 anos)

19.00 e 21.30 h

Gemini

— T. 734009

O ANO DO DRAGÃO

(maiores 16 anos)

13.45, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A JÓIA DO NILO

(maiores 6 anos)

14.30, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45h

Sala 2

REMO-DESARMADO E

PERIGOSO

(maiores 12 anos)

14.15, 16.45, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Imperio

— T. 555134

ACADEMIA DE GÉNIOS

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

REMO-DESAPARECIDO E

PERIGOSO

(maiores 12 anos)

15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

TRÊS HOMENS E UM

BERÇO

(maiores 12 anos)

15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

TRÊS HOMENS E UM

BERÇO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

ERA UMA VEZ NA

AMÉRICA

(maiores 16 anos)

15.00 e 21.00 h

Nimas

— T. 574362

AGNES DE DEUS

(maiores 16 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

A REVOLTA DO HERÓI

(maiores 16 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

OS MILIONÁRIOS

SEXUAIS

A partir das 14 horas

Sessões contínuas

Filme pornográfico

(int. men. 18 anos)

Cinema Rex

— T. 864756

AS MINAS DE SALOMÃO

(maiores 12 anos)

14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Roma

T. 889192

ÁGUIA DE FERRO

(maiores 12 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

O SILÊNCIO DAS

MULHERES

VIOLADAS

(maiores 18 anos)

14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ÁFRICA MINHA

(m. 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

PELA NOITE DENTRO

(m. 12 anos)

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Sala 3

O ENIGMA DA PIRÂMIDE

(m. 12 anos)

14.00, 16.30, 19 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE GIRA N.º 2

(maiores 12 anos)

15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

O FIO DA SUSPEITA

(maiores 12 anos)

13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

**Lisboa — PERMANENTE**  
— **ALTO DE SÃO JOÃO:** Zonal, R. Moraes Soares, 56-C; **BAIXA DA BANHEIRA:** Oliveira, R. da Prata, 240 (T. 878415); **CALVÁRIO:** Monge, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO GRANDE - AVENIDA DO BRASIL:** Rainha Santa, R. Afonso Lopes Vieira, 57-B (T. 765262); **CAMPOLIDE - ÁGUAS LIVRES:** Rualto, Ld.ª, R. Alto do Carvalhão, 5 (T. 651721); **ESTADOS UNIDOS - A CAIXA DE PREVIDÊNCIA 39:** Celta, R. Moura Girão, 3-B (T. 890621); **LUMIAR:** São Tomé, E. do Desvio, lote 12-C (T. 790704); **MADRE DE DEUS:** Romana, R. Actor Augusto Melo, 7-A (T. 383800); **RATO:** Albano, R. da Escola Politécnica, 59 (T. 326750); **REGO:** Prates & Mota, R. da Beneficência, 91-93 (T. 773728); **SALDANHA:** Avenidas, Av. da República, 27-A (T. 533688); **VALE DE SANTO ANTÓNIO:** Santo António, R. Leite Vasconcelos, 72-C (T. 862333); **ODI-VELAS:** Amaral, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 9825455); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

**REFORÇO — ALFAMA — SÃO TOMÉ:** Zilar, R. de São Tomé, 54-56 (T. 862835); **AVENIDA D. RODRIGO DA CUNHA:** Aeroporto, Av. Almirante Gago Coutinho, 101-D (T. 882384); **BENFICA - 2.ª CIRCULAR:** Benfitez, E. de Benfica, 444-A (T. 7141206); **BOA HORA - AJUDA:** Boa Hora, Rua Quarteis 25-27 (T. 637777); **CAIS DO SODRÉ:** Central, R. de São Paulo, 108 (T. 320389); **ESTRELA:** Marques Freire, R. de Santo António à Estrela, 96 (T. 665196); **JARDIM CONSANTINO:** Portugal, R. Rebelo da Silva, 11-13 (T. 543340); **OLIVAIS SUL:** Lemos, R. Cidade da Beira, lote 19 (T. 331692); **PRAÇA DE LONDRES:** Algarve, Av. de Roma, 7-B (T. 801478); **PICHELEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA - HOTEL SHERRATON:** Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **BRANDAO - AMADORA:** Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

**Outra Banda — ALMADA:** Cristo Rei, Av. do Cristo Rei, 31-A (T. 2766498). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **MONTI DE CAPARICA:** Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Carlos, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO:** Almeida Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T. 2292324). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Abreu Cardoso, B. Cidade de Setúbal, 1-B (T. 291192). Até às 19 horas; **AMORA:** Moura Carneiro, Até às 22 horas; **SEIXAL:** Soromenho, P. Paiva Coelho, 38 (T. 2213560). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Diogo Marques, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032). Até às 22 horas; **MOITA:** Silva Rocha, P. da Re-

pública, 16 (T. 239029). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Guimão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100). Até às 19 horas; **SETÚBAL:** Rosendo Pinto, P. do Bocado, 98 (T. 22484). Permanente; **Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente; Alice, P. do Quebedo, 6 (T. 23743). Até às 22 horas.**

**Linha de Cascais — ALGÉS:** Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES:** Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHÊ:** Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA:** Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS:** Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147). Até às 22 horas; **OEIRAS:** Oeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CRICAVELOS:** Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA:** Godinho da Silveira, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PARADE:** Alair, Av. Gago Coutinho, Bairro das Caixas de Previdência (T. 2472948). Permanente; **SÃO JOÃO DO ESTORIL:** São João, Quinta da Carreira, 29-A (T. 2681186). Até às 22 horas; **SASSOEIROS:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE:** Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNÁ:** Madalena, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA:** Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **CASLEIRA:** Marluiz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA - HOTEL SHERRATON:** Oliveira Viegas, R. Viriato, 29-29-A (T. 548966); **BRANDAO - AMADORA:** Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA - AMADORA:** Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO:** Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO:** Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

**Linha de Sintra — AMADORA:** Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 4930072). Permanente; **Chabel, R. António Sardi-** nha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Amadora, P. 25 de Abril,** 3-A (T. 4935518). Até às 22 horas; **QUELUZ:** Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117). Até às 22 horas; **CAMARATE:** Nova da Charneca, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 2571626). Até às 19 horas; **CACÉM:** Guerra Rico, Av. dos Bombeiros Voluntários (T. 9244002). Permanente; **MEM MARTINS:** Química, E. de Mem Martins, 285 (T. 921012). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Ac. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES:** Abreja (T. 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA:** Valentim (T. 9230456). Permanente.

**Outras Farmácias — MOSCAVIDE:** Banha, Av. de Moscavide, 22-A (T. 2518518). Permanente; **SACAVÉM:** Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518515). Até às 22 horas; **LOURES:** Sálvia, Av. da República, 29 (T. 981240). Até às 22 horas.

## Porto

**DE DIA E TODA A NOITE — CORREIA DE ARAÚJO,** R. de Santa Catarina, 259; **FIGUEIREDO, LD.ª,** R. de Cedofeita, 125; **LOUSADA,** R. do Campo Lindo, 52; **CORUJEIRA,** R. de São Roque da Lameira, 1473; **GUARANI,** R. Pedro Hispano, 367.

## TEATROS

## Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De 3.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

## Teatro da Cornucópia

Ciclo Strindberg, «A ILHA DOS MORTOS» e «A SONATA DOE ESPECTROS».

## Almada — Acad. Almadaense

R. Capitão Leão, 64

Tel. 275 21 75

«O CAPOTE», de Gogol. Pelo Grupo de Campolide. Encenação de Joaquim Benite, interpretado por Adelaide João, António Assunção, Canto e Castro, Carlos Gonçalves, Luís Vicente e Vítor Gonçalves.

## 1.º Acto Clube de Teatro — Os Marginalizados

## Palácio dos Anjos, Algé

Às sextas e sábados, às 21.30

«O NOIVADO NO DAFUNDO», de Almeida Garrett, numa versão de Armando Caldas

«O ILUSTRE CONFERENCISTA», de Roque e Lyra, com cenários e figurinos de Gila. Música de Carlos Alberto Moniz. Cenografia de Ruben Matos e encenação de Armando Caldas

## Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos só às 16.00

«BEM-VINDO SR. SLOANE», de Joe Orton. Encenação de Carlos Fernando. Cenografia de Dalton Salen Asseff. Intérpretes: António Montez, Carlos Fernando, Filipe Domingues e Maria José.

## Teatro Villaret

Av. Fontes P. de Melo — Tel. 53 85 86

De terça a domingo, às 21.30; domingos, às 16.00

«POUCO BARULHO», de Michael Frayn. Encenação e direcção de Varella Silva. Com Nicolau Breyner, Manuela Maria, Moraes e Castro, Guida Maria, Victor de Sousa, Rosa do Canto, Isabel Maria, Jorge Nery e Henrique Santos.

## Casa dos Tabuleiros

R. Polais de S. Bento, 75 — Tel. 60 18 66

Sábados e domingos, às 16.30

«A RUA DOS FANTASMAS», de Javier Villafañe. Pelo Maizum. Encenação de Adolfo Gulkyn. Intérpretes: Carlos P. Vasconcelos, Isabel Bezelga e Silvina Pereira.

## Cascais — Espaço TEC

Av. Luís Bivar, 91 — Tel. 54 43 89

Todas as noites, às 21.30

«UNE PUCELLE POR UN GORILLE», de Fernando Arrabal, pelos alunos do Liceu Francês.

## Teatro Nacional D. Maria II

Rosário — Tel. 372246

Sala Experimental

De 3.ª a sáb. às 21.45., sáb. e dom. às 16.30

«Auto da Barca do Inferno» de Gil Vicente pela Ass. Cultural Marionetas de Lisboa. Direcção de Carlos Cabral. Manipulação e vozes de Ana Costa, Carlos Varella, David Lopes, Fernanda Teixeira, José Neto e José Ramalho.

## Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 06 37

De terça a domingo às 21.45; domingos, também às 16.00.

«O CORONEL EM DOIS ACTOS». Adaptação de F. Nicholson. Encenação de Varella Silva. Intérpretes: Alina Vaz, António Feio, Camilo de Oliveira, Dulce Guimarães, F. Nicholson e P. Marcelo.

## Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 770969

Às 21.30

«VOLPONE», de Ben Jonson pelo Grupo Novo. Encenação de Norberto Barroca. Cenários e figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. Intérpretes: Adriano Luz, Alexandre de Sousa, Amílcar Botica, Ana Oliveira, Fernanda Policarpo, Isabel Ribas, Joaquim Rosa, José Beato, José Jorge Duarte, José Raposo, Mário Garcia, Melim Teixeira, Miguel Duarte, Sara Lima e Vítor Norte.

## Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Feira Popular — Tel. 76 86 90

Teatro Estúdio de Lisboa

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«CESÁRIO QUÊ?». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Cenografia de Fernando Filipe. Intérpretes: Fernanda Montemor, Carlos Santos, Clara Joana, Helena Félix, Luísa Ortigosa, Fernanda Coimbra, José Brás, Vítor Hugo, Manuel Mendonça e Pedro Paiva.

## Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.30; aos domingos, às 17.00

«CALÍGULA». Texto e encenação de Luzia Maria Martins. Encenação de João Mota. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Abel Neves, António Melo, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Cecília de Sousa, Isabel Medina e João Mota, entre outros.

## PALAVRAS CRUZADAS

## COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 725

## HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Jumento. Conjunção. Artigo definido.
- Freguesia do concelho de Vila do Conde. Freguesia do concelho de Arcos de Valdevez.
- Sagaz (bras).
- Monarca. Endireitar.
- Nota musical. Vais para fora. Lã.
- Ilha inglesa no mar da Irlanda. Medida japonesa igual a dois decilitros. Figura que simboliza o povo americano.
- Boi selvagem. Conversão das almas (fig).
- Lantânio (s.q.). Médico dinamarquês que recebeu o Prémio Nobel da Medicina em 1943. Quantum satis.
- Estirada. Cobre (s.q.).
- Reúne em maço. Deus dos rebanhos e dos pastores.
- Tornei a ler. Árvore cujo fruto é a fruta-do-conde.

Resolva completamente este problema? Procure, agora em segundo posetempo, o provérbio nele inscrito.

## NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 564

## HORIZONTAIS:

- Cidade da Antiguidade, cujas ruínas à beira do Eufrates se encontram a 160km a SE de Bagadá.
- Antiga cidade da Mésia Superior. Bigorna de aço sem hastes.
- Cidade de Espanha. Involgar.
- Cicatrizara.
- Mexericco. Cidade do Estado do Rio Grande do Sul.
- Serviço nacional. Curso de água natural e abundante. Filtro.
- Mar interior nos confins da Europa e da Ásia.
- Rio da Polónia. Conquista.
- Cidade do Chile. Passados.
- Ajudados.
- Osímio (s.q.). Vila e sede de concelho (Braga).

## VERTICAIS:

- Vila e concelho do distrito de Aveiro. Esposa.
- Artigo definido. Prendera com elos. Pronome pessoal.
- Pequeno candeeiro de folhade-flandres. Pronome demonstrativo.
- Larva das feridas dos animais. Prefixo empregado nos nomes das medidas do sistema métrico para exprimir a décima parte da unidade.
- Róis. Coisa excelente.
- Conjunto de roupas (pl).
- Grupos de três. Cidade de França.
- Naipes das cartas de jogar. Pronome reflexo. Duas vogais desiguais.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Pronome reflexo. Cento cinquenta e um em romano.
- Engasta. Deseja.
- Preposição e artigo. Moves os remos. Pequeno coleóptero que ataca a carne de porco mal curada.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 724

## HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- |                   |                   |
|-------------------|-------------------|
| 1 DURO. COM. Be.  | 1 DURO. NÃO. Ba.  |
| 2 Uva. Carochos.  | 2 Uval. Apitar.   |
| 3 Rãs. Apelam.    | 3 Rãs. La. Im.    |
| 4 Ola. Re. Em.    | 4 Eia! Só.        |
| 5 Realeza.        | 5 Caramujo.       |
| 6 Na. Imanaras.   | 6 Capelas. FAZ.   |
| 7 Aplauso. At.    | 7 Or. Enódio.     |
| 8 Oia. Sam.       | 8 Moleza.         |
| 9 Sôfia. Ro.      | 9 Bômaras. Sa.    |
| 10 Baio. Ao. Ser. | 10 BOM. Atarem.   |
| 11 Arm. Az. Gamo. | 11 Es. OMS. MURO. |

PROVERBIO: Duro com duro não faz bom muro.

## SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 563

## HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- |                  |                  |
|------------------|------------------|
| 1 Lanhelas. Sé.  | 1 Lavradas. Ca.  |
| 2 Aviam. Sal.    | 2 Avis. Ocasos.  |
| 3 Vi. Moradas.   | 3 Ni. Amorosa.   |
| 4 Rs. Açorar.    | 4 Manadã. Além.  |
| 5 Adi. Irão.     | 5 Ero. Irar. Ro. |
| 6 Domariam.      | 6 Lara. Ir. Cãs. |
| 7 Aço. Arrisca.  | 7 Amaciarias.    |
| 8 Sarar. Iró.    | 8 Dormira.       |
| 9 Sol. Caas.     | 9 Sara. Sôfia.   |
| 10 Coseras. Ivã. | 10 Sasão. Vi.    |
| 11 Asamos. Báio. | 11 El. Cartão.   |

## Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; 17.15: Musicomania; 19.00: Informação e música; 20.00: Música portuguesa; 20.15: No estúdio e no estúdio; 20.30: A viver também se aprende; 21.00: Movimento; 21.30: Imaginário; 23.30: Último jornal. Notícias de hora a hora.

## Programa 2

16.00: Música portuguesa do século XX; 16.36: Sopranos famosos; 17.00: Integrais; 17.30: Pianistas; 18.00: Quarteto, n.º 6, em si bemol maior, op. 18, de Beethoven; 18.40: Os grandes intérpretes; 20.40: Música orquestral; 21.00: Música portuguesa; 21.30: A ópera «O Galo de Ouro», de Rimsky-Korsakov; 23.45: Solos instrumentais; 00.10: Música, de Arnold Schoenberg; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

## RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Dora a hora; 17.00: A feira mágica; 19.15: Som de retorno; 20.00: Conta corrente; 21.00: Discos pedidos; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: Vigésima quarta hora. Notícias de hora a hora.

## RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: A casa da música; 16.00: O som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: As mil e uma noites. Notícias de hora a hora.

## RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Ré maior; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Quiosque; 19.30: Quando o telefone toca; 20.00: Conversa de amigos; 21.00: Encontro; 22.00: Diário do desporto; 22.30: Clube dos colecionadores; 23.30: A vez e a voz; 23.55: Meditando.

Onda Média Regional-Voz do Minho, Voz do Porto e Voz do Alentejo

15.00: As boas tardes da renascença; 18.00: Noticiário regional; 18.30: Ligação à rede nacional.

## Voz de Lisboa

15.00: A Rádio da cidade; 18.30: Sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 23.30: Diário do desporto; 23.57: Meditando.

## FM-Estéreo

13.10: Os cem mais; 19.30: Transmissão do terço; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico; 23.55: Boa noite. Notícias a todas as horas.

RTP/1

## 18.00 — Sumário

## 18.07 — Tempo dos Mais Novos

A emissão de hoje é preenchida com mais um episódio da série «Lendas do Mundo» e «O Urso Teddy»

## 18.45 — País, País

## 19.15 — Desporto/Debate

## 19.55 — O Livro Grande de Petete

«A Cerveja»

## 20.00 — Telejornal

## 20.30 — Boletim Meteorológico

## 20.35 — Vamos jogar no Totobola

O «Vamos Jogar no Totobola» que hoje, excepcionalmente, é apresentado à quinta-feira, apresenta um percurso de férias, revelando algumas belezas naturais do nosso país, desconhecidas de grande parte dos portugueses. Filmado na zona de Mourão, Monsaraz e São Pedro de Corval, o programa de hoje concede particular atenção ao estuário do Guadiana, marcando «encontros especiais» com o Castelo de Lousa, de construção romana, e com o Cromlech do Xerez...

Produção: Telecine-Moro.

Apresentação e Realização: Carlos Brandão Lucas.

## 20.50 — Corpo a Corpo

(43.º episódio): Alfredo e Teresa discutem, mas Alfredo não fala sobre o encerramento da fábrica. Eloá vai passar o fim-de-semana fora e entrega a chave de casa dela a Amauri. Rafael tenta, mas não consegue ainda falar com o dono da editora. Cláudio e Alfredo discutem, justamente quando Alice e Lúcia chegam a casa dele. Cláudio mal fala com Alice. Lúcia resolve forjar um encontro de Cláudio e Alice. Lúcia tem o joelho de Alice com uma pedra e manda-a ao quarto buscar um remédio. Alice, nervosa, resolve sair da casa de Cláudio e vai procurar Amauri, dizendo que não pode mais viver com a mãe.

## 21.45 — Europa

«Europa Verde»

Neste programa vai falar-se entre outros assuntos:

Da política agrícola comum. Explicação dos seus princípios e mecanismos fundamentais. A CEE e o vinho: política de qualidade.

A PAC absorve 70% do orçamento comunitário. O lado negativo da PAC. Conflitos com os Estados Unidos por causa do proteccionismo agrícola.

Necessidade social de proteger os agricultores pela via dos subsídios directos e/ou dos preços garantidos.

Na falta de outras políticas comuns, tentativas para criar uma moeda europeia.

Vantagens de uma certa estabilização cambial na Europa.

Um trabalho duma equipa de jornalistas da R.T.P.

## 22.10 — México/86

## 22.40 — As Aventuras de Sherlock Holmes

12.º episódio: Um jovem com cabelo ruivo responde a um anúncio para um emprego numa fundação de caridade denominada «A Liga dos Ruivos». Ao ser informado que lhe pagariam uma elevada quantia apenas para passar quatro horas



«A Família Vialhe»: hoje o último episódio

diárias a copiar a Enciclopédia Britânica decide consultar Sherlock Holmes. Este descobre tratar-se de um plano para manter o jovem ruivo ocupado enquanto está a ser perpetrado um assassinato.

## 23.45 — 24 Horas

## 00.05 — Remate

RTP 2

## 16.30 — Europa TV

## 16.32 — Meteorologia

## 16.35 — Tempo dos Mais Pequenos

«Tic-Tac»; «Emília»; «Bojan»; e «O Tirinhas» são os episódios hoje transmitidos.

## 17.00 — Court Down — Contagem Rock

## 17.40 — Meteorologia

## 17.45 — Legados da Natureza

«Medicina Grátis»

## 18.20 — Telediário

## 18.30 — A Europa em Foco

## 19.00 — Musical

Concerto Clássico em Praga

## 20.00 — Notícias

## 20.05 — Conheça Melhor

«URSS-Letónia, Meu Amor»

A Letónia é uma das 15 repúblicas da União Soviética. Situada no Mar Báltico, entre a Estónia e a Lituânia, com cerca de 63 mil quilómetros quadrados e mais de 2 milhões de habitantes, tem a capital em Riga, cidade fundada há mais de 700 anos. As pescas e as indústrias de transformação de produtos agrícolas e de madeira são as actividades mais importantes da Letónia, da qual vamos também conhecer um pouco do seu passado, das suas tradições e da vida quotidiana.

## 20.40 — A Família Vialhe

«Último episódio»

No Verão de 1945, Jacques chega a Saint-Libéral depois de ter passado quatro anos numa quinta na Alemanha como prisioneiro de guerra. A tensão entre ele e o pai é grande: acha os métodos

agrícolas utilizados pelo pai muito antiquados e engravida uma rapariga. Entretanto, Berthe que fugira de um campo de concentração vai retomando aos poucos o gosto pela vida. Paul é morto numa emboscada na guerra da Argélia.

## 21.35 — Notícias

## 21.45 — Encontros Com...

Carlos Guilherme

## 22.25 — Últimas Notícias

AMANHÃ

RTP/1

## 11.00 — Gente Singular

## 11.30 — Espaço 11/13

## 12.30 — Vereda Tropical

## 13.15 — Jornal da Tarde

## 13.35 — Ciclo Preparatório TV

## 18.00 — Sumário

## 18.07 — Tempo dos Mais Novos

## 18.45 — País País

## 19.15 — Romanceiro

## 19.55 — O Livro Grande de Petete

## 20.00 — Telejornal

## 20.30 — Boletim Meteorológico

## 20.35 — Corpo a Corpo

## 21.15 — O Ano dos Franceses

## 22.20 — Mátria

## 23.20 — 24 Horas

## 23.30 — Remate

RTP 2

## 16.30 — Europa TV

## 20.00 — Os Açorianos

## 20.30 — Adágio

## 21.20 — Notícias

## 21.30 — Directo/2

## 22.30 — Últimas Notícias

**CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES**  
**SOS CTC**  
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA  
ESTACÃO DE SERVIÇO PERMANENTE  
T. 88 27 86 - 89 98 26  
Av. S. João de Deus 13 B - R. de Macau, 8-1 - LISBOA

**MELO**  
INFORMÁTICA  
MICROCOMPUTADORES  
AMSTRAD — ATARI  
TIMEX — SINCLAIR — Q.L.  
JOSÉ DE MELO & SILVA, LDA.  
Escritório: R. Bernardim Ribeiro, 15 - cave/dt.  
Loja Zodíaco: R. Conde Redondo, 5 Loja C  
Loja Melo: R. Gonçalves Crespo, 18-C (INAUGURAÇÃO 1/10/85)  
Tel. Zodíaco: 54 99 04 - Tel. Melo: 52 56 69 - 1100 LISBOA  
Demonstrações 3.ª e 5.ª das 18 às 20 horas

**GRUNDIG** seleccionou para si...

RTP/1

22.10 — México/86

RTP 2

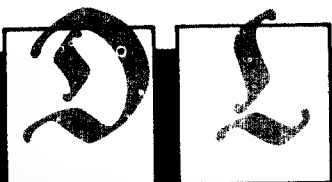
20.40  
A Família Vialhe

**GRUNDIG PORTUGUESA**  
comércio de artigos electrónicos, Lda.

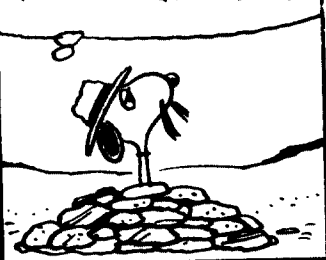
Rua Bento Jesus Caraça, 17  
Cruz Quebrada-1495 LISBOA  
Telef: 4197570



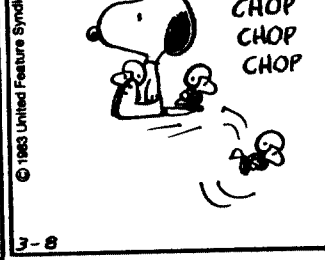
«O Livro Grande de Petete»



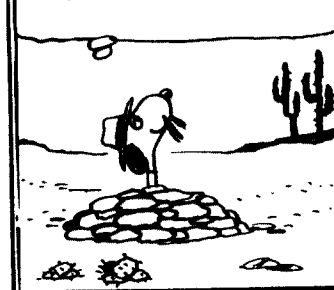
OUÇO UM HELICÓPTERO!  
VEJO PARA-QUEJISTAS!



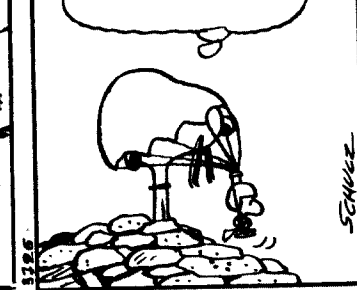
CHOP  
CHOP  
CHOP  
CHOP



SALVAMENTO À VISTA!...



MAIS OU MENOS...



| MARÉS DE HOJE |        |           |        |
|---------------|--------|-----------|--------|
| PREIA-MAR     |        | BAIXA-MAR |        |
| 02.41         | 3,90 m | 08.16     | 1,10 m |
| 14.58         | 3,90 m | 20.34     | 1,00 m |
| Dia 9         |        |           |        |
| 03.16         | 3,80 m | 08.46     | 1,10 m |
| 15.31         | 3,90 m | 21.06     | 1,00 m |

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

|                  |     |
|------------------|-----|
| BRAGANÇA         | 7°  |
| VIANA DO CASTELO | 9°  |
| VILA REAL        | 7°  |
| PORTO            | 10° |
| COIMBRA          | 9°  |
| CABO CARVOEIRO   | 14° |
| CASTELO BRANCO   | 6°  |
| PORTALEGRE       | 9°  |
| LISBOA           | 12° |
| ÉVORA            | 10° |
| BEJA             | 10° |
| FARO             | 12° |
| SAGRES           | 12° |
| PONTA DELGADA    | 17° |
| FUNCHAL          | 15° |

Macau

## Reacções contraditórias à nomeação de Pinto Machado

A nomeação do prof. Pinto Machado para governador de Macau começa a suscitar reacções as mais diversificadas na imprensa e na comunidade chinesa do território.

Chui Tak Kei, líder da comunidade chinesa, vice-presidente da Associação Comercial e presidente em exercício da Assembleia Legislativa de Macau, afirmou não desejar ver transportadas para o território «as lutas partidárias e políticas portuguesas». Chui Kei disse ainda esperar que Pinto Machado «possa coordenar os interesses das comunidades integrantes da sociedade de Macau».

Para Vítor Ng, deputado e presidente da Associação de Exportadores, o facto de o novo governador ser conselheiro de Estado poderá contribuir para «reflectir, melhor do que outros, as opiniões de Macau». Vítor Ng disse ainda ser necessária a continuidade da administração e propôs que os secretários adjuntos tenham mandatos de duração superior ao do governador para «evitar quebras abruptas na gestão dos negócios públicos».

Diferente, porém, é a opinião de António Chiu, presidente da Associação dos Jornalistas e membro do Comité Político Consultivo da República Popular da China que teme «problemas sociais e políticos» em Macau devido à «falta de experiência diplomática» de Pinto Machado.

Enquanto isto, parece visível uma luta de interesses e influências entre sectores próximos do CDS (via ADIM — associação política de maior peso no território) e do PS (representado pelo CDM, Centro Democrático de Macau). Nesta luta se inscreverão algumas reacções negativas à eventual indigitação de Neto Valente para secretário-adjunto. Advogado e dirigente do CDM, Neto Valente estaria — segundo os seus opositores — muito ligado a interesses económicos locais, podendo provocar «graves conflitos de interesses».

Consideram os mesmos sectores hostis ao CDM que as movimentações que estarão a ser desenvolvidas em torno da composição da equipa governativa de Pinto Machado não contemplam a opinião expressa pela missão presidencial (composta por Gomes Mota, Sá Machado e Correia Gago) que recentemente esteve em Macau para consultas às diferentes comunidades.

Entretanto, o dr. Diamantino Marques, outro dos nomes citados pelo «DL» como podendo acompanhar Pinto Machado a Macau, afirmou-nos esta manhã nada saber sobre o assunto. «Nunca fui contactado» — frisou para o «DL» — presidente da segurança «Império», e não gestor da Mundial/Confiança, como por lapso ontem noticiámos.

**Ao que tudo indica**

**pelos mesmos assaltantes**

## Roubados 1800 contos em dois bancos de Alcobaça

Com o intervalo de cerca de quinze minutos, duas agências bancárias foram assaltadas em Turquel e Benedita, concelho de Alcobaça, tendo sido roubados um total de 1800 contos.

De acordo com a GNR, o primeiro assalto teve lugar pelas 10 e 15 na agência do Banco Pinto & Sotto Mayor de Turquel (furtados mil contos) e, um quarto de hora depois o alvo foi dependência do Banco Borges & Irmão, em Benedita, de onde foram levados cerca de oitocentos contos.

O facto de a distância entre as duas localidades poder ser percorrida de automóvel em dez minutos, leva a admitir que os dois assaltos tenham sido da autoria dos mesmos indivíduos.

No assalto à agência de Turquel foi utilizado um automóvel «Renault», azul-escuro, recuperado pela GNR perto de Rio Maior, e no de Benedita, um «Fiat 131», de cor grená.

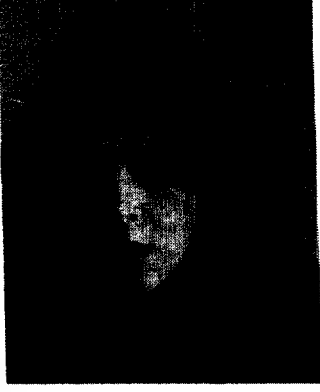
## /D/E/C/A/R/A/S/



**URBANO TAVARES RODRIGUES** acaba de ver publicada a segunda edição do seu romance «Desta Água Beberei», editado na colecção Século XX das Publicações Europa-América. Oscar Lopes, no prefácio, diz: «Os leitores que viveram os acontecimentos portugueses de há oito a dez anos surpreender-se-ão pela maneira como este romance lhes aviva a sensibilidade ou a memória de certos traços epocais e efemérides».

**LEONOR BELEZA**, ministra da Saúde, afirmou que teve contactos com os seus colegas dos países africanos de expressão portuguesa, para incrementar a cooperação no domínio da saúde. Leonor Beleza disse à agência Anop que «a cooperação a esse nível se desenvolve já em países como a Guiné-Bissau e Cabo Verde, sendo a intenção do Governo estendê-la aos restantes países lusófonos de África».

**FERNANDO NOGUEIRA**, ministro adjunto do Primeiro-Ministro, deverá receber nos próximos dias, no seu gabinete, uma multa por infracção à regra da prioridade. É que no trajeto para a



Faculdade de Letras de Coimbra, onde ia (ontem) decorrer uma homenagem à memória de Mota Pinto, o ministro não obedeceu à ordem de paragem de um agente policial que controlava o tráfego no Largo João Paulo II.

**TERESA PATRÍCIO GOUVEIA**, secretária de Estado da Cultura, participa a partir de segunda-feira, na cidade francesa de Avignon, nos trabalhos da Quarta Conferência Internacional sobre Economia da Cultura. A conferência, que durará três dias, reunirá no Palácio dos Papas 350 participantes de 23 países, terá como objectivo fundamental a promoção do desenvolvimento da investigação económica aplicada à Cultura.

**ÓSCAR LOPES**, David Mourão-Ferreira e Pedro Tamen foram eleitos, respectivamente, para a presidência da direcção, assembleia geral e conselho fiscal da Associação Portuguesa de Escritores. Os três escritores integravam a única lista que se apresentou à eleição, sob proposta da direcção cessante.



**VICTOR CONSTÂNCIO** já desmentiu categoricamente a afirmação de um semanário de que nos seus princípios programáticos constasse a ideia que, em política externa, «será adoptada uma política activa de não alinhamento em relação aos blocos políticos e militares existentes». Na verdade esta é uma ideia que consta da declaração de princípios e programa do PS, em contraposição ao que Constâncio defende dever ser a independência nacional («o grau de afirmação nacional passa pela adequada gestão de deíndência inevitáveis no mundo actual»). Acontece que, numa anterior edição do «DL», um salto de prosa não detectado na revisão no texto em que pretendíamos evidenciar as diferenças entre os dois programas, acabou por colocar no de Constâncio o que pertence ao do PS, cujo programa aquele se propõe alterar. Do facto, pedimos desculpa a Victor Constâncio e aos nossos leitores.

**José Lobo de Carvalho** — notícia ontem aqui publicada acerca do falecimento deste militante do PS e um dos fundadores da AASS, era acompanhado de uma fotografia correspondente a outra pessoa com os mesmos apelidos. Pelo equívoco, apresentamos as nossas desculpas.

## Panasqueira quer fazer 500 despedimentos

Continuação da pág. 1

A Beralt é a principal empresa mineira portuguesa e tem acumulado vultuosos lucros nos últimos anos, declarando, nomeadamente, no último Relatório tornado público, o de 1984, um volume de negócios de quase dois milhões e meio de contos e resultados líquidos de 283 mil contos. Em 1983 o volume de negócios fora de um milhão e 693 mil contos.

Alegando que o volfrâmio — principal minério extraído as Minas da Panasqueira — experimenta «grandes e anormais dificuldades de mercado há muito não sentidas, nomeadamente por acentuada baixa de cotação de preços e do câmbio do dólar» a Beralt quer ver aprovado pelos trabalhadores um Acordo de Empresa susceptível de baixar a produção em 40 por cento dos seus níveis normais, a redução do número de dias e de turnos de laboração e o despedimento de, pelo menos, 38 por cento dos trabalhadores efectivos bem como o cancelamento de bônus de produção.

A semelhança do que está a acontecer noutras empresas do País — e esta é a maior da Beira Baixa — e vigora desde o ano passado na Lisnave, a Administração da Beralt Tin pretende que as associações sindicais que vierem a subscrever o acordo de empresa «não criem condições susceptíveis de alterar as condições normais de paz laboral, suspendendo por isso os processos reivindicativos pendentes ou outros, não se verificando quaisquer aumentos salariais ou outros encargos de expressão pecuniária».

O plenário dos mineiros reunido na Panasqueira, imediatamente após a recepção da proposta, rejeitou-a e apontou a violação nele contida das regras constitucionais e da Organização Internacional de Trabalho nomeadamente quanto ao ritmo de produção e o horário de trabalho dentro da Mina que está subjacente à proposta.

Apontou-se, ainda nesse plenário, a outra face desta exigência de austeridade aos trabalhadores e que seria a largueza com que a Administração e os quadros superiores dispõem dos bens e recursos da empresa com «abusos escandalosos do consumo de bens como electricidade, gasolina, telefones, transportes, almoços, touradas e emprezas camufladas para proteger toda a espécie de negociatas».

## Um morto na mina esta manhã

O clima de mal-estar nas Minas da Panasqueira foi entretanto esta manhã agravado com um acidente mortal no subsolo que custou a vida ao mineiro Hermínio Mendes, de 27 anos de idade.

James M. Cain e David Goodis

## Identidades numa série

Wilbourne, Frank Chambers, Eddie, Hoaney... Os duplos são muitos, na série americana, e ainda não houve greve na linha de montagem que os produz.

*Serenade*, de James M. Cain, é um texto de 1937, três anos posterior ao seu *The Postman Always Rings Twice* (*O Destino bate à porta*). *Disparem sobre o pianista* (*Down There*), de David Goodis, é de 1956. Mas apesar da diferença de idades, são livros consanguíneos, onde trabalham numerosas afinidades. Em ambos *Eros* conduz inevitavelmente a *Thanatos*. Eles actualizam a tragédia do amor louco, em que se inscrevem objectos culturais tão diversos como a *Electra* ou o *Duêlo ao Sol* de Howard Hawks.

Curiosamente, Cain e Goodis apaixonaram sucessivos realizadores de cinema: *O Destino bate à porta* deu filmes a Visconti, Tay Garnett, Bob Rafelson e Truffaut; prendeu-se a *Disparem sobre o pianista*, como René Clément, Henry Verneuil e J.-J. Beineix a outros textos de Goodis.

A editora Livros Horizonte acaba de publicar o texto de Cain. O de Goodis tinha saído na *Caminho de bolso*, o ano passado.

As suas afinidades estão no sentido global em que se deslocam as duas narrativas, mas também, como para as enfatizar, numa série de figurações de percurso, porque é indispensável depender da mesma lógica, percorrer as mesmas casas marcadas do tabuleiro, para engrenar no esplendor da sujeição de que decorre o trágico.

Ei-las, sem pretensão de exaustividade e a voo de águia, num exercício que convidamos o leitor a recriar:

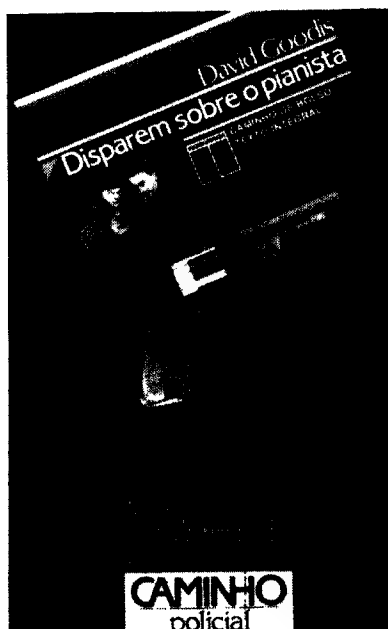
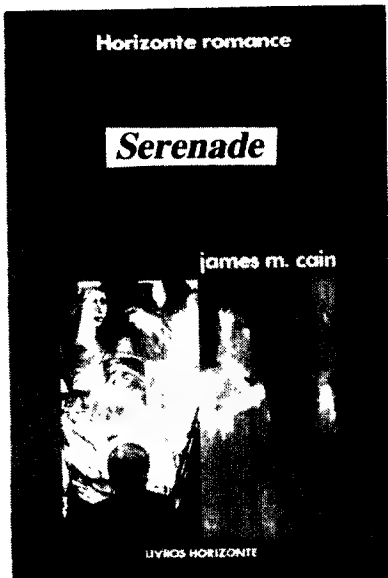
Os dois livros crescem em torno de dois homens separados do seu passado.

Em *Disparem sobre o pianista*, Eddie já foi Edward Webster Lynn, pianista famoso, aplaudido de pé no Carnegie Hall. Mas quando a narrativa arranca, ele conta os tostões no bolso e toca no *Harriet's Hut*, uma espelunca de bairro.

Em *Serenade*, Hoaney já foi John Howard Sharp, cantor de ópera celebrado na Europa. Mas agora só lhe restam três pesos no bolso e está sentado no café Tupinamba, no México, quase sem presente e sem nenhum futuro.

Ambos se vão ligar a mulheres que habitam o seu mundo presente: Eddie a Lena, a criada da espelunca, e Hoaney a Juana, a prostituta pobre.

No passado de ambos há uma personagem particularmente importante: Tereza Fernandez foi mulher de Eddie — e são mesmo as circunstâncias do seu suicídio que devolvem o pianista à abjecção de que partirá para uma carreira fulgurante. No passado de Hoaney há Winston Hawes, magnata e director de orquestra, que foi íntimo do seu fulgor



como cantor.

Também entre Tereza e Hawes há afinidade: eles foram, cada um a seu modo, os urdidores do êxito de Edward Webster Lynn (a identidade perdida de Eddie) e de John Howard Sharp (a identidade a que Hoaney quer regressar): a primeira vendendo-se ao agente de concertos que fez a celebridade de seu marido, o segundo controlando, através do poder do seu dinheiro, o itinerário que levará o cantor de ópera a ressurgir.

São prostitutas as mulheres que, como pitonisas revelam aos dois homens, em ambas as histórias, as paixões que eles recusam assumir:

Clarice, que Eddie frequentava, dir-lhe-á que ele se prendeu a Lena do modo que não perdoo — ela viu-os entrar juntos na espelunca, e nesse

momento Lena «não era a criada de uma tasca ordinária, era a rainha do Nilo»; e ele não era Eddie, mas «aquele general, ou lá que era, de Roma».

Juana revelará a Hoaney, no seu inglês de trapos, a atracção homossexual que o liga a Hawes:

«Eu fui rapariga da rua, amo homens, três pesos. Muchacha ignorante, não ler, não escrever, não perceber coisas assim. Mas do homem — tudo. Hoaney, esses homens que amam outros homens podem fazer muita coisa (...) Mas (...) não têm toro na voz, não têm grrr para assustar muchachas...»

Ambos negam os envoltimentos denunciados: Eddie paga adiantados a Clarice os seus próximos encontros, como garantia de fidelidade. Hoaney garante a Juana que há «cinco por cento» de homossexualidade em cada homem, mas que é ela que ele quer.

Prostitutas, ambas foram redimidas pelo prazer: Lena levada ao «sétimo céu», Juana conquistada pelo toro que há em Eddie.

Nuance: há duas mulheres em Juana, a prostituta que foi e a amante que é. Face a Eddie, essas funções estão desdobradas em Clarice e Lena. Juana acumula até ao final de *Serenade*: ela leva Hoaney de volta ao Tupinamba (tornou a prostituir-se e ele segue-a para a ir buscar) e é morta ali, a tiro. Em *Disparem sobre o pianista*, Lena morre (também a tiro) num descampado, e é Clarice que leva Eddie de regresso ao *Harriet's Hut*.

No fim de *Serenade* e de *Disparem sobre o pianista*, Hoaney e Eddie estão de novo na postura solitária e perdida que era o seu ponto de partida, e ambos perderam as mulheres que os amaram — uma rotação que partilham com o Wilbourne das *Palmeiras Bravas*, e com o Frank Chambers de *O Destino bate à porta*.

Nenhum deles faz declarações de amor: o amor manifesta-se mudo, numa cadeia de comportamentos que obedecem a uma lógica compulsiva. O itinerário desses personagens depende de uma espécie de imperativo categórico que eles nunca exprimem, por pudor, e se traduz em fatalidade, essa sim, assumida: «entre o nada e a dor — acaba Wilbourne no texto de Faulkner — eu escolho a dor».

Sósias de uma série que a literatura americana popularizou, eles habitam em nós com a sua carga autodestruidora, como um convite em aberto.

E ainda não houve greve na linha de montagem que os produz...

João Mendes



**Escrita de presidentes**  
■ Um inventa histórias  
■ Outro prefacia breviário

Págs. 6 e 7



## O regresso da Madona

■ A *Dom Quixote* reedita

Natália Correia

o *Ler Escrever* recorda o texto no preto

Pág. 4

## O que acabou de chegar e o que lemos para si

Págs. 2, 3 e 8

## Estante infantil

TÍTULO — Histórias da Lua Cheia  
AUTOR — Enid Blyton  
ILUSTRADOR — Suzy — Jane Tanner  
EDITOR — EDITORIAL NOTÍCIAS.

A mitologia do nosso tempo está cheia de monstros. Em alguns casos é de bom tom acrescentar um adjectivo e nesse caso temos os **monstros sagrados**. Desde o futebol ao cinema, passando pelo fado e pela política, há-os para todos os gostos.

A expressão fica, digamos, reservada para o mundo do espectáculo e categorias afins. A literatura tem ficado resguardada da moda. Sinto-me, porém, hoje tentado a entrar no jogo e, a propósito de Enid Blyton, dizer que estamos em presença de «um monstro sagrado da literatura para crianças»...

Com uma produção que deve estar no «top» (vamos na onda, leitores, vamos na onda...) da produção mundial para este género de literatura — talvez mesmo para qualquer género... — Enid Blyton conquistou, para a leitura, sucessivas gerações de crianças e de jovens.

Também a produção em série havia de chegar à literatura, em força. Com todos os laivos de produção industrial, com cadeia de montagem e tudo, com planificação e tudo. Juntam-se alguns jovens em número determinado mas sempre diferente, e temos os cinco, os sete, gémeas... arranjos um local bem definido — uma quinta, um colégio, uma cidade pequena... — invente-se uma aventura cheia de emoção em que é obrigatório um caso cheio de perigo (roubo, contrabando, o diabo a sete... ou a cinco), um mistério, um alçapão com passagem subterrânea (isso que não se esqueça!) e sobretudo, lanches, merendas monstruosas com montes de coisas boas para comer. Juntem todos esses elementos, polvilhados aqui e ali por um cãozinho inteligente ou outro animal mais exótico, como uma catatua, e têm um romance que se devora da primeira à última página.

Daqui saudamos mais uma edição em português de Enid Blyton. Intitula-se a obra **Histórias da Lua Cheia**. São dois volumes editados pela Editorial Notícias, fortemente cartonados, assim mesmo: livros para andar de mão-em-mão, para bater, que o mesmo será: para viver.

Blyton foge aqui à sua receita industrial. São catorze histórias de pequena dimensão. Histórias de bem-fazer e de bem-querer, não há pessoas más, a bondade elege-se como o sentimento principal a cultivar nas crianças. Produto de João de Deus, como sou, a ideia não desagrada, antes pelo contrário.

Mas não se pense que, sendo moralistas, as histórias são chatas. Nada disso! Mantém-se em pleno a capacidade de Blyton como narradora. Exposição reduzida, diálogos com fatura, a imaginação a galope. E uma saudável convivência de gente, animais, duendes — tudo certo, tudo familiar.

Em resumo: em grande forma, embora com outro estilo, uma Enid Blyton a quem o culto da leitura muito deve.

Mário Castrim

### «Ciclone de Setembro» Cristovão de Aguiar Caminho

«CICLONE de Setembro» é um livro assaz interessante pela doída ironia que perpassa a sua estória. Que estória? A de um homem feito à custa de inúmeras dores que ele nos conta com a jovialidade de quem confraterniza com amigos. Diálogo mordaz e captador da essência humana é este que Arquelaú Mendonça trava com os seus ouvintes — nós, entes nadizados num caminhar desencontrado de sonhos devido à constante imposição de uma vida subordinada a deveres prescritos pela sociedade, pela política, e, principalmente, pela economia.

De facto, só parcialmente ditamos o nosso agir. Nele nos reconhecemos fragilíssimas joaninhas a esvoaçar perante o frágil sopro de criança ociosa...

Uma joaninha é o Arquelaú Mendonça (personagem central deste «Ciclone de Setembro») que se nos apresenta, solitariamente, a rememorar o seu passado. Lançado numa experiência de platónicos amores onde, de ora em quando, emerge o corpo. Aqui personificado por Joana que, apesar da reciprocidade erótica (sensitiva) não o faz esquecer Raquel — a presença onírica deste homem que no liceu se revela um mau estudante e uma constante vítima das certezas flechadas do ardente e ardiloso Cupido. Passo a citar: «Ao despedir-me, iluminada por uma súbita e fortíssima lâmpada de milhares de Watts de alegria, disse-lhe incendiado: Então, até amanhã, R...» — e saiu-me Roana, mas ela, creio, não deu pela espanholada, nem tão-pouco pela primeira facadinha naquele amor que havia jurado ser o mais eterno possível...

Um homem da Tronqueira, aldeia açoriana, é Arquelaú Mendonça. E, por isso, nele se reflecte a insular vivência. Por sinal, muito bem disposta quando, por exemplo, refere as jóias das diferentes ilhas dos Açores. E neste riso vicentino detecto a literatice (tão

subversivamente caricaturada, e isto para nomear uma autora viva, em «Que Pena Ela Não Se Chamar Maria», de Maria Regina Louro) dos nossos escritores ou egotizante intelectualice dos nossos utilizadores do intelecto, brasão de nobilíssima aristocracia que nas suas palavras apresenta a estilizada imagem de uma dialéctica que em atabalhoados malabarismos tenta recusar a transitoriedade do perpétuo sendo. Leia-se: «Depois de tanto inclinar simbólico da fronte, por via de cheirarem as floridas intimidades dos poetas, ficaram os críticos com aquele jeito marrecoso de cidadãos que carregam uma enorme bossa literária às costas do destino...» Ou: «Quem, porventura, os quiser surpreender no seu habitat deve tirar-se de cuidados e dirigir-se à grande Praça do Santuário. É aí o geométrico ponto de encontro pós-prandial dos mártires da cultura, da fina panelagem lírica (...). Todos procuram beber o seu cálice de inspiração no próprio fontanário de onde ela jorra sem peias. Há o Santuário que sagra de sofrido silêncio a imagem do Ecce Homo, e o banco onde o poeta do Sonho Oriental se encontrou a sós com a morte (...). Os antecuriosos também se passeiam numa das ilhargas do grande palco, ali junto do banco, onde, num mornamento dia setembrino, agonizou o seu patrono com uma bala pensada no céu-da-boca.»

Mas nada escapa ao moscardo (ao lê-lo pensei em Sócrates) Mendonça. Um inato romântico dentro da sua ironia, filtro coador de observada cosmóvisão: «Amo-te porque nunca te encontro e só te busco. E procuro-te com vontade de nunca te encontrar.» Mendonça, o profundo conhecedor da prosaica beleza que a espécie humana (ele fazia-o ao escapulir-se das aulas) pode descobrir na baça e insuportável opacidade de uma rotina confinada a valores castradores. Por isso se ri das leis — reprova duas vezes no terceiro ano do liceu porque a paixão o absorve. Floridas nádegas de mulheres é a causa: em cio, festivamente se encaminha até às suas rolicas ancas como se o transportasse as crinas da égua-vento. Nelas

mergulha a mastigar papoilas e a comparar os seus testículos a nuvens que experimentam as incómodas agrihoadas da gravidez. Redentor ósculo — o seu corpo o será no preciso instante em que cromática chuva se verterá nas floridas ancas, então personificando ramo de malmequeres abertos à necessidade humidade que luminosa as toca...

Paga o preço do seu hedonismo (o pai obriga-o a trabalhar e coloca em risco o seu futur académico) e escapa (graças à ajuda da «Vavó Aparecida» e da sua simulada humildade) ao mundo sem letras refinado que o ameaçava. Também sairá incólume de uma guerra colonial que nos relata com um humor sádico (nesta descrição não pude deixar de me lembrar desse inigualável livro que é «Era Uma Vez Um Alferes», de Mário de Carvalho) e típico daquele que muito sente a tragico-média circundante. Assim, não é por acaso que o soldado Guimarães morre quando regressa à Metrópole, na sequência de uma queda à água por causa dos vapores do álcool que ingerira na hilariedade que o possuía ao saber-se prestes a abandonar aquela terra onde o paludismo e a guerra o oprimiam. Morreu por afogamento ao subir «tem-tém-maria-não caias» para o «portaló» do Niassa. Tal como foi devorado pelos jacarés o alferes Leite...

O relato da guerra colonial representa na estrutura do romance um salto no tempo. De um tempo onde o Mendonça, o namorado de Joana numa Tronqueira onde saía para frequentar o terceiro ano liceal, habita uma residência de estudantes... De um tempo que se reencontra (o livro divide-se em três partes que são a «Terra dos Ventos» — apresentação da Tronqueira; «Os Ventos de Guerra» — as peripécias de um confrangedor militarismo colonial e um excelente retrato das reacções psíquicas e físicas dos que a viviam; e o «Futuro dos Ventos» — o regresso à ilha dos Açores e o retomar da posição angustiada em que o Mendonça se encontrava no início do romance), após o relato da guerra, no tempo inicial.

Isto é: o de um rapaz a repetir o terceiro ano do liceu... Este rapaz, um eterno apaixonado, continuará a sê-lo quando homem. Disso é elucidativa a descrição que faz de Marília (presente no começo e no fim do livro) quando afirma: «A ti não te matei. E não me perdoo. Carrego-te aos ombros das horas arqueadas pela memória. (...) Por minha causa foste desbarrigando filhos, alguns de sete meses.» Ou: «Só sei que diante de ti, a quem por transferência e comodidade chamarei Marília, me sinto a desnudar-te. (...) De qualquer forma, não me seria nada fácil reentrar no ventre inundado de paz de minha mãe (ou no teu?), ser de novo parido, cumpridas as nove luas, num Setembro qualquer (...).» Ou: «Chama-se Marília. Há muito que ela tomou o lugar de Joana, que, por sua vez, havia tomado o lugar de Raquel. Continua derramada na sequiosa taça dos sentidos. Nela se consubstancia o branco sorriso da Raquel das noites de visita, o ciclónico vendaval da entrada de Joana dentro de mim, a papudinha ingenuidade da Lídia debruçada na janela da empena da casa de ao pé do poço.»

Homem, Arquelaú Mendonça, se aperceberá da dimensão trágica do existir. Dimensão que ele assumirá lúcida e, dorida, risonho no modo como olha em seu redor. Ei-lo no final do romance: «Tanta consumição para quê, se o tempo não convesce, nem as pelangas dos dias se desenguelham mais, nem a terra que em ti buscas, que se saiba, de nenhum mapa oficial ou mesmo clandestino...»

O riso encerra a dor, percebemo-lo ao ler «Ciclone de Setembro» com a evidência de que já não é insalubre a água canalizada que bebemos. E essa é (para além do gozo que me deu a descrição dos cães que se passeiam pelas faculdades...) a grande revelação deste livro. Em meu entender uma escrita sensível, despreziosamente cáustica e pertinentemente atenta ao ser-se aqui e agora.

Ana Paula Portugal

### QUADROS para uma viagem a Portugal no século XVI

António Borges Coelho, ed.  
Caminho, Colecção Universitária, n.º 13

É uma viagem que começa por Lisboa (de «homens mui ricos e de tão grande crédito em todas as partes do mundo, por si e seus parentes considerados, que não havia homem por mais rico que fosse de outra nação estrangeira que se o avantajasse...») e desce, depois, de Viana e Caminha a Lagos no Algarve («dói-me particularmente a escassez de Trás-os-Montes» — conta) para culminar na evocação da «Mercadoria Espiritual» de João de Barros, contemporâneo de Erasmo e de Thomas Morus, humanista corajoso, mesmo que liberto ainda da Inquisição e do Index defensor dos que entendiam que «não há mais que nascer e morrer».

Não é uma «viagem» seca, árida, formal. Não esqueçamos a qualidade do historiador-poeta, barco aqui não abandonado, que agarra documentos, testemunhos, depoimentos e arquivos e tudo tempera com a rara e envolvente sensibilidade de transtano, apaixonado pela sabedoria de povos berberes nossos antepassados, dos que entre nós mais criaram que destruíram.

A gente vê, relê, estes «Quadros» e descobre-se em Lisboa há quatrocentos anos, quando «fisicamente a cidade descera do morro antigo do Castelo na direcção do rio e

subia-descia pelas novas colinas do outro lado do vale».

É um primeiro olhar que nos fala da «massa das casas, muitas de dois e três sobrados», rasgadas de «janelas e varandas, voltadas para o sol e o rio, apagando largos panos de muralha, também ela habitada de torres, janelas e varandas». Organizada «em tortuosos vãos numa rede de ruelas, becos e travessas, sobrepujadas aqui e ali de arcos e torres, vãos que nos adros se humanizavam e abriam», a cidade velha não tinha vergonha ou desdouro dos nomes das suas ruas, desde o Beco do Gaspar das Naus à Rua Quebra Cus com Travessa de Calça Frades e Rua do Pinovai.

O coração da cidade era a Ribeira, do Paço Real do Manuel, O Venturoso, rei que teve elefantes, rinocerontes e onças, que «jantava e ceava no Paço com música de charamelas, sacabuxas, cornetas, harpas, tamboris e rabecas e, nas festas principais, com atabales e trombetas que, todos, enquanto comia, tangiam cada um 'per seu giro' sem esquecer os músicos mouriscos, que cantavam e tangiam com alaúdes e pandeiros, ao som dos quais — e assim das charamelas, harpas, rabecas e tamboris — dançavam os moços fidalgos 'durando o jantar e ceia'». O Paço das tragicomédias e farsas de Gil Vicente, quando não era ainda «o paço em frade tornado». Mas Ribeira também da Alfândega, Suplicação e Terreiro do Trigo, da Casa da Índia, das mil e quinhentas naus anuais, do Armazém Real (arsenal maior em toda a Europa) e «mundo sonoro de carpinteiros, calafates, obreiros, carregadores, marinheiros, pescadores,

vendedeiras de arroz, cuscus e chicharros, negras vendendo ameixas passadas, vendeiras de aletria, e fava-rica, tripas cozidas e cruas, vendedores de açafates, com mulheres correndo a cidade vendendo marisco, dos trinta vendedores de aguardente e das mil negras de canastra que limpavam a cidade».

Descobrimos que Lisboa, capital do mundo (Sevilha crescia e Londres e Amsterdão estavam cem anos atrás) tinha milhar e meio de homens de grosso cabedal, que não eram reis, nem fidalgos, nem frades. Habitavam, na sua maioria, nas freguesias da Madalena, São Julião, São Nicolau, Santa Justa, Mártires e nos bairros novos do Loreto e de Santa Catarina. Todos em «contacto directo com a Ribeira» — sublinha o autor.

Rua a rua, bairro a bairro, temos o quadro social e humano da cidade. Ficamos, por exemplo, a saber que o barbeiro do Prior do Crato, habitava a Rua Santo Espírito da Pedreira (Mártires), tinha entre os vizinhos dois violeiros e uma «mulher que não é casada», e estava avaliado em 800 mil reis. Que no Curral, na zona de Santa Bárbara e Arroios, habitou e morreu Camões nas casas de sua Mãe. Teve por vizinhos três cortadores, cinco esfoladores e currais de porcos de Leonor Francisca...

A área das mulheres «não casadas» (eufemismo da «mais velha profissão...») situava-se próximo das Portas de Santo António, em Santa Justa, e no Beco da Cortesia (nos Mártires). Na Rua da Rosa havia duas mulheres «não casadas». Nos Fiéis de

Deus, pedreiros e carpinteiros. Em Santa Catarina habitavam os ricos oficiais das carreiras da Índia, África e Brasil. Eram os mestres, pilotos, sota pilotos e contramestres.

Mas em quase todos os bairros são anotados negros, índios, mouriscos, chinas e já alguns ciganos («agitanos»). Eram ruas entremeadas por hortas, quintas e quintais, sobretudo a norte, a nascente e a poente da cidade.

Menos extenso, o quadro sobre o País traz-nos informações interessantes sobre a população (cerca de um milhão e trezentos mil habitantes) e nomeadamente, sobre a importância da população urbana no Alentejo, sobre os pólos de desenvolvimento, sobre a importância da navegação fluvial e mercantil do Douro, Mondego, Tejo e Mira e sobre a vida económica de Entre-Douro e Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo (Entre-Tejo-e-Odiana) e Algarve.

A parte final do livro dá-nos a imagem da sociedade portuguesa de Quinhentos através da «Mercadoria Espiritual» de João de Barros, obra escrita em 1521. É também uma homenagem a um dos nossos grandes vultos culturais do século XVI, esquecido ou silenciado pelo ensino oficial que, entretanto, recomenda dois seus contemporâneos estrangeiros, Erasmos e Morus.

Escasseia o espaço. Uma palavra final ao leitor (leigo, investigador ou simples estudante de História): não perca este trabalho de António Borges Coelho!

Eugénio Alves

# Lemos para si

## ■ «Autópsia de um mar de ruínas» João de Melo, Assírio e Alvim

**F**ECHA-SE o livro, após a leitura do último sintagma, com uma inulduível sensação de alívio. E apetece sair pelos verdes campos de Maio com o peito aberto ao sol, colher na raiz o embrião do perfume com que as flores sabem desinfetar as pústulas enxertadas pelo homem no caminho da vida, pontilhando de chagas um percurso que deveria ser fraternalmente saudável e crepitante de vitalidade.

E contudo... João de Melo ofereceu-nos um romance cuidadosamente elaborado, o arado da sua escrita revolve bem fundo o chão onde pisamos as palavras do quotidiano, a autópsia proposta talvez não se circunscreva apenas ao cadáver de uma guerra morta à nascença, mais morta que a maior parte das guerras, porquanto até para matar, trucidar, exterminar é preciso ter objectivos e motivações — por egoístas ou irracionais que sejam (são-no sempre) uns e outros — não se chacina pelo simples prazer de sentir o cheiro do sangue ou verificar se a cor do plasma vital que corre nas veias dos negros é igual à do que circula nas artérias dos brancos. Ora, ao povo português faltava, felizmente, essa sanha de ferocidade mórbida que só a irracionalidade «justifica», cabendo-nos viver no limiar de um misterioso ritual selvático de que desconhecíamos as fórmulas litúrgicas e as palavras mágicas despoladoras do transe exaltador. Daí o termos tido a possibilidade de fazer abortar esse monstro à nascença, não fossem os dividendos que os abutres colhem com o comércio da morte, figuras sinistras (gerais... colonos, clique

dirigente em Lisboa) não muito disseminadas pelo autor, que preferiu concentrar o seu fogo de revolta no campo onde se mata e morre com um misto de interrogação e surpresa.

A leitura deste romance correu lado a lado com a evocação de um filme paradigmático do niilismo a que o esvaziamento psicológico inevitavelmente conduz: «Apocalypse Now». A semelhança de Francis Ford Coppola, o realizador desse admirável filme antiépico, também João de Melo nos pega pela mão e nos põe a andar às arrecuas no lado que o nosso imaginário acumulou, numa regressão psicológica até às vísceras de nós mesmos, porquanto esse pesadelo de 23 anos nos salpicou a todos de dor, e sangue, e vergonha. Quem se atreverá a invocar a neutralidade para não ser engolido pela mancha da desonra colectiva? Vós, os que lá estivestes como colonos ou como soldados a fingir de títeres? Vós, os que desertastes em plena hecatombe, horrorizados pela carnificina? Vós, os que trocastes Angola pela França ou pela Suécia. Nós, os que vivemos o pesadelo duma tropa compulsiva sob a ameaça da desgraça iminente da mobilização? Vós, jovens a quem a pureza dos ideais empresta a voz acusadora de uma ignomínia para a qual não contribuístes? Talvez, não fora o sangue ingloriamente vertido por familiares, ou amigos, ou conterrâneos.

Nesse vazio cerebral se esboça a questionação do absurdo, muito embora me pareça que a intenção do autor não seja de carácter prevalentemente explicativo; o que não significa que a obra não possa ser aproveitada como um documento pedagógico, brandir o horror não significa, infelizmente, irradicá-lo, mas pode contribuir para o evitar. Se apenas se quedasse pela didáctica antiapologética da guerra colonial, creio que João de Melo terá

ficado, se a comparação com a gramática chomskiana me é permitida, pela estrutura de superfície, situando-se ao nível da elaboração das frases panfletárias sobre o que é e o que deve ser. Fugindo à sedução do texto exclusivamente interventivo o autor contraria uma tendência tão em voga no Portugal «pós-revolucionário» (expressão intencionalmente bivalente) e obriga-nos à vertigem do mergulho na estrutura profunda, ou seja, à alucinada náusea da tragédia permanente (ou quase) que a nossa história tem sido. Num discurso híbrido, o autor conjuga situações contemporâneas com aflições de outros tempos da nossa história, recorrendo amiúde ao paralelismo com o passado. Esfregando os olhos ante a angústia de uma sinistra emboscada nas matas da Calambata, ei-los lépidos em «socorro do Mestre», nesta sina secular de acorremos às desgraças quando elas estão praticamente consumadas. A este apelo étnico não escapam nem os anjos bons da raça, no caso protagonizados pela figura arquetípica do furriel enfermeiro, que também «asinha» se foi em socorro dos camaradas a serem costurados nas suas tenras carnes pelo ardente pesponto de fogo das metralhadoras dos anjos-fantasmas dessa guerra que se sente, se ouve, se sofre até aos intestinos, mas que se recusa a mostrar a cara. No que concerne especificamente à estrutura textual, tenho que dizer que por várias vezes me viajou pela memória (arrancada lá bem fundo nas pregas onde a reminiscência se refugia) a imagem infantil da urdidura duma teia em casa dos meus pais. Depois com que fascinado olhar contemplava o nascimento de um tecido, torcendo-se em desenhos esquisitos ou vibrando pletoricamente em cores festivas, mas sempre envolto em surpresa, em aparição. A que vem a recordação? Apenas para servir de

termo de comparação com esta manta de retalhos intencionalmente tecida por João de Melo, que assim se expõe a julgamentos críticos eventualmente pouco lisongeiros da parte de uma crítica textual norteada por pruridos formais, intolerante para com tudo o que não seja rigor formal, purismo linguístico. Discutível o processo? Parece-me claro que sim, nada há que não possa ser questionado. Literariamente eficaz? Muitos dirão que não, apontando as deturpações do estropeado português dos negros angolanos como perniciosos a uma língua que se quer escoreita. Pessoalmente não enfileiro nesse grupo. Entendo que a língua nada tem a perder com o intercâmbio, desde que o leitor saiba discernir rigorosamente entre a norma e o empréstico. Do intercâmbio linguístico só poderão resultar vantagens, o vigor de uma língua não se demonstra só pelas semelhanças (fidelidade à norma), mas também pelos contrastes (as rupturas com o sistema linguístico). O que não quer dizer inteira aprovação pelas razões que explico.

O facto de ter vivido (ao que suponha) dois ou três anos em contacto com um linguajar que arreda o português, não pode ter dado ao autor um conhecimento profundo da variante africana.

Daí que, por vezes, se tenha a impressão de uma inarticulação entre as dificuldades de expressão verbal e a complexidade de juízos emitidos. Resulta ainda a sensação de ser o narrador atraído pela articulação de palavras razoavelmente complexas da parte de pessoas cujas dificuldades de compreensão do português tal não deixa supor. Como quer que seja, daí não resulta mal considerável. Mais digno de nota se me afigura a excessiva riqueza do discurso em certos passos, vergado ao peso de inúmeras palavras e enleado na

trama de múltiplas metáforas. Por vezes fica-se com uma sensação de verbalismo redundante, de características algo barrocas. Concorro que o processo de digressão psicológica seja mais exigente, dada a conotatividade geradora de um quase indispensável clima de ambiguidade. Porém «o que é de mais é moléstia».

Ambiguidade que atinge o zénite em três episódios fundamentais: o capítulo inicial, antecâmara das catacumbas onde se enlaçam a loucura e a morte; a descrição da viagem de socorro ao pelotão chacinado na emboscada (e as subsequentes descrições da horrorosa dor dos condenados, a par com as deambulações psicologicamente desconexas de Renato e do furriel enfermeiro); e, finalmente, o penúltimo capítulo, que nos conduz ao limiar do delírio premonitório da morte, personificada por Renato. O leitor é testado até ao limite e obrigado a embrenhar-se no labirinto da estupefacção, da tragédia irremediável, do horror levado à morbidez, ao entorpecimento. Os restantes dramas esbatem os seus contornos, muito embora se não desvançam. Como as agressões sistemáticas aos negros, as violações às mulheres, os espancamentos brutais, a perfídia exploradora dos colonos-abutres, o heroísmo balofo dos guerreiros «do ar condicionado», as atrocidades dos treloçados — elevados à categoria de heróis duma ópera bufa — enfim, o destino fatal de um país em permanente tragédia.

Porque nos revolve até às entranhas e nos implica inexoravelmente neste processo de desagregação, João de Melo sai absolvido de um ou outro pécadillo... condenando os distraídos a lerem este documento URGENTE-MENTE.

**Domingos de Oliveira Dias**  
Brown University

## FICÇÕES

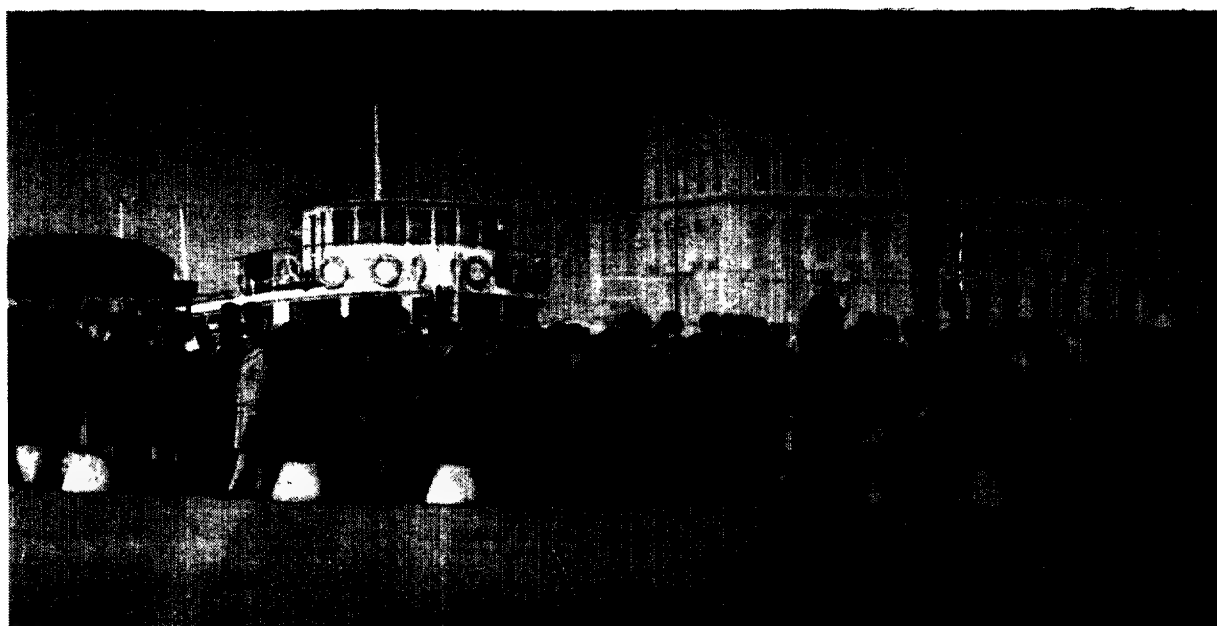
### O medo do tédio quando não há tédio

**T**ALVEZ agora se compreenda aquilo que era de assimilar até agora.

Há um ar de barco parado com motores de gato em lume brando. Ainda não partiu, nem tem pressa. Quando olho em redor do caos passo rapidamente ao estado de pilha com fabrico especial, de difícil colocação e em raros aparelhos colocável, recarregável. Em vias de ser recarregada.

Toda a agitação se consumiu, há uma geração que sofre no torpor e outra que começa a agitar-se apenas fisicamente apenas a horas certas levantando ondas apenas de trajectória circular, baralha e torna ao jogo, estou limpo?, estou simpático?, dentro de cada um. É uma europa inteira que já não sabe explodir e recebe de braços abertos o foco absorvente da guerrilha estrangeira deixando boiar no pensamento os seus desejos de violência nas acções violentas dos outros. Desta vez, é a não violência que leva à frustração que leva a acarinhar violências mascarando, como convém, os carinhos de censura.

No fundo, estão todos tão fartos que de cinco em cinco ou de dez em dez minutos desejam mesmo que a bomba de neutrões rebente, ou que haja uma epidemia, uma avalanche, um cataclismo de peso, honrado, para desbastar um pouco as tensões. Claro, ao mesmo tempo desejam paz e beatitude. Mas chegam ao lar e carregam todas as relações caseiras com raiva e mesquinhhez e foste tu e isso não é daí e abusos de poder de parte a parte, desconhecendo ser a falsa calma exterior que os leva a ficar assim. Num clima de



alerta, de aflição colectiva, lembrar-se-iam que não são cães militares e entregar-se iam ao carinho mútuo com grande eloquência, estabilidade e intensão profunda.

E todo este jogo de marionetas manipuladas por marionetas que são manipuladas pelo desejo de manipular me dá a sensação de abismo, de insegurança. Acabo por estar mais seguro quando consigo, por instantes, decidir que amanhã não existe e depois de amanhã logo se vê, hoje poderia ser uma chatice e é preciso reinventar.

E medos e medos. O medo do tédio quando não há tédio. O medo da so-

briedade quando nada é vinho e o medo da loucura quando a vida embebida. E o medo de não ter medo quando chega a ousadia. O medo da dança e a luta continua contra a paragem. E por fim a paragem.

Vê-se então o barco gigantesco. No lugar do motor, tapados por umas abas de madeira sem fechadura, seres humanos de todos os feitios em luta com máquinas vivas, apetrechados com material de primeiros-socorros, salvando convictamente vidas mas apenas aos mortos, espezinados pelo lucro acumulado. Recusado em todos os estaleiros, o barco parou num cais deserto

onde apenas a água o faz oscilar um pouco e uma corda já podre o liga a essa mãe de ocasião que é o cais. Dexemos a barriga medonha no seu estertor aflito. Poisemos delicadamente as abas de madeira. Sobre o recorte das ondas, um jacinto de água meio doente ejecta uma flor que rebenta como um balão e vem carregada de borboletas coloridas. Quase morrem, caindo na água. Mas duas ou três se elevam, desaparecem, não se sabe onde irão parar. Talvez deparem com um ar contaminado de máquinas espaciais. Talvez ainda não.

**Manuel Cintra**

## Negação

**P**RESERVAR o esplendor  
Furtá-lo à extrema proximidade  
que o desfoque

à erosão das estações  
à exposição da permanência  
desvelada  
e seus hiatos: onde a negação  
a que releva a face recusada  
a que desvirtua a visão que  
se quer perpetuada  
intacta.

**Agripina Costa Marques**

## O Lugar

**R**EVISITEI o lugar. Estava  
irreconhecível.  
Uma muralha de casas incaracterísticas  
ocultava

a paisagem. Ou a desfigurava.  
Por entre o estranho, o insólito, a visão  
antiquíssima: o convento secular com

seus  
preciosos azulejos no interior. Mas já  
desapossado

do silêncio, do peculiar intimismo.  
Uma exterioridade funcional nos  
passos e nas vozes o descaracterizava  
também.

Procurava desesperadamente um sinal  
uma escada, algum indício da minha  
identidade.

Só as montanhas visionadas num  
intervalo das casas me disseram do  
lugar.

Tão pungentemente desfasadas na sua  
imobilidade intemporal.

**Agripina Costa Marques**

# A Madona reedita

O Ler Escrever publica um excerto do romance de Natália Correia, que a Dom Quixote se prepara para lançar em terceira edição

Nessa altura Miguel vivia obcecado pelos problemas da existência. Punha-se em guarda contra tudo o que ameaçasse a liberdade. Guiada pela sua mão febril eu descia ao seio do nada e do absurdo e, lutando contra a ancestralidade de uma conduta social feminina, fazia um esforço honesto para ficar nua. Despir a minha pele tecida pelas mãos rancorosas das virtudes cardíacas.

— Vês? Aqui pode-se sonhar alto. Ele disse isto alguns dias depois do nosso encontro no *Old Navy*. Disse-o com um certo orgulho de cicerone iniciado no meio. Não sei se a propósito daquele adolescente, cria pródiga de um marquês colaboracionista que o saudou familiarmente no *Café de Flore* e que se tornou popular porque declarara publicamente que ia dinamitar a Torre Eiffel. Ou do sacerdote renegado que celebrava o matrimónio dos pedreiras e das lésbicas que queriam santificar a sua dançada união. Ou por causa do homem que não teve tricíclo quando era criança e que montara o negócio da sua frustração em frente da esplanada do *Au Deux Magots* onde todas as tardes estendia no chão uma tela, lambuzava-a de tintas e, montado num tricíclo, passeava freneticamente em cima da tela, compondo um quadro, explicava, ao ritmo da sua infância perdida.

Notei que a sua entrada no *Old Navy* provocou um mal-estar nos portugueses que aí faziam quartel-general de uma rotina ociosa na qual viviam a ilusão de estar à espera de uma grande coisa. Era evidente que o detestavam. Soube depois que o seu azedume de provincianos orgulhosamente obstinados em Paris, não perdoava aquele português desenraizado uma insolência que nada tinha de Marialva e que trazia o selo de áreas do espírito, ilhas que invejosamente viam de longe, que Miguel habitava, como o círculo de fogo dos Angustiados à mesa do Arquimedito, no *Bar Vert* e as incursões escandalosas dos Abjeccionistas na *Rhumerie Martiniquaise*.

Tínhamos chegado há dias a Paris. Gabriela e eu.

No colégio ela dizia-me:

— Iremos as duas. Seremos alunas da Tvardovska.

Durante o recreio nós bailávamos por detrás do renque de buxos que protegia o estuar da nossa carne adolescente do olhar da freira que, untuoso mas implacável, vasculhava todos os cantos do parque. Não fossem as nossas almas desenfreadas pela euforia do recreio, desconcebidos dos uniformes ridículos, preconcibidos para espartilhar os ímpetos da puberdade. Gabriela bailava e nisso punha o génio da sua adolescência que só sabia falar na linguagem da dança. Mas o impulso que me fazia rodopiar, esfregar nos troncos dos cedros, sentir sob os pés nus o verde arrepio da relva, mergulhar as mãos nos cabelos dos arbustos e beijar a boca húmida das flores, era um grito que sentia formar-se em meu ventre e sei que denço porque quero ser amada e amar na vertigem de ser amada e sei que danço porque em meu tronco reventam dois verdes frutos que querem sazonar-se na estação do amor.

Natália Correia: dela, a Dom Quixote reedita A Madona, na sua colecção Autores de Língua Portuguesa. Pertence a esse livro a prosa que aqui divulgamos hoje, por gentileza da editora. E ao fazê-lo, o Ler Escrever inicia uma nova secção, No Prelo, que terá publicação regular e que se destina a divulgar excertos de textos inéditos, ou em reedição. Natália Correia não carece de outra apresentação: apenas diremos, mais, que nos apraz dar início a esta secção com um texto de que é autora.



Gabriele iria para Paris. Tinha lá o irmão que andava a estudar arquitectura e que era, para sossego da família, o aval da sua conduta de virgem portuguesa em Paris. Mas entre mim e eses sonhos erguiam-se as disposições severas de meu pai.

De repente a sua morte permitiu que as coisas se decidissem a meu favor.

Vejo minha mãe sentada na cadeira de espaldar. Os retorcidos de pau-santo emolduram-lhe o tronco empertigado pela vigília odienta da agonia de meu pai. Nimba-a uma auréola negra. É uma imperatriz do ódio e é nesse momento que conquisto a minha liberdade.

Aqueles dias de horror tinham sido um sismo que num ápice abria e fechava uma fenda do inferno na superfície clara da sua vida. Eu via-a agora novamente colocada num canto da sala como se a sombra de meu pai continuasse no centro legislando o silêncio que parecia feliz daquela pose. Eu via-a outra vez executando as tranquilas tarefas domésticas como uma alma amestrada que corria o risco de perder-se se fosse furtada à lei da habitação. Apenas nas alusões reticentes que fazia ao seu drama e que por isso me penetravam mais fundo, insinuando-me a necessidade de respirar a minha própria vida, sentia que era com prazer que ela me instigava a conquistar uma liberdade que, percebi-o depois, era a consumação da sua vingança.

Quando lhe expus, sem muita espe-

rança, o meu projecto, de ir estudar para Paris com a Gabriele, ela disse:

— Sim, minha filha. Deves viver a tua própria vida. — E suspirava — Para que não te aconteça... Queres ir estudar para Paris? Mas é isso mesmo que farás. Serás bailarina ou qualquer outra coisa em que sejas tu mesma. — E suspirava — Para que não te aconteça... Felizmente o teu pai deixou-nos bastantes dinheiro. As mulheres precisam de dinheiro para serem pessoas, mais que simples mulheres. Acima de tudo estimo que sejas uma pessoa. Quero que sejas aquilo que eu não fui. — E suspirava — Para que não te aconteça...

Ela não falava para mim. Disputava-me aos desígnios de meu pai que mesmo além do túmulo a empeciam. Falava na esperança de que ele a ouvisse e os seus ossos rangessem de impotência dentro do cofre de mogno que guardava agora o mísero espólio de toda a sua arrogância. E enquanto as pálpebras docemente descaídas sobre o *tricot* velavam o rapto tenebroso do seu espírito, a sua alma vestida de vermelho estava junto do túmulo de meu pai, ciciando-lhe ferozmente palavras com que me instigava a acordar na noite cósmica as ménades adormecidas:

— Vai!... Vai!... Chegou a hora! Vai unir-te às humilhadas filhas da noite, tuas irmãs! Ao som dos tambores do sangue ide acordar a Grande Mãe! Quebrai o vidro tumular em que o tirano coroado de louro aprisionou a sua

augusta ira! Chegou a hora! Libertai a fúria exilada nos cristais do seu sono milenário! Chegou a hora! Com o tiro do ódio excitai as matilhas do instinto! Lançai as ágeis cadelas de Lyssa aos calcanhares do déspota solar! Que o seu poder decline e o cadáver seja de novo oferecido à vingativa rapina das bacantes!

É possível que estas palavras com as quais tardiamente traduzo os pensamentos que obscureciam a sua mente, soem como uma transposição poética. Mas as realidades psicológicas só se podem exprimir a rigor poeticamente porque, sob os factos da psique, palpitam os mitos. Falo portanto de sensações vivas que a minha própria experiência me permitiu decifrar, dando-me a certeza de que os mitos são incrustações da alma que os acidentes desta fazem surgir diante de nós.

E foi assim que as coisas se decidiram.

Marcos, o irmão de Gabriela, instalou-nos temporariamente num hotel do quartier e comportava-se como o nosso anjo da guarda. Uma espécie de cordão profilático entre nós e o meio. Como era enfadonho! Como esses propósitos moralizantes me lembravam coisas que eu queria esquecer! As suas insistentes atenções provocaram-me uma permanente hostilidade que se definia neste exame que eu fazia da sua personalidade: «Acabarás o teu curso (os burros!), a conspícua glorificação do curso!», voltarás para Lisboa e serás o monarca absoluto de um pequeno reino doméstico cujas variações climáticas serão determinadas pelo franzir e desfranzir dos teus sobrolhos e a tua cega arrogância jamais verá o brilho taciturno do reverso da passividade da mulher que dia sim dia não fornicarás sem possuir.»

Junto do balcão, Miguel tinha um maço de *gauloises* na mão e quando o estendeu a Chislenko, com quem entrara no *Old Navy*, os nossos olhos chocaram-se como duas pedras que violentamente se juntassem e, friccionando-se, produzissem uma fumaça. De repente vi-o junto da nossa mesa.

— Olá! — rosnou Marcos, sem levantar os olhos do jornal que simulava ler, tornando óbvia a sua determinação de impedir que ele se sentasse.

— Portuguesa? — perguntou Miguel, designando-me com um aceno de cabeça.

— Sim. — respondeu Marcos secamente.

Queria evitar um diálogo que visivelmente o aborrecia e o desembaraço de Miguel no qual se adivinhava um divertido desdém pelo seu agreste interlocutor, fazia-me suspeitar a razão dessa incompatibilidade «Este é certamente um homem livre. — Considerei mentalmente — Um fantasma que perturba a tua consciência de prisioneiro voluntário das regras que permitem planificar uma vida com um futuro social. É só mesmo por isso que estás em Paris, onde vieste buscar à escola do Corbusier o prestígio do lá fora que é em Portugal a auréola das mediocridades obstinadas em vencer na vida.»

Era evidente que Miguel se divertia ou simplesmente não tomava a sério os

pruridos de Marcos. Decidiu então ignorá-lo e dirigiu-se a mim.

— Que fazes em Paris?

Senti-me sufocada. Foi Gabriela quem respondeu por mim.

— Viemos as duas. Vamos frequentar o curso da Tvardovska.

Miguel soltou uma gargalhada:

— Bom pretexto para vir perder a virgindade a Paris.

Os maxilares de Marcos deixaram de ruminar as palavras rancorosas que lhe enchiam de amargor a saliva. E a sua explosão teve algo de grotesco ante a sarcástica impassibilidade de Miguel.

— Estás a falar com a minha irmã, bruto. E previno-te que nenhuma delas veio a Paris para cair no coio das prostitutas com quem andas que trazem na mão o Sartre em vez da caderneta das matriculadas.

Insolentemente Miguel pegou no copo de Marcos e engoliu de um trago o conhaque como se quisesse dar-lhe a entender que ele só estava no mundo para estupidamente pagar o que Miguel podia obter de graça. Depois disse com cómica ferocidade:

— Falou o galo lusitano que ainda por cima é arquitecto e vai construir o novo mundo. Um galinheiro dourado para as suas aves domésticas.

E, decididamente, esqueceu a presença daquele antípoda. Sorriu-me e a sua voz tinha o tom de uma doce intimação:

— Convido-te para uma bebida no Tabou.

Senti a pressão húmida da mão de Marcos no meu antebraço.

— Afasta-te desse troglodita.

«Não acho. — Pensei, transmitindo-lhe num sorriso aquiescente a minha disposição de aceitar o seu convite — Os seus cabelos de um negro setinoso, caídos sobre as orelhas, realçam a palidez do seu rosto, aquela cor macerada pelas sombras que têm todos os filhos da noite. O olhar é ardebe mas também líquido. Dois lagos de fogo. A testa que é alta, é um lugar onde a luz quer rimper. E há ainda as suas mãos de tocadora de uma harpa de fogo. Uma violenta fragilidade que revela o assomar da natureza feminina onde o macho começa a ser de mais.»

Levantei-me e li nos olhos de Marcos uma despedida gelada. Gabriela, essa esforçou-se por encerrar com naturalidade ver-me sair pelo braço de um desconhecido que a repulsa do irmão lhe indicava ser um indivíduo pouco recomendável. E segredou-me ao ouvido:

— Diverte-te. Depois contas-me.

Mas para mim Gabriela e Marcos não haveria depois. Daí em diante ver-nos-íamos apenas de longe. Gabriela que foi realmente frequentar o curso da Tvardovska, pensaria, ao ver-me transviada dos sonhos que alimentámos juntas, que foi aquele desconhecido por cujo braço viu afastar-se da nossa adolescência, que me raptou da minha verdadeira vocação. Porque ela ignorava que esse projecto era um mero pretexto para eu fugir de Briandos, ao encontro de uma vida que de mim tomasse as mais apaixonadas vibrações. Quanto a Marcos, dar-me-

# tada

Dom

então

abriela

equen-

la:

order a

ram de

ue lhe

a sua

ante a

figuel.

irmã,

a delas

prosti-

em na

eta das

ou no

rago o

-lhe a

mundo

Miguel

se com

ainda

truir o

urado

a pro-

me e a

e inti-

da no

ão de

ensei,

gues-

itar o

de um

ore-

rosto,

as que

lhar é

Dois

é um

E há

uma

agili-

ureza

er de

Mar-

riela,

natu-

um

me-

ou-

ou-

ne.

rcos

ante

Ga-

lar o

ao

ali-

des-

star-

ma

ção.

ecto

r de

que

adas

me-

-ia a entender com um esquivo aceno de cabeça que eu me transformara a seus olhos numa das que trazem na mão o Sartre em vez da caderneta das prostitutas.

O que nós caminhamos nessa noite! Apenas saímos do Old Navy, Miguel pôs-me o braço sobre os ombros. Era a primeira vez que a minha pele respirava o perturbante oxigênio do contacto de um homem. Eu estremecia e ele apertava-me na embriaguez consciente de abrir a flor da minha sensualidade.

Ca minhámos de mãos dadas ao longo do Sena que marulhava aveludadamente na sombra e por nós deslizava uma estuária de pares insularizados em beijos intermináveis.

— Como te chamas? — perguntou.

— Branca.

— Vens de Lisboa?

— Venho da montanha.

— É por isso que és bela. Vieste da selva para a selva e não te apeaste na estação das meias-tintas.

— Achas então que Paris é uma selva?

— Se o não fosse não estaria cá. Fujo dos bons sentimentos. Ando a seguir um cão. Não rias. Foi isso que me trouxe. Em Lisboa não era possível. Lá são os cães que nos seguem. Muito conveniente para nos convencerem da nossa importância de humanóides. Mas pouco eficaz para apurar o que essa aparência nos esconde. Por isso anda às avessas. Sigo o cão e creio que descobrirei qualquer coisa de novo. Estou a falar-te da minha novela.

— Ah! És escritor...

— Sim. Mas também é preciso comer, beber e fumar. Só por esta razão trabalho na livraria da Françoise. E também sou seu amante. Mas creio que a vou deixar. Isto, se me apaixonar por ti. O que me parece que vai acontecer.

Eu sentia que ele se apossava da minha vontade e desse sentimento resultava a noção de estar só no mundo com ele, o que estava longe de ser agradável. Era uma espécie de angustiante plenitude.

Atravessávamos agora a Praça Furstemberg e a tulipa de réverberos embebia numa luz leitosa a copa da árvore a que ele me encostou. Violenta, a sua boca descerrava-me os lábios. Uma língua vibrátil enlaçava-se na minha e percorria-me com lenta voluptuosidade as gengivas, a procurar-me a garganta, fazendo-me engolir um trago morno de saliva. E enquanto eu tentava vencer uma náusea que queria acreditar ser a etapa dolorosa que precede o prazer, todos os meus pensamentos atraíam esse meu desejo de entrega, concentrando-se numa importuna recordação. Aquela história que a Rita contara no colégio. Ela beijara um rapaz nas férias do Verão passado.

— Que porcaria! — disse com uma cara enjoada — Ele meteu a língua na minha boca. Uma língua viscosa. Uma lesma. Fiquei com vômitos durante uma semana.

Uma sensação mais funda que se exprimia numa difusão de dor pelos meus centros nervosos, arrancou da minha memória o alfinete dessa recordação. Os seus dedos procuravam

às cegas o carço do meu triângulo de pêlos, onde uma surda pulsação bruscamente cessou para dar lugar a uma penosa contracção que tornava empedernida essa corda mais tensa da minha sensibilidade. De onde me vinha semelhante tristeza que de súbito me separava do corpo que, fora de mim, via abandonado às suas mãos de tocadora de uma harpa de fogo? Senti então que a flor da minha sensualidade abruptamente se fechava para preservar algo que em mim devia permanecer inviolável.

Retomámos o passeio pelo bairro que aqui e além nos escancarava as pupilas rajadas de sangue dos cafés, fazendo-nos sentir, através dos vagidos do jazz a convulsão nocturna que se enovelava nas caves. Colada ao meu ouvido, a boca de Miguel ia murmurando palavras escaldantes, uma paixão que se infiltrava no meu sangue, reanimando o desejo que se extinguiu sob o choque da agreste materialidade do primeiro contacto. O ponto nevrálgico da minha sensualidade quebrou, numa explosão, a sua rigidez de pedra e de novo senti pulsar o coração entre as pernas. Suspeitei então vagamente aquilo que mais tarde formularia neste pensamento com o qual definira as emoções contraditórias que embarçavam a minha entrega ao prazer físico: «O desejo é um frémito cósmico que o homem desencadeia na mulher e que não pode integralmente satisfazer. O homem é belo, exaltante e apetecível porque suscita essa loucura. Mas torna-se de súbito um estranho quando corta, com a violência da posse, esse fluxo que faz brotar na carne da mulher e que procura completá-la com o quer que seja de pairante no universo. Talvez a misteriosa pilha carregada da energia que o mantém.»

— Queres realmente ir ao Tabou? — Os seus dedos trémulos, percorrendo-me o rosto, faziam-me pensar num cego que quisesse ler na minha pele o texto mais autêntico da minha vontade.

— Vem comigo! — decidi numa voz abafada — É obscuro contrariar a direcção do sangue.

Entrámos num pátio onde o desmaio das luzes que se esfolhavam dos candeeiros das ruas circundantes envolvia num véu onírico uma estátua mutilada, rodeada de detritos. Respirava-se um cheiro de madeira apodrecida. Ele meteu a chave à porta. Esse gesto sobressaltou-me. Era como se a leve substância dos sentimentos que me tinham guiado até ali se tornasse pastosa. Na minha mente renovava-se a hirta mobilização das minhas defesas.

Deus meu! — pensava, trepando a custo os degraus que os seus passos galgavam impacientes. — De onde me vem esta tristeza que me separa do corpo que fora de mim veio subir a escada pela mão de um desconhecido que se apossa da minha vontade e a quem não posso fugir porque estou só no mundo como ele?.

E enquanto Miguel se dirigia para o interruptor, aproveitei a escuridão do quarto para limpar as lágrimas que me faziam tomar o gosto antecipadamente a cre da minha carne ser dilacerada.

## O que é e como funciona a Casa de Las Americas

No passado dia 26 de Março assistimos, em Havana, à proclamação dos vencedores do Prémio Casa de las Americas. Emocionei-me, evidentemente. A Casa, lendária em todo o continente americano, e de há muito povoando o meu imaginário, estava ali em todo o seu esplendor. Mariano Rodriguez, o pintor, Fernando Retamar, o poeta, Alicia Alonso, a bailarina, encontravam-se no salão enorme da Casa, juntamente com muitos outros nomes grandes da cultura latino-americana. No palco, os vinte intelectuais que, vindos de 14 países do continente de Martí, integravam o júri do Prémio. Um júri que durante várias semanas de intensas leituras e deliberações, seleccionou os cinco livros, de outros tantos géneros, premiados entre os 852 originais inéditos recebidos na Casa, enviados por autores de 26 países.

O Prémio e a Revista da Casa de las Americas são, talvez, os «exlibris» daquela instituição que ultrapassou há muito todas as fronteiras. A Casa, porém, é muito mais do que isso.

Chiqui Salsa Mendez, uma cubana que há muitos anos trabalha na Casa, falou longamente com este redactor do «DL», contando histórias sem fim sobre o que têm sido estes 27 anos de vida da instituição — tantos quantos os da revolução da ilha da Sierra Maestra.

Foi em Abril de 59: apenas três meses depois do triunfo da revolução dirigida por Fidel, uma lei do Governo revolucionário criou a Casa de las Americas e entregou a sua direcção a Haydée Santamaría, a lendária heroína do assalto ao Quartel Moncada e da Sierra Maestra, que desde logo lhe imprimiu o caminho certo e ajudou a criar o espírito da Casa, que ainda hoje permanece igual apesar de Haydée ter já desaparecido.

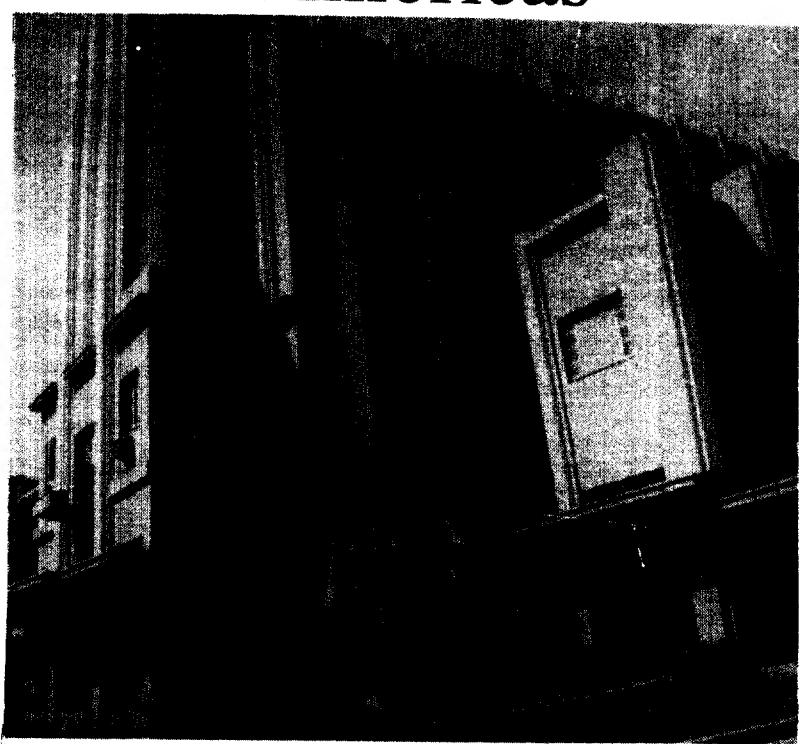
«Os objectivos da Casa» — disse-me Chiqui — «foram claros desde o início: a Casa devia recolher, estimular e difundir as expressões culturais genuínas da América Latina e das Caraíbas, e esforçar-se por oferecer uma visão integradora da América, que é, desde o Rio Grande até à Patagónia, como disse Martí, um só país na origem, na esperança e no perigo.»

Hoje, vinte e sete anos decorridos sobre o seu arranque, a fórmula mais feliz para caracterizar o que tem sido a Casa — onde há apenas 70 trabalhadores — foi encontrada tempos atrás por Julio Cortázar, que a comparou a «uma árvore grande que multiplica os seus ramos».

Na verdade, nenhuma manifestação da cultura latino-americana e caraíbeira é estranha: a Casa estimula o trabalho de escritores, artistas plásticos, músicos, fotógrafos, artesãos, investigadores. Promove concursos de literatura, fotografia e música. Edita materiais diversos que permitem o conhecimento da realidade da região e organiza encontros, colóquios e seminários de temas variados, exposições de artes plásticas, concertos e recitais.

Ao longo destes anos foi publicando centenas de obras em várias colecções: Prémio Casa, Cadernos Casa, Literatura latino-americana, Nuestros Países, La Honda (jovens), Valoracion Multiple, Colibri (dedicada à literatura infantil), Pensamiento de Nuestra America (onde foram recolhidas obras de Martí, Hostos, Che, Artigas, Rodó, Sandino e Bolívar, entre outros). São, no total, 600 títulos com quase cinco milhões de exemplares...

Além disso, a Casa tem uma colecção permanente de Arte da América, possuindo neste momento cerca de



6000 peças (quadros, esculturas, gravuras), todas elas oferecidas por artistas de todos os países do continente. Igualmente através de ofertas dos autores, a Casa dispõe de uma biblioteca de mais 90 000 volumes sobre a América Latina. E há ainda o impressionante Arquivo da Palavra, formado por poemas e narrações gravadas em fita magnética na voz dos próprios autores...

Ora bem: tudo isto é a Casa de las Americas, cujo prestígio em todo o continente é enorme, estando de há muito fora de dúvida ser este o centro cultural mais reputado de toda a América. Ganhar um Prémio da Casa, por exemplo, é uma das metas mais ambicionadas de todos os escritores, musicólogos ou fotógrafos latinoamericanos. E não há nome grande — moderno — da cultura do continente que não tenha passado pela Casa: Miguel Angel Asturias, Cortázar, Carpentier, García Marquez, Benedetti, Guillen, sei lá quem mais!

Mas falar da Casa obriga a que não se esqueça um «pequeno pormenor» que é, talvez, a sua maior glória: quando todos os governos da América Latina, com excepção do México, romperam relações com Cuba, a Casa contribuiu de maneira decisiva para impedir que os laços entre a Ilha e o resto do continente se rompessem totalmente. Com o seu trabalho ajudou a difundir a obra da revolução.

Disse-me Chiqui: «No princípio, dada a situação vivida na maior parte dos países da América Latina, era quase impossível um escritor enviar para a Casa as suas obras para poderem ser apreciadas pelo júri. Então usámos um estratagemma: enviávamos os seus manuscritos ou para uma caixa postal que tínhamos na Suíça, e depois nós tínhamos maneira de as fazer chegar aqui...»

...E até hoje já chegaram a Havana, concorrendo ao Prémio Casa de las Americas, que já vai na sua 27.ª edição, mais de 10 mil manuscritos de toda a América...

Mas vejamos o que, a propósito, disse o escritor uruguaio Mario Benedetti:

«Desde a sua criação a Casa quis ser um centro de difusão, de estudo e de encontro da arte e das letras latino-americanas, ou seja, uma nova forma de luta contra a segmentação e o desmembramento da nossa cultura, fomentadas desde sempre pelo

imperialismo. No geral, os escritores e artistas latino-americanos e das Caraíbas sabiam mais do que se produzia em Paris, Londres ou Nova Iorque do que sabiam sobre o que se criava no México, Caracas, Havana, Lima, Buenos Aires, Kingston ou Montevideo. A Casa de las Americas propiciou o encontro em Cuba de escritores, pintores, músicos, dramaturgos, cantores; muitos de nós conhecemo-nos aqui, dialogámos aqui, intercambiámos aqui pela primeira vez experiências e opiniões sobre a vida artística dos nossos respectivos países.»

A Casa de las Americas é, pois, tudo isto. E muito mais que fica por dizer. E por isso, e por muitas outras coisas que guardo para mim, me emocionei no dia 26 de Março último, quando assistimos, no salão grande da Casa, à proclamação dos vencedores do Prémio. Na verdade, a Casa estava ali em todo o seu esplendor.

### Prémio Che Guevara

Os premiados de 86 foram: na poesia, Alexis Figueras Aracena, do Chile, com «Virgenes del Sol in cabaret: segunda elaboracion»; no ensaio, Alberto Flores Galindo, do Peru, com «Buscando un Inca: identidad y utopia en los Andes»; na Literatura das Caraíbas de Língua Inglesa, Edward Kamau Brathwaite, de Barbados, com «Roots»; na Literatura para Crianças e Jovens, Silvia Graciela Schujer, da Argentina, com «Cuentos y chinventos»; no Conto, Reinaldo Montero, de Cuba, com «Donjuanes».

Entretanto foi anunciado para 87 — ano em que se comemora o 20.º aniversário do desaparecimento físico do Guerrilheiro Heróico e de outros revolucionários latino-americanos — o Prémio Extraordinário Ernesto Che Guevara.

Os livros que concorram a este prémio, poderão consistir em «estudos de carácter teórico ou histórico sobre a vida e obra do comandante Ernesto Che Guevara, assim como sobre os temas que ele abordou nas suas reflexões sobre a situação latino-americana, o combate do movimento popular e democrático e revolucionário do Continente pela sua verdadeira e definitiva independência ou sobre as experiências da construção da primeira revolução socialista» no continente americano.

Ribeiro Cardoso

## Primeira mão

«NEM sempre lançamentos, também reedições...» — diz-nos um responsável da Editorial Romano Torres.

«Reedições...?»

«Reedições para a Feira do Livro! Um livro na Feira é sempre um livro novo. Há sempre quem o procure...»

«Então venham lá alguns títulos...»

Tocando a tecla da seriedade, o responsável da Romano Torres proporcionou-nos os doze títulos da obra «Portugal Histórico», da autoria de Duarte de Almeida. Ei-los (com interesse para os que se dão ao estudo da História da nossa Pátria): «Fundação de Portugal», «Organização de Portugal», «Dinastia de Aviz», «Esfendor e Decadência de Portugal», «Restauração de Portugal», «D. João V Rei Absoluto», «Penhal, o ministro soberano», «As Invasões Francesas», «Liberais e Miguelistas», «Monarquia Constitucional», «Os Últimos Braganças», e «O Regime Republicano».

«E que mais...?»

Tocando a tecla da prosa escorregadia de Charles Dickens, foram-nos dados os seguintes títulos:

«Tempos Díficeis» (tradução de Domingos Arouca), «Nicolas Nickleby», «A Pequena Dorrit» (tradução de Aurora Rodrigues) e «A Casa Abandonada» (tradução de Mário Domingos).

«E que mais...?»

Tocando a tecla da juventude, o responsável da Romano Torres ofereceu-nos, de Emilio Salgari, os títulos seguintes:

«A Montanha da Luz», «Os Dramas da Escravidão» e «Os Mistérios do Pólo Norte». Adiantou ainda dois títulos da Coleção Capa e Espada: «O Julgamento de Lagardère» e «A desforra de Lagardère». Não satisfeito, e já para um outro escalão, revelou-nos a reedição, em três volumes, de «O Conde de Monte Cristo», de Alexandre Dumas.

Voltou, seguidamente, a soar a tecla da seriedade. Mencionada a Coleção Lusíadas, de Mário Domingos, com, entre outros, os seguintes títulos: «Camões, sua vida e sua obra», «D. Maria I e a sua época» e «D. João VI, o homem e o monarca»...

«E livros isolados, fora de qualquer colecção...?»

«Certamente que os temos...»

«Títulos...?»

E vieram os títulos:

«Palm Beach», de Pierre Rey, romance traduzido por Lúcia Guterres; «Os Segredos do Vaticano», de Benny Lay, série de reportagens sobre determinados «casos»; «Money — Uma Herança Fabulosa», de Paul Loup Sulitzer, e, do mesmo autor, «Cash — Vingança a pronto pagamento».

«Que espécie de livros são estes dois últimos...?»

«São romances a tender para o policial...»

Não há dúvida: o policial está mesmo na berra!

## PRESIDENTES

# Soares evoca um amigo e uma história sobre chaves de um carro pronto a arrancar

O livro que ora se publica — *Servir Portugal* — representa a melhor homenagem a Carlos Mota Pinto, universitário, homem de cultura, político, estadista, e é, ao mesmo tempo, um acto de fidelidade e de amor, de sua Mulher e de seus Filhos.

Sinto-me honrado em ficar de algum modo associado, ainda que com um simples e breve testemunho, ao livro póstumo de Carlos Mota Pinto.

Adversários políticos, apenas por pertencermos a partidos diferentes e, em certos momentos, rivais, embora estivéssemos identificados no essencial, companheiros na Assembleia Constituinte, onde nos conhecemos melhor, e, depois, em dois governos, amigo e admirador do patriota e do homem bom, de convívio generoso e fácil, posso com efeito testemunhar sobre a qualidade do político e do homem vertical Carlos Mota Pinto.

Outros falarão do académico e do professor, que teve uma carreira fulminante, de brilho excepcional, na Universidade de Coimbra, a que sempre permaneceu intimamente ligado. A sua obra de jurista, tão prematuramente interrompida, aí está, de resto, para o demonstrar. Do homem, de abordagem directa e confiada, cordial, caloroso, aberto, humaníssimo, posso falar, como amigo. O nosso convívio ultrapassou, desde sempre, os limites de uma cooperação política para se situar num plano de camaradagem fácil e de franca amizade, independentemente das convergências ou divergências políticas.

Espera-se porém que aqui testemunhe sobre o político, o chefe de partido, o homem de governo, o estadista. Como Sá Carneiro, Mota Pinto teve uma passagem fulgurante pela vida política portuguesa, em períodos controversos, erçados de dificuldades e de contradições. Uma passagem breve, mas marcante. Simbolizou, em dado momento, uma importante corrente da opinião portuguesa muito para além das fronteiras do seu próprio partido. No seu percurso político nunca hesitou quanto ao essencial; a consolidação da democracia política, de tipo pluralista e ocidental, e o imperativo nacional de integrar Portugal na Comunidade Europeia, como contraponto necessário ao termo do ciclo imperial. Fazer de Portugal um País próspero e moderno, de tolerância, de bem-estar e de liberdade, inserido na Comunidade Europeia, sempre foi o seu objectivo fundamental, desde a Assembleia Constituinte. Quanto a esse objectivo nunca tergiversou, não obstante o procurasse atingir por caminhos diferentes, de acordo com as diferentes conjunturas político-partidárias.

A sua sólida formação democrática era anterior ao 25 de Abril. Foi dos raros mestres da Universidade de Coimbra, como lembra Manuel Alegre, que convivia, desde assistente, com os alunos oposicionistas e que seguiu as diferentes crises académicas, desde 1962, com compreensão e simpatia. Ingressou no Partido Popular Democrático logo após a sua formação e foi, como líder do seu Grupo Parlamentar, um dos deputados que mais fizeram para dar um verdadeira conteúdo social-democrata ao texto constitucional. Tendo abandonado o Partido no Congresso de Aveiro, prosseguiu o seu caminho político como independente e foi, nessa qualidade, que assumiu a pasta de ministro do Comércio no I Governo, remodelado, e depois a presidência do IV Governo Constitu-

Intervenções políticas e discursos de governo de Mota Pinto: Mário Soares prefacia a segunda parte da colectânea, que a Dom Quixote tem pronta a sair. Aqui publicamos o testemunho do actual Presidente da República, escrito quando ele não era ainda o principal utente do Palácio de Belém. O livro chama-se «Servir Portugal». O leitor julgará se se trata de um texto sobre uma amizade, ou de uma ficção sobre factos reais.



cional, durante o qual foram restabelecidas as relações diplomáticas de Portugal com a China Popular.

Só voltou ao PPD/PSD, creio na fase terminal da experiência AD e quando esta aparecia manifestamente como uma fórmula esgotada. Tendo assumido a liderança do Partido, em circunstâncias particularmente difíceis, conduziu-o, nas eleições de Abril de 1983, obtendo, dada a conjuntura desfavorável, um resultado excepcionalmente bom.

Foi então que conheci mais intimamente Carlos Mota Pinto, durante as negociações que levaram à constituição do Governo PS/PSD e durante os quase dois anos de convívio diário em que foi Vice-Primeiro-Ministro e Ministro da Defesa. A situação em que então se encontrava o País é conhecida bem como o imperativo patriótico que animou essa coligação tão difícil, tão injustamente apreciada, mas que veio a revelar-se tão necessária para a recuperação financeira de Portugal. Os seus resultados altamente positivos estão à vista de todos os portugueses de boa fé e não poderão ser escamoteados, por mais insistentes que sejam as vozes da propaganda contrária. A questão deixou de ser aliás política — e de polémica política — porque pertence já à história contemporânea. Como tal deverá ser apreciada, com a objectividade possível.

O Professor Mota Pinto foi um elemento-chave, essencial, dessa experiência política. Sem ele nada teria sido

possível. O seu patriotismo, a sua inteligência política, a sua lealdade e o seu empenhamento pessoal explicam como foi fácil vencer enredos políticos que pareciam difíceis de deslaçar e muitas manobras de bastidores, adversas, que não tinham como principal motivação o interesse nacional. Tive então a oportunidade de conhecer de perto as suas excepcionais qualidades. Era um homem recto e frontal, um homem de Estado e de princípios que tinha a qualidade rara de saber distinguir o principal do acessório. Não se perdia em detalhes secundários. Era muito mais do que um simples chefe partidário. Não dava, de resto, atenção às exigências das clientelas partidárias. Pelo contrário: enfadavam-no soberanamente. Não tinha paciência para seguir os pequenos jogos de interesses e de vaidades em que se comprazem muitos activistas políticos. Não procurava sequer dominá-los ou pô-los em respeito. Tinha objectivos mais largos, e visava mais alto: interessava-lhe o Estado e o serviço público, não a política partidária. Daí que sempre afirmasse uma disponibilidade total para voltar à sua cátedra de Coimbra, cuja nostalgia nunca perdera em Lisboa. Como disse: tinha as chaves do seu carro particular sempre no bolso, pronto a regressar. Essa desatenção pela pequena «cozinha» político-partidária foi-lhe fatal. Ou não seria antes a premunção de que o tempo de que dispunha era curto e não devia perdê-lo em minudências e bagatelas?

A verdade é que a morte inesperada

de Carlos Mota Pinto não só pôs termo a uma carreira política excepcional, de que tanto havia a es erar, como subverteu os próprios dados da política nacional. E assim se compreende a importância da sua contribuição pessoal. As linhas de clivagem passaram a ser outras, ainda que durante alguns poucos meses aparentassem ser as mesmas. Mas já não eram. O futuro demonstrará que a orientação que preconizou em 1983 e que imprimiu depois ao Partido e ao País, com singular dignidade e coragem, não só era conjuntamente realista como a mais adequada ao interesse nacional. Aquela que com menores custos levaria à realização efectiva das «reformas estruturais», de que Portugal urgentemente necessita para se modernizar e que Mota Pinto tanto reclamou.

Como político, Mota Pinto foi um homem de diálogo e de boa fé. Aceitou, com modéstia, ser Vice-Primeiro-Ministro quando já tinha sido Primeiro-Ministro e nunca a sombra de uma emulação, que aliás não teria qualquer razão de ser, passou entre nós. Dirigentes de partidos associados, mas ao mesmo tempo concorrentes, sempre mantivemos um relacionamento singularmente fácil e franco, mais do que cordal, amigo, afecioso, de recíproco respeito, sem deixarmos que entre nós se perfilasse um mal entendido, um ressentimento, ou a sugestão de uma desconfiança. Não é vulgar que assim suceda entre homens políticos embora associados num projecto comum, que a ambos transcendia, porque era nacional. Não quero deixar de o sublinhar nesta hora, prestando a minha mais sincera homenagem ao grande político desaparecido.

A morte de Carlos Mota Pinto foi profundamente sentida em todo o País, por gente de todas as condições sociais e de todos os partidos e ideologias. Deixou em aberto um grande vazio muito difícil de preencher. A juventude coimbrã, com a sua especial sensibilidade compreendeu que assim era e acompanhou-o em impressionante manifestação de pesar. Não esqueço esse momento grave de tanto significado nacional, em que se abateram bandeiras políticas e partidárias para homenagear um homem bom, um idealista, que desinteressadamente serviu Portugal e a Democracia, para cuja consolidação tanto contribuiu.

O reconhecimento de que assim é obriga-nos a reflectir sobre a vida do cidadão e a estudar-lhe a obra. Aqueles que como ele acreditam na força das ideias da democracia e da liberdade e nas potencialidades de Portugal continuam com pragmatismo e bom-senso a luta empreendida por Mota Pinto. O fortalecimento da democracia exige o empenhamento de todos, sem a tentação de impor soluções unilaterais ou interesses particulares de grupo ou de partido.

É tempo de abrir as portas ao desenvolvimento económico e social. Temos as condições ideais agora para o poder fazer. Só com obras e com organização, com abertura e tolerância, poderemos dignificar a Democracia. O Professor Carlos Mota Pinto compreendeu que assim era. Honrar-lhe-emos a memória, empenhando-nos activamente na solução dos problemas nacionais, para servir Portugal — como gostava de dizer.

Lisboa, Março de 1986.

Mário Soares

# Os boastardes de José Sarney

**QUEM** são os BOAS, Boastardes?

Olegantino, o mais velho, bigode ralo, testa luzidia lábios mansos e mão gorda. Fala aos galopes de mão quebrada o seu pigarro é um «nhô, ei vento» que sai em lugar do ponto, quando o pensamento fecha.

Vitofurno, o mais baixo, gordo do calcanhar ao pé do pescoço, a cara de chave perdida, sem abertura, de mão leves, as rédeas do cavalo são brandas nos seus volteios, maestro do cabeção e da brida, a fazer as patas rodopiarem, estancarem, de pronto ou de maneira, como se pede ou ele gosta de mostrar.

Mamelino, o fino, de voz rala, alto, pálido, riso bem amarelo, de duas palavras, de dois sorrisos e de um só ouvido. Chapéu-de-palha, sandálias de frade, seu 38 é mais longo do que o cano, porque escorre na linha das ancas altas.

Olegantino, Vitofurno e Mamelino, todos Boastardes, da família destes, primos carnis, viventes valentes que andam em bando, pelas estradas e pelas festas. Quem ousou dizer-lhes feio nestas luas, destes anos todos em que o rio das Neves corre naquelas cachoeiras baixas e naquelas margens altas, um resto d'água no Verão por onde os caminhos avançam e as pontes mata burro são lançadas em troncos de baçaça?

Quem não sabe da viola que parou no meio da cantiga do cantor Zé Mingau, quando a mão de Olegantino levantou e disse:

— Não gosto de desafino. Quem não sabe cantar «boastardes» vá para as profundas do Zebedeu.

E lá foi o tiro certo na testa de Zé Mingau, que caiu com viola e cantoria, porque não soube rimar «vitofurno»:

«Mamelino, Olegantino,  
Vitofurno, Mamelão,  
Gente boa, Ernestino,  
Boastardes do sertão...»

— Assim, num serve, não. «Ei, vento». No lugar de Ernestino, põe Vitofurno do meu sangue carnal. E caça rimação.

Zé Mingau caçou e nada:

«Mamelino, Vitofurno,  
Olegantino, Mamelão,  
Gente boa...  
Boastardes do sertão».

Não saiu a rima, saiu o tiro, e Olegantino arrematou:

— Quem não sabe cantar Boastardes ganhe a ladeira do Inferno.

E assim eles iam pelos caminhos e pelas veredas, contornando as cidades, implicados em furtos de moças, em festas acabadas e em casos de matança.

Na pensão de Pipiu arrancharam no boca da noite.

— Queremos janta, galinha e pirão.

A mocinha explicou que não tinha comida pronta nem por fazer. Pipiu há uma semana curti uma sezão das boas: batendo queixo, pernas e coração. Não pudera sair para fazer na vila o aviado e aquela tonteira, aquela boca sem gosto, com gosto de arroz sem sal.

— Vamos, Pipiu, levanta, vem preparar a bóia — falou Vitofurno.

— Não posso não, 'tou batendo de mais. A friagem vai doendo até o miolo dos ossos.

— Levanta que vou te curar — replicou Olegantino.

— Olha essa mangueira do quintal — falou Mamelino. — Manga é bom remédio pra febre.

— Deus ne livre, suas crianças. Disconjuro. Manga com febre mata.

— Pois o desengano da vista é ver...  
E lá Pipiu foi comer manga, sal e vinagre, que nem cachorro doído, tremendo dos dois frios, dos homens e da sezão.

E o bando caminhava, adiante, para frente, volteando nos tijucos dos baixos alagados até o seco das chapadas da Barra e de vez em vez parando em meias visitas à matris de Loreto e às festas das Mangabeiras.

E a história de Mamelino com a mulher da estrada?

Iam no caminho do fio pervagando, os três montados, no baio, no rosilho e no queimado rodado. Passinho de estrada, marcha miúda, assim comendo tempo, espantando mosca e conferindo os pés de imbaúba sem folha. Lá vem de longe uma mulher, nos pisantes, em busca de casa, do caminho do roçado, já no estirão da palhoça. Se tinha três meses, a barriga dava seis, remando nas pontas, balançando no gingado do andar, para uma banda e outra.

Os três cavaleiros estancaram. A mulher na frente, eles atrás, e foram conversando, como quem nada diz, no descampado de perto.

— Dona Sinhá, cuma passa a senhora?

— Como Deus aprova, meu sinhô.

— A senhora tem notícia dos Boastardes?

— Deus me livre, meu sinhô. Num sei nem desejo saber.

— A senhora — falou Vitofurno — num ouviu falar deles não?

— De bem não, seu moço. Perversidade assim 'ta na boca do povo. Diz que são as três pessoas do Satanás. Acaba a festa, mata gente, surra velho, menino e mulher. Deus livre vosmicês de topar com eles.

Foi fechando a boca e Mamelino, o de voz rala, estava grunindo, de devagarzinho e pigarreando:

— Pois é, vosmecê 'tá falando com eles. Aqui, Mamelino,

— E eu, Vitofurno.

— E eu, Olegantino.

A voz da mulher parou, quis correr, as pernas afrouxaram.

— E agora, mulher! Os três Satanás! Os três Satanás! Reza a Cabra Preta: «Vem Ferrabás, vem Satanás, vem Caifás... os sete peito de aço...» — e a risada leve de Mamelino.

— Zé Mingau foi teu, essa é minha.

— Num mata essa mulher não — disse Olegantino — vê que ela 'tá preta.

— Tenho três meses.

— Três, seis, ou nove, alevanta a saia, põe a vergonha de fora e vamos ver...

Bem perto, assim ao lado dos paus, alguns pés de mandacaru, e uma espinheira de tucum, com cascas de ovos enfeitando as pontas. A pobre mulher com a barriga de fora, as mãos segurando as saias sujas do sujo dos dias, bem abaixo dos seios o umbigo tufado, desses cortados de faca cega e afrouxado no choro, e já liso do menino que vinha e mais o soluço, a sacudir menino, barriga e banha.

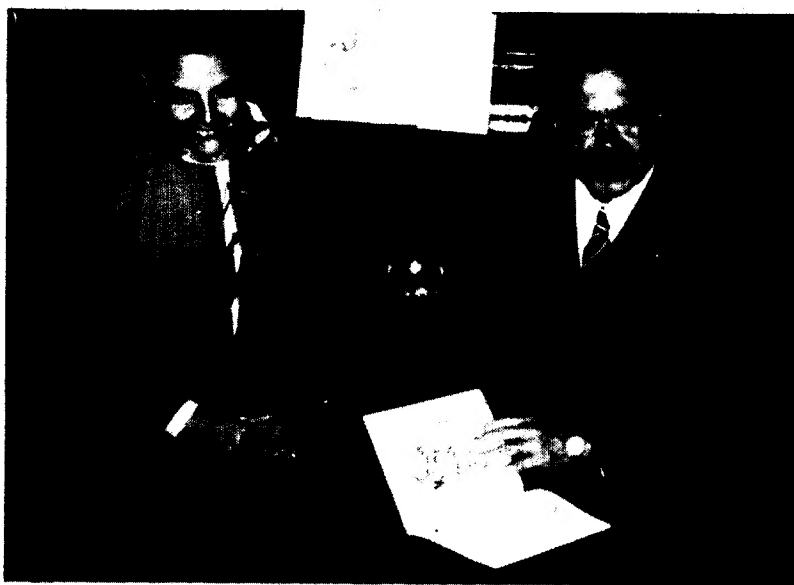
— Olha mulher, nós não somos ruim não. Por isso, pra teu castigo — disse Mamelino — segura a saia e dá três barrigadas nesse mandacaru.

A mulher encostou a barriga de vez no mandacaru, na ponta dos alfinetes de tucum, uma, duas, três umbigadas, e Mamelino saltou. E saiu empurrando, no jogo do empurra, barriga no mandacaru e nas e pinheiras.

A mulher ensanguentada, catando espinhos e amaldiçoando, lá iam os Boastardes caminho adiante, ouvindo o choro e a desgraça:

— Vai, Satanás...

Não precisa de apresentação como escritor, o presidente do Brasil, José Sarney. Aqui publicamos, do seu Norte das Águas, edição da Livros do Brasil, o seu conto «Os boastardes». Como dissemos na semana passada, a Bertrand publicou agora «Os Marimbomdos de Fogo», poemas.



Na Bertrand, para autografar o seu livro de poemas

Depois correu a notícia do aborto, da morte, e a história de verdade vira mentira, e sendo verdade fica na boca do povo contada em ouvido e viola, ou nos mexericos.

Agora é a vez do Vitofurno, o gordo. Os três a cavalo, quando lá no estirão do caminho uma papagaibóia larga de cima dum galho não se sabe como, e cai nas crinas do baio que rodopia, espantado, dá de corpo, estanca, e lá vai Vitofurno no chão. O riso de Mamelino, o «ei vento» de Olegantino. A fúria que invadiu Vitofurno ninguém pode descrever.

— Cavalo miserável, me derrubou, vai morrer.

E pegou uma estaca e foi pedaço de cavalo para todo o lado, surrado de pau, de murro, de tiro e de faca. O baio ficou na estrada e Vitofurno saiu saciado de sangue e de raiva, com o sarro de Olegantino:

— «Ei vento», tu mata cavalo melhor do que mata gente...

Agora os três estão ali, no arrasta-pé da Ribeira, a lamparina grande alumando da cumeira aos cantos, no verandão armado nos caibros de tucum, nas ripas de carnaúba e coberto de pindova, feito só para isso, construção igual de mina, forró e ladainha de santo encomendado.

As caboclas cheirando a água de cacimba e mais os cheiros das quitandas e os óleos e os sabonetes e os alvaíades e os vermelhos dos papéis coloridos dissolvidos e pespegados nas bochechas. E as flores e folhas nos cabelos. Vestidinhos engomados, chitas de ramagem de flores e de quadradinhos, algumas listras zebradas, tudo de admirar no meio dos homens cheirando a mato e macho. Lá fora, no terreiro, o jogo da caipira, nos dados suarentos e nas víbias de sempre, com os mesmos fregueses e os mesmos bancantes:

— É o jogo da caipira, quem mais joga menos tira...

E a sanfona de oito baixos, de oito mesmo que não tem mais, mas fazendo cento e oitenta a duzentos de duzentos que ninguém sabe quantos, porque os dedos de Zé Mão da Luz são mais ligeiros que cobra na areia quente. E o reco-reco, no vai e no vem, terententém e tem, misturado com o xote que sai da garganta molhada da Bitangui-

nha azulada, tiquira de cabeça, dessas que fazem amanhecer em riba da meia-noite.

— Ai, ai, Maria, ai Maria Ai, Maria do Deus Amor...

E a resposta da rapaziada:

— Ai, Maria do Deus Amor...

A Mãe da Lua repetindo:

— Uma rosa no cabelo, ai, Maria do DEUS Amor, uma fita na cintura, ai, Maria do Deus Amor.

E cresce a festa, poeira levantando, o cheiro de corpo, a inhaca dos homens recendendo, e as mulheres saindo no rumo do mato — o bando das moças donzelas envergonhadas, de risinhos — para aliviar as bexigas.

Foi nessa hora que os Boastardes foram entrando.

— Boa noite, minha gente toda — falou Vitofurno.

— Boa noite, seus Boastardes...

E como que a música quebrou de força e um silêncio foi crescendo, ouvido apenas o arrasta-pé ritmado, no Maria do Deus Amor.

— Quero a fêmea mais bonita nos meus braços. Quem tiver com ela vá largando — Olegantino partiu.

E lá se foi Maria Rosa de passagem, nas suas ancas altas, nos braços do homem. Os que puderam foram saindo de mansinho. Festa com presença dos seus Boastardes, nenhuma acabava de acabamento natural. Os primos carnis às vezes começavam com um tiro na lamparina, outras surrando os homens, e noutras mais apanhava homen, mulher, velho e criança.

Olegantino abriu a brincadeira. A Rita Manica, por outros chamada Rita Toquinho, foi tirada para dançar. Um baião ligeiro, pulado de três, Mãe da Lua com um olho na sanfona e outro nos Boastardes soltos pelo salão.

De repente, Rita Nanica parou em meio do baile. Deu um safanão em Olegantino e não pediu permissão.

— Ora seu Boastardes, me arrespeite, que isto aqui é baile de moça, não é baile de rapariga e eu não gosto de homem se sarrafastando nas minhas partes...

— Sua paturi de ovelho baixo. Fasta pra lá, Nanica de droga. Tu vai ver é já. Não come do meu pirão, mas vai entrar no meu cinturão.

— Comigo pode ser Boastardes, Bonsdias ou Boasnoites, mas eu sou moça e homem me arrespeita.

E nem falou e já sentiu o que vinha. O cinturão de quatro dedos, sola bem curtiada, começou a cantar. Apanhava a mulher de um jeito e de outro também, aos gritos de Olegantino:

— Não pára a sanfona, Mãe da Lua, senão morre!

E mais:

— Eu gosto de surrar mulher é no chorado da sanfona.

E a taca foi entrando e cortando, solta, danada, para lá e para cá.

Foi quando Mamelino veio de voz macia e já tirando a Nanica da peia.

— Não dá mais, primo, aguenta a mão que a festa tá boa...

A sola estalou rente e firme na cara do Mamelino, o de voz mansa e fina, marcando, ferrando marca de apanha na cara de homem.

— Meu primo 'tá me estranhando! Olha o trato! Ninguém deixa bater na nossa cara. Cara de Boastardes.

A mão rápida ninguém viu. Nem Olegantino que já tinha a sola do cinturão parada no ar, com um balaço no braço. E depois outro no outro.

— Primo, mata logo, que eu sou Boastardes e corpo de Boastardes ninguém fura de bala sem morrer — disse o mais velho, o de mão gorda.

E lá foi outro balaço certo no peito de Olegantino, já caindo e caído no salão, Rita Nanica desconjurando.

Foi o tanto para Vitofurno chegar, no pé da fumaça, no cheiro da pólvora. O primo ainda estrebuchava e Mamelino tinha o revólver na mão.

— Primo, olha o trato que nós fizemos. Quem bate em Boastardes tem de morrer — falou Vitofurno.

— Pois vem, primo carnal, que estou preparado.

— Pra que tu fez isso, Mamelino?

— Mata, primo, que eu tenho de morrer. Nós era três, somos dois, vamos ser zero.

E o balaço de Vitofurno saiu. Mamelino não atirou, e foi ele mesmo quem falou, no baque da bala no peito, na hora da viagem do inferno:

— Olegantino 'tá vingado...

Dois mortos no salão, no arrasta-pé da Ribeira caídos, sangrando. Vitofurno levantou os braços.

— Quem bate em Boastardes tem de morrer. Cadê a mulher que começou a sangueira? Pois se começou vai acabar.

E gritou por Rita Nanica, que não se fez de rogada. Olhou os dois no chão e perguntou:

— Que é que você quer comigo, seu Vitofurno?

Vitofurno arrancou o revólver de Mamelino morto. Quis entregar a Rita Nanica:

— Me mata, vagabunda, paturi de ovelho baixo, cadela da nossa desgraça. Atira, bem aqui no peito, onde Boastardes morre. Chega mais perto. Vamos.

Mas Rita recusando:

— Morra, diabo! se mate você mesmo, deixe de besteira que eu não vou pegar no cabo do seu revólver.

E então surgiu o tiro. Tiro grande desses de papouco. Vitofurno nele mesmo, bem no ouvido, bala procurando miolo e afrouxando sangue e nervo, apagando a vida, fogo que vai morrendo, de devagarzinho, vermelho, vermelhinho, e depois nada.

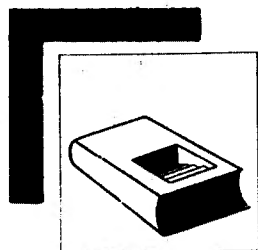
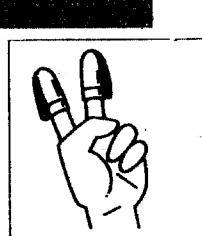
A orquestra parou.

Apenas Nanica vozeirava:

— Isto aqui se arrespeita. Nosso baile é de moça, não é de rapariga...

José Sarney

# Acabados de chegar



■ **Sine Qua Non, A Ideologia do Habitar**, Ilda Seara e Jorge Coimbra, ed. A Regra do Jogo, col. Estudos 4

«Há sempre um deus fantástico nas casas em que vivo», disse uma vez Sophia de Mello Breyner. Ilda Seara e Jorge Coimbra escrevem este importante livro de intervenção sobre as relações entre a arquitectura e a ideologia, em princípio destinado sobretudo a profissionais e estudantes de arquitectura, a sociólogos e a técnicos do urbanismo, como quem faz ainda obra militante. A primeira epígrafe do texto, de M. Tafuri, reza assim: «Tal como não é possível fundar uma Economia Política de classe, mas apenas uma crítica de classe da Economia Política, também não é possível «anticipar» uma arquitectura de classe (uma arquitectura para uma «sociedade livre»), mas tão-só introduzir uma crítica de classe da arquitectura.» Preço: 800\$00.

■ **O túnel**, Ernesto Sabato, ed. Relógio d'Água, col. Crime Imperfeito, trad. Francisco Vale

Na colecção Crime Imperfeito, um quase polêmico. Argentino, Sabato, doutorado em Física, interessado por Filosofia e tendo trabalhado em radiações atómicas, deixou tudo para escrever ficções. **O túnel** é a sua primeira novela; depois, escreveu **Heróis e Túmulos** e **Abaddón, o Exterminador**. Aqui, um pintor assassina a mulher que melhor compreende um quadro pintado por si. Capa de óptimo gosto, por Jorge Colombo.

■ **A Jóia da Coroa**, Paul Scott, ed. Livros do Brasil, col. Vida e Aventura, trad. Mascarenhas Barreto (Vol. III: As torres do silêncio)

Aí está o celebrado «The Towers of Silence», publicado pela primeira vez em 1971. **A Jóia da Coroa** deu origem a uma série de televisão, mas foi sobretudo com este terceiro volume, **As torres do silêncio**, que Scott conquistou a crítica inglesa. Ao conjunto da obra foi atribuído, em 1977, o «Prémio do Livro» da Grã-Bretanha, para o melhor romance. Impecável tradução de Mascarenhas Barreto. Preço: 695\$00.

ERNESTO SABATO  
O TÚNEL



■ **Obras escolhidas de E. Stanley Gardner e A. A. Fair, O caso da modelo erótica e Só a morte as detém**, ed. Livros do Brasil, col. Vampiro Gigante, trad. de Mascarenhas Barreto e Sylveira de Mascarenhas

A. A. Fair é o pseudónimo com que Stanley Gardner, o criador de Perry Mason, Douglas Selby, Gramps Wiggins, Terry Crane, etc., escreveu as aventuras policiais de Donald Lam e Bertha Cool. «Gardner — escreveu sobre ele um conhecido jurista americano — teria sido um dos maiores advogados do nosso país se tivesse prosseguido na sua carreira legal». Ele, de facto, licenciara-se em Direito e iniciara-se na advocacia, mas, como uma vez explicou, confiavam-lhe tantos casos que teria ficado amarrado a um mesmo sítio. Por isso, começou a escrever. Foi pugilista profissional, velejador, e atirador ao arco, à pistola e à carabina. Perry Mason é talvez a sua mais conhecida criação, por causa da série a que deu origem na televisão. Preço: 600\$00.



■ **Questionar a História, ensaios sobre a História de Portugal**, António Borges Coelho, ed. Caminho, col. Universitária

É uma segunda edição de diferentes estudos polémicos, que significam 23 anos de trabalho de Borges

SINE QUA NON



Coelho. O livro inclui os textos «A propósito de Ensaios — II, de Vitorino Magalhães Godinho», «Marx e a História, oito notas dissonantes», «Alexandre Herculano», «A crónica de D. Duarte e o problema da autoria das crónicas quatrocentistas», «História e independência nacional», «Em busca do conceito de História», «Algumas ideias sobre a sociedade em Portugal nos séculos XII-XIII», e vários outros.

■ **A pele branca das acácias**, Filipe Leandro Martins, ed. Caminho, col. O campo da Palavra

Romance. Do autor de **A Caça às Rolas** (1979) e **O Pé na Paisagem** (1981), ambos publicados, também, pela Caminho. Ele sabe que as acácias não têm a pele branca, e já nos anos 60 (deles fala o livro) o sabia, embora nesses anos «até de pele se conhecia pouco, quanto mais de árvores». Um autor que ainda se começa a conhecer.

■ **O Beco dos Malditos**, Roger Zelazny, ed. Livros do Brasil, col. Argonauta, trad. Eurico da Fonseca

Uma narrativa de ficção científica onde Saint Exupéry é evocado nominalmente, depois de ter inspirado um diálogo entre o protagonista e um «louco», que chega a ter um travo a **Petit Prince**. Numa América pós-nuclear, um condenado tenta ganhar o perdão levando a Boston, desde a Califórnia, soro para a peste.

■ **Caçada ao sr. X**, Rex Stout, ed. Livros do Brasil, col. Vampiro, trad. Irene Fernanda

Um novo policial do «desgraçado Rex Stout, tão plagiado», como gosta de lembrar Mascarenhas Barreto.

■ **In Girum Imus Nocte et Consumimur Igni! (Movêmo-nos na Noite sem Saída e Somos Devorados pelo Fogo!)** Guy Debord, ed. Fenda, trad. Júlio Henriques

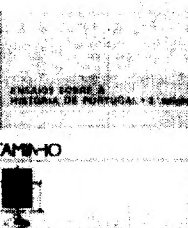
Trata-se do guião de «um filme contra o cinema», de um dos mais notáveis jovens leões situacionistas (da Internacional Situacionista). Eis como arranca o texto: «Não farei, neste filme, qualquer concessão ao público (...) nada de importante se comunicou poupando-se um público, fosse ele composto pelos contemporâneos de Péricles; e os espectadores, no espelho gelado da tela, nada vêem, presentemente, que evoque os cidadãos respeitáveis de uma democracia. Eis pois o que importa: este público, tão perfeitamente privado de liberdade, e que tudo suportou, merece menos do que qualquer outro ser poupado...»

■ **Plano para Salvar Veneza**, Jorge de Sousa Braga, ed. Fenda

É a segunda edição do pequeno livro de poemas de Sousa Braga: eles têm por vezes o sabor dos aiku — «Ao menos os teus olhos/permanecem verdes/todo o ano» ou «Nunca ouvi dizer/que alguém tivesse morrido afogado/em esperma». Outras vezes são longos, agressivos ou danados, como na «entrevista com Jim Morrison», no «Ulisses» ou em «A Lua e Marilyn».

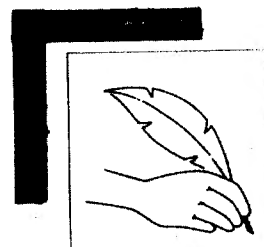
■ **Fenda, Revista de luxúria**, n.ºs 1 e 2 e **Pravda 3**

Nos dois primeiros n.ºs da «Revista de Luxúria», que são, de facto, pequenas **plaquettes**, «sketches» policiais de João Damasceno, sob o título **Alma Fria**, do nome do detective homónimo, e curtas cenas de Alice Corinthe, sob o título **Mulheres e Fêmeas**. No terceiro número da revista **Pravda**, um

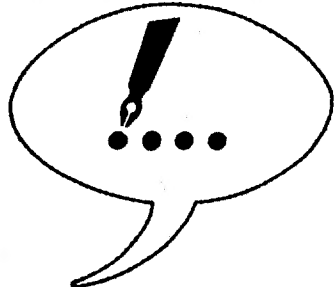


poema e um manifesto de João Damasceno: o poema chama-se **Manifesto Pânico à População das Cidades**, e o manifesto **Do fim do Império ao Império do Fim**. O manifesto, que já não é militante mas ainda é libertário, é pontilhado por epígrafes de Rimbaud, Lautréamont, Sade, André Breton. No final:

A crítica prática de indivíduos libertários não é algo que se apresenta fora das suas possibilidades, mesmo imediatas. Mas há-de mostrar-se impraticável enquanto a preocupação dominante for de carácter político, atendendo-se às formas que um certo movimento libertário revestiu. Trata-se, na determinação dos alvos e dos inimigos, de passar para além das generalidades».



■ **Adeus Goa, Adeus Lisboa**, lançado pela Castoliva Editora, é o novo livro de Joaquim Ribeiro Simões, autor em 1984 de um romance que levantou uma certa polémica, intitulado «No Reino do Zacatraz». Sublinhe-se desde já que Ribeiro Simões tem outros títulos de interesse publicados: «Aspectos e Problemas dos Testes de Inteligência» (1965) e «Dialéctica da Guerra e Paz» (1951/1977). Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas pela FLL, Joaquim Ribeiro Simões neste seu último livro proporciona-nos uma interpretação de Goa construída em dois planos: o subjectivo e o objectivo. Um discurso, por consequência, com interesse. Num dos próximos números de «Ler/Escrever» pronunciar-nos-emos sobre «Adeus Goa, Adeus Lisboa».



## O eu nos outros

«QUEM é esta que vai caminhando como a aurora quando se levanta, formosa como a lua, escolhida como sol, terrível como um exército bem ordenado, posto em campo?» (Cântico dos Cânticos, VI, 9) Esta é aquela a quem amo, a quem temo só de ver, a que me prende os dedos nas harpas invisíveis do ar. Ela surge qual um mundo no mundo, implanta-se no meu deserto, insinua água onde água não há. Estende a sombra das suas pálpebras sobre as minhas palavras quando em silêncio início o seu nome já ela de mim se aproxima. É um exército bem ordenado que trucidou o meu

## Cântico dos Cânticos

Já me ergui, já lavrei o meu protesto, solicitei já uma embaixada no seu íntimo.

Mas como um exército bem ordenado, posto em campo, ela manietou o meu desejo, dispersa os meus versos no vento rubro das flâmulas, e some-se com música no confim das areias longínquas. Eu fico-me sob os astros, construindo constelações, descobrindo o ordenamento de todo o Universo. E pergunto-me: «Fará ela parte desta ordem imensa, desta harmonia, desta conta certa...?»

Que sim, talvez que faça. E talvez seja eu, que a amo, que dou ensejo à desmesura da sua presença, que lhe oferto

predicados que ela talvez não possua, que a vejo como um exército posto no campo dos meus pensamentos. Se assim for, não estarei a cometer injustiça contra um simples ser frágil que prezaria o som da minha voz, o gesto dos meus dedos, o meu caminhar descalço pelas sendas íntimas do seu corpo...? Que eu me console, por ora, com tal ideia.

O labirinto difícil de todas as compreensões! Como seria eu um astro de prata, um astro iluminado, se ela me pensasse, e tendo-me pensado, para ela só dissesse (Cântico dos Cânticos, I, 2) «o teu nome é como o óleo derramado»!

Pedro Alvim